

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
PROGRAMA DE PÓS - GRADUÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
DANILO RODRIGUES

DA VIDA DESPERDIÇADA PARA A AFIRMAÇÃO DA VIDA:
A CONTRIBUIÇÃO DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ
MOLTMANNIANA PARA A VIDA HUMANA NA ERA
CONTEMPORÂNEA

Campinas
2017

DANILO RODRIGUES

**DA VIDA DESPERDIÇADA PARA A AFIRMAÇÃO DA VIDA:
A CONTRIBUIÇÃO DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ
MOLTMANNIANA PARA A VIDA HUMANA NA ERA
CONTEMPORÂNEA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, sob a orientação da professora Dra. Ceci Maria Costa Baptista Mariani.

Trabalho julgado e aprovado pelos docentes responsáveis em: ____/____/____

Profa. Dra. Ceci Maria Costa Baptista Mariani

Prof. Dr. Pe. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

Prof. Dr. Cesar Kuzma

**CAMPINAS
2017**

Dedico

Ao querido amigo e formador, padre Paulo Sérgio Lopes Gonçalves, por ser em minha vida o exemplo da intelectualidade e humanidade presbiteral. À querida mestra, professora Ceci, pelo apoio, incentivo e paciência. Aos meus familiares: minha mãe, Neiva, meus irmãos, Silvana e Jean, e meus sobrinhos, João e Clara, por serem presentes em minha vida. Ao querido amigo e irmão, padre Alexandre Favretto, por motivar em mim a Esperança e a todo querido povo da Paróquia de Santa Luzia em Limeira.

AGRADECIMENTOS

Concluir esta dissertação, sem dúvida, é uma vitória. Deus concedeu-me a graça da intelectualidade para falar de um assunto que sempre me despertou atenção: a espiritualidade. Já no Ensino Médio, quando residia no Seminário Santo Afonso, dos padres Redentoristas, encantava-me a leveza com que alguns sacerdotes levavam a vida espiritual. Mais do que conceitos, demonstravam na seriedade e na oração o quão importante é cultivar em nossas vidas o transcendente. Recordo-me com carinho do padre Luiz Carlos de Oliveira, mestre em espiritualidade, e que por anos foi meu orientador espiritual. Certa vez, em uma orientação, sua sensibilidade tocou minhas dúvidas e agonias: “tenha calma, pois o tempo lhe mostrará não todas as respostas, mas o que lhe for necessário para continuar a refletir”. Padre Luiz, homem simples e santo, já lançava em meu coração as primeiras sementes de que a vida espiritual se desdobraria no encontro com “orientadores espirituais” que nos ajudariam a caminhar com mais serenidade.

Na cidade de Aparecida convivi com inúmeros sacerdotes redentoristas, sempre austeros na oração e firmes nos compromissos pastorais no Santuário Nacional. De todos os serviços prestados pelos padres Redentoristas na Basílica de Aparecida, o que mais me apaixonava era o atendimento aos penitentes. A face aliviada dos que eram atendidos mostrava o quanto lhes fazia bem serem ouvidos e orientados. Aos padres redentoristas, minha gratidão por terem sido o exemplo de que a educação e o amor para com o povo simples são uma espiritualidade que enobrece a vida religiosa.

Com o passar dos anos, nos estudos da filosofia tive a oportunidade de estudar e pesquisar a vida e algumas obras de Santo Agostinho. Para concluir o bacharelado desse curso, apresentei a monografia com o seguinte tema: *O amor na filosofia de Platão e Agostinho*. Naquele tempo, recebi a orientação do querido amigo e mestre, Padre Paulo Sérgio, que me agraciou com uma extensa bibliografia sobre o tema. Desde então, com a presença do Padre Paulo no seminário, meu interesse pela vida acadêmica ganhou mais vitalidade, pois além da orientação intelectual, ouvia-me nas piores crises. Sou imensamente grato ao Padre Paulo, não somente pela presença como vice-reitor, mas pela espiritualidade que em mim despertou através da pontualidade nas orações da

manhã, das missas presididas com ânimo e empolgação, dos diálogos fraternos nos quais demonstrava preocupação com a vida humana de cada seminarista. Foi com as muitas orientações que recebi dele que me despertei para três coisas essenciais na vida comunitária: intelectualidade, alteridade e responsabilidade.

Na Teologia, encantei-me com muitas disciplinas, entre elas as de Orientação Pastoral. Sensibilizavam-me os muitos casos de estudos, dos quais um dia tive de enfrentar; conversar com pais desesperados, famílias desestruturadas e jovens padecentes com as drogas. Porém, um dia, em uma das aulas da disciplina da “Revelação”, um tema me tocou: como falar de Deus após as desgraças e desesperanças da II Guerra Mundial? Como refletir e produzir Teologia após *Auschwitz*? A indagação era feita pelo professor Padre Paulo, que respondia com a “Teologia da Esperança”, de Jürgen Moltmann. Não me restavam mais dúvidas: como levar adiante a vida espiritual e falar de espiritualidade para um mundo moderno? Como orientar os fiéis que me procurassem futuramente tendo a vida fragilizada pela falta de sentido? Para isso, redigi a monografia para a conclusão do curso de Teologia com o seguinte tema: *Esperança: elemento fundamental da Escatologia Cristã. Uma análise teológica a partir de Jürgen Moltmann.*

Com a redação monográfica orientada pelo professor Padre Paulo Sérgio, conheci uma longa bibliografia de Moltmann, pelas quais me apaixonei, e que muito me ajudaram no cultivo de uma espiritualidade encarnada, sólida e atuante. A magistral obra *Teologia da Esperança* indicou-me que a paixão de Moltmann não terminaria com a escatologia, mas abriria um maravilhoso caminho para a *Vinda de Deus* e, agora, na pesquisa desta dissertação, fiquei maravilhado com *O Deus Crucificado* e a com a *Teologia da Criação*. A paixão do Padre Paulo Sérgio pela Teologia motivou-me a seguir adiante nesta pesquisa, pois minha intuição primeira foi acertada: a espiritualidade cristã na perspectiva de Jürgen Moltmann é imbuída de esperança. É com esperança que continuo e, com ela, desejo seguir servindo ao povo que sofre as desesperanças que, infelizmente, até na Igreja sofre com nossas fragilidades. Muito obrigado por ser em minha vida a Esperança que muito preciso e na qual me espelho.

Por fim, mas não menos importante, agradeço à querida professora Ceci. Sua tranquilidade e ternura fizeram-me um pesquisador mais atencioso e paciente. Tantas vezes pensei em desistir, mas sua motivação foi a

espiritualidade que precisei para continuar. Sempre dedicada e preocupada, ajudou a lapidar todas as ideias e, quando pareciam assombrosas demais, com sua sensibilidade apontava-me outras possibilidades. “Pense com calma e chegará ao que é preponderante”. Professora Ceci foi a calma nas “dúvidas moltmannianas”, mas com firmeza e, sobretudo, com esperança orientou com maestria esta dissertação. O que não estiver satisfatório não foi de modo algum por sua negligência, mas por minhas limitações.

Te Deum

Deus infinito nós te louvamos

E nos submetemos ao teu poder

As criaturas no seu mistério mostram

A grandeza de quem lhes deu o ser

Todos os povos sonham

E vivem nesta Esperança

De encontrar a paz

Suas histórias todas apontam

Para o mesmo rumo, onde Tu estás

Senhor Jesus Cristo, nós te louvamos

E te agradecemos **teu imenso amor**

Teu nascimento, teu sofrimento

Trouxe vida nova, onde existe a dor

Nós te adoramos e acreditamos

Que és o Filho Santo do nosso Criador

E professamos tua **verdade**

Que na **humanidade plantou tamanho amor**

Deus infinito, teu Santo Espírito

Renova o mundo sem jamais cessar

Nossa Esperança, nossos projetos

Só se realizam quando Ele falar

Todo poderoso, somos o teu povo

Que na Esperança vive a caminhar

Dá que sejamos teu povo santo

Que fará do mundo teu trono e teu altar

RESUMO

O objetivo desta dissertação é apresentar a espiritualidade cristã na perspectiva moltmanniana e sua vivência na sociedade. Para apresentar o quadro atual da sociedade, utilizaremos as análises do sociólogo Zygmunt Bauman, autor que levanta as fragilidades, desesperos e desesperanças de uma sociedade líquida. Com as reflexões do teólogo Jürgen Moltmann discorreremos, dissertando por meio da sensibilidade expressa em sua obra sobre as esperanças para uma espiritualidade encarnada e comprometida. O texto está sistematizado em três capítulos: no primeiro foi exposto como compreender a espiritualidade cristã e sua centralidade – desse núcleo, convergem as escolas de espiritualidades com diversos carismas que nasceram das experiências de grupos liderados por fundadores de Comunidades e Congregações. Ainda no primeiro capítulo, inferimos sobre o pensamento de Moltmann sobre a espiritualidade cristã que não se limita aos consagrados em uma congregação religiosa, mas a todos os cristãos. No segundo capítulo, abordamos as desesperanças as quais apontamos como fragilidades e desesperos de uma sociedade consumista e insatisfeita com a vida – os valores para uma vida sólida, com respeito, alteridade e altruísmo foram liquefeitos, o que deu espaço à preocupação exacerbada com o corpo e a viciante busca pelo poder financeiro. No terceiro capítulo, retomamos as reflexões moltmannianas sobre a espiritualidade cristã. Para Moltmann, não há vida espiritual desencarnada da realidade, por isso a necessidade em resgatarmos as vítimas da desesperança e conduzi-las na busca de uma vitalidade que as liberte da opressão. A libertação faz parte da espiritualidade cristã na perspectiva moltmanniana; a transformação do mundo acontece quando o cristão age na sociedade, combate a indiferença e enfrenta as injustiças. Das arbitrariedades que oprimem a vida espiritual, há também o descaso para com o Planeta e seu sistema ecológico, a poluição e o desmatamento que maltratam a Terra e colocam em risco a existência da Criação. Por isso, Moltmann, em sua sensibilidade, nos apresenta uma espiritualidade ecológica que transforma nossas atitudes frente ao próximo e para com toda a Criação.

Palavras-chave: Espiritualidade Cristã, Esperança, Sociedade Líquida, Moltmann, Bauman.

ABSTRACT

The aim of this dissertation is to present Christian spirituality in the Moltmannian perspective and its experience in society. To present the current picture of society we will use the analyzes of the sociologist Zygmunt Bauman that raises the frailties, despair and despair of a liquid society. With the reflections of the theologian Jürgen Moltmann we will spread through his sensitivity the hopes for an incarnated and committed spirituality. The text is systematized in three chapters; In the first it was exposed how to understand Christian spirituality and its centrality; From this nucleus converge the schools of spiritualities with various charisms that were born from the experiences of groups led by founders of Communities and Congregations. Yet in this chapter we have already inferred Moltmann's thinking on Christian spirituality; Which is not limited to those consecrated in a religious congregation, but to all Christians. In the second chapter; We approach the despair that we point out as fragilities and despair of a consumer society and dissatisfied with life. The values for a solid life with respect, alterity, and altruism have been liquefied and gained ground to the exacerbated preoccupation with the body and the addictive mania for financial power. The third chapter retakes the Moltmannian reflections on Christian spirituality. For Moltmann there is no such thing as a spiritual life disembodied from reality, hence the need to rescue the victims of hopelessness and lead them to a vitality that will free them from oppression. Liberation is part of Christian spirituality in the Moltmannian perspective; The transformation of the world happens when the Christian acts in society and fights indifference and faces injustice. From the arbitrariness that oppresses the spiritual life there is the neglect towards the Planet and its ecological system; Pollution, deforestation are mistreating the Earth and jeopardizing the existence of Creation. For this reason, Moltmann in his sensibility presents us with an ecological spirituality which transforms our attitudes towards our neighbor and towards all Creation.

Keywords: Christian Spirituality, Hope, Liquid society, Moltmann, Baumann

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
Capítulo I	21
As fragilidades e as desesperanças da Sociedade Contemporânea	21
1 Introdução	21
2 A sociedade líquida e sua liquidez.....	22
3 As desesperanças: o trabalho em um mundo consumista	30
4 O enfraquecimento das relações humanas.....	38
4.1 As relações no mercado dos consumistas.....	42
Capítulo II	49
A espiritualidade cristã	49
1 Introdução	49
2 Compreendendo a espiritualidade cristã	50
2.1 A espiritualidade cristã e seu centro: Jesus	52
3 A importância da Palavra para a espiritualidade cristã	56
4 Jürgen Moltmann e a espiritualidade.....	65
4.1 Jürgen Moltmann: uma vida na esperança.....	73
Capítulo III	77
Uma espiritualidade que resgata as vítimas das desesperanças.....	77
1 Introdução	77
2 A Esperança em Jürgen Moltmann: uma espiritualidade social	79
3 Espiritualidade: um resgate das vítimas por meio da Esperança e da Cruz ...	84
4 A transformação do mundo: Deus agindo na comunidade.....	91
4.1 - A Comunidade transformadora: a vida e o mundo transformados .	93
5 A esperança no cuidado com o planeta: uma espiritualidade ecológica.....	99
6 Espiritualidade ecológica e a falta da esperança: um eminente risco de	
extermínio da Criação.....	112
CONCLUSÃO	116
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	124

INTRODUÇÃO

Dissertar sobre a espiritualidade cristã em um mundo contemporâneo frágil é analisar as possibilidades de um mundo melhor onde o ser humano possa encontrar um sentido para sua existência e alcance a felicidade. A espiritualidade cristã é um tema atual. Congressos, seminários e debates tocam de maneira preponderante sobre este assunto. Para discorrer melhor sobre o tema, recorreremos ao teólogo Jürgen Moltmann que em suas obras nos aponta, de modo sensível, uma espiritualidade da esperança. A vida espiritual necessita ser vitalizada tendo como base os acontecimentos cotidianos. Há muita confusão sobre o que de fato é a espiritualidade; alguns a definem como uma elevação do espírito e esquecem do corpo. A dicotomia espírito-corpo é um relativismo que a espiritualidade na perspectiva moltmanniana combate de maneira incisiva. Para o teólogo, deve haver uma harmonia entre o espírito e o corpo, de modo que os acontecimentos em nossa vida se tornem uma fonte para a espiritualidade (MOLTMANN, 1997, p.78).

Na modernidade líquida não há fatores que favoreçam a espiritualidade, embora haja um grande esforço dos cristãos para vivenciá-la. A liquidez é alucinante: poder, riquezas, consumismo, intimismo e o individualismo. Essas alucinações são como que um “sedativo” para o ego humano. Comprar e possuir riquezas anestesia a necessidade de refletir sobre a vida, e pensar sobre a existência é alimentar uma espiritualidade encarnada que vive os dramas do cotidiano. Dessa maneira, no primeiro capítulo, com o título “As fragilidades e desesperanças da sociedade contemporânea”, abordamos o individualismo da sociedade. A cada dia que passa presenciamos a liquefação dos valores humanos, a individualidade, a liberdade e a desfragmentação das famílias. A liberdade, que é sonho de toda a sociedade, está sendo confundida com libertinagem, e poucos sabem discernir entre a honestidade e a comodidade. As crianças não são educadas para terem limites e, com isso, a individualidade deixa de existir e cede seu lugar para o egoísmo e para o individualismo. A caridade para com o próximo, assim como o respeito para com os semelhantes, “evapora-se” do dia-a-dia da sociedade contemporânea.

Frente a essas questões da liquidez percebemos a insensibilidade humana e a falta de uma espiritualidade atuante. Não se pode pensar no Cristo e em uma vida espiritual cristã sendo egoísta e esquecendo o afeto pelo próximo. Assim, como não há dicotomia entre corpo-espírito, não há também como separar espiritualidade cristã das práticas evangélicas.

A grande busca do ser humano na sociedade líquida é pela felicidade, mas nessa procura ele acaba se esquecendo das normas essenciais para uma convivência sadia e feliz. Embora a felicidade não seja ter uma vida perfeita, a ausência de percalços também não significa que a vida está plena de alegria, por isso, o respeito para com os limites do corpo é essencial. O consumismo não poupa nenhuma classe social e o *slogan* do consumo é único: “compre e seja feliz”. Nessa ansiedade pela busca de saciedade, muitos jovens são seduzidos pelos anabolizantes, pois difunde-se que um corpo belo é essencial para ser feliz, mesmo que isso lhes custe a vida. As drogas lícitas, como o álcool, são oferecidas para aqueles que desejam “afogar as mágoas”, mas não conseguem impor limites, e o vício acaba com a esperança de uma vida feliz.

A liquidez chegou às críticas. Constatamos que nas escolas de ensino fundamental e até nas universidades há uma “inteligência superficial” com “críticas desdentadas” (BAUMANN, 2001, p. 34). Há uma desesperança na educação, já que em tempos saudáveis os professores eram respeitados e realmente encontravam turmas felizes em aprender. Hodiernamente as escolas e universidades enfrentam uma educação líquida: pouco valor às aulas presenciais e pouco interesse para com as pesquisas. A criança que não é educada na escola está refletindo a má educação que recebeu dos pais em casa e, futuramente, será um jovem “opaco” que não saberá refletir sobre a vida com seriedade e certamente causará muitos transtornos para a sociedade.

A sociedade moderna é padecente pela falta de esperança. Com o advento das novas tecnologias, principalmente as da comunicação, as relações estão sendo enfraquecidas. O celular substitui o diálogo fraterno e familiar e, com isso, os integrantes de uma família passam a ser estranhos uns para com os outros; as relações familiares de fraternidade estão se liquefazendo. Como será o futuro se, no presente, não estamos conseguindo dialogar para além dos celulares? Haverá esperança para uma sociedade que não sabe tolerar as ideias dos outros, ou que está confusa com as muitas informações que recebe pelos “sites” da *internet*? As

respostas a essas indagações virão com o tempo, porém já estamos vivenciando a falta do diálogo e a degradação da família.

Após abordarmos as desesperanças da contemporaneidade líquida, no segundo capítulo nos propusemos a apresentar “A espiritualidade Cristã” como uma alternativa para a sociedade desesperada e dominada pelo egoísmo. O centro dessa vivência cristã é Jesus que em seu mandamento de amor para com Deus e com o próximo estreita os laços das relações humanas e nos ensina a partilhar as alegrias e tristezas da vida. A *lectio* orante por meio da Palavra na espiritualidade cristã é uma maneira para refletir na vida os dizeres de Jesus que, encarnados em nossa realidade, nos conduzem para uma vida concreta na caridade e no amor. Toda a espiritualidade cristã encontra na Palavra o exemplo para sua atuação; por meio dos relatos bíblicos, a espiritualidade é enriquecida e o cristão é orientado para a esperança, pois na Palavra encontramos o próprio Deus animando seu povo com esperança. Ainda no segundo capítulo, inferimos as reflexões moltmannianas sobre a espiritualidade. A esperança que o teólogo aborda em seus artigos e livros é o elemento fundamental em sua perspectiva sobre a espiritualidade.

A vida de Jürgen Moltmann fora um exemplo de espiritualidade baseada na esperança, por isto no primeiro capítulo fizemos uma abordagem sucinta que permite explicitar o quanto sua vida foi marcada por acontecimentos que ele soube vivenciar sem perder a esperança. As atrocidades da II Guerra Mundial não o tonaram uma criatura obcecada por vingança, revolta e ódio, ao contrário, Moltmann viu no desespero uma oportunidade para seu crescimento humano-espiritual. Prisioneiro em *Northon-Camp*, não fez do ostracismo uma murmuração, mas com esperança vivenciou a oportunidade que necessitava para estudar e refletir sobre a vida. Seguindo com sua vida na liberdade, pôde estudar Teologia e redigir uma vasta obra sobre escatologia, trindade e temas atuais, como o cuidado com a ecologia.

Para Moltmann a espiritualidade cristã deve ser vivenciada por meio dos acontecimentos da vida. Ignorar o que a vida traz para o ser humano é abafar o Espírito de Deus, o que impede o desenvolvimento da espiritualidade. A vida tende, de modo natural, a sofrimentos e alegrias, ou seja, possui uma dinâmica na qual não podemos ser apáticos. A apatia pela vida desagrega a espiritualidade e a torna apenas um sentimento de “autopiedade” por aquilo que não se obteve

sucesso. Uma espiritualidade encarnada com esperança é o enfrentamento com ousadia e coragem das fragilidades da vida e, sobretudo, é o aprendizado e o fortalecimento possível ao ultrapassar cada obstáculo. A espiritualidade na perspectiva moltmanniana permite ao ser humano uma comunhão total com o Criador. Não é somente após a morte que encontraremos o Céu, mas pela comunhão com Deus já iniciamos o Reino no mundo em que estamos vivendo.

A apatia pela vida e a resignação perante os acontecimentos é o “pior veneno” que a espiritualidade pode encontrar. A conformação com a corrupção e a aceitação da falta de respeito para com a vida humana emudece a espiritualidade cristã. Por isso, vitalizar nossos pensamentos sobre a vida e tomar coragem para vencer as distorções na política e em toda a sociedade é alimentar a espiritualidade de modo que desperte em nosso comportamento uma esperança ativa, a fim de insistirmos e persistirmos nas mudanças que o mundo necessita. Ao acolher um novo estilo de vida provocado pela esperança o cristão não se conformará com a situação de pobreza e miséria, porque a espiritualidade não é resignação, mas é uma esperança provocativa para mudar as tristes realidades de morte que há na sociedade.

Moltmann, em sua perspectiva cristã sobre a espiritualidade, afirma que a proximidade com Deus faz florescer em nossas atitudes uma esperança que luta contra todo tipo de pessimismo. Assim, na verdade, o desemprego, as desavenças familiares e as crises interiores são espaços para a ação do Espírito e, com a nossa permissão, podem vitalizar a existência. A vida espiritual é um presente que Deus concede a todos que insistem na esperança e percebem nas dificuldades a sua presença, pois Deus, que é nosso companheiro, não nos abandona jamais.

Com a espiritualidade cristã na perspectiva moltmanniana a amizade com Deus é a ponte que permite nosso relacionamento com o próximo. É impossível ser autêntico na espiritualidade sendo apático com o próximo. O fechamento da vida em si mesmo reduz a alegria das relações, seres humanos amargos e rancorosos não conseguem viver nenhuma espiritualidade, pois estão presos em suas doenças e murmurações. O mundo será vitalizado pela espiritualidade quando o ser humano se abrir para as relações e nelas perceber que é possível a graça da amizade, sem rotular o seu semelhante como um competidor que lhe deseja o mal. Uma espiritualidade comunitária é a saída que o mundo precisa

para que haja menos conflitos, menos sentimentos que instigam o ódio e ferem diretamente a convivência fraterna. Na vivência comunitária, a revitalização das relações passa pela conversão pessoal; ao tratar os amigos com cordialidade estaremos construindo relações fraternas e desinteressadas. Embora o mundo não propague a importância de nos relacionarmos para além dos interesses, é preponderante para a espiritualidade uma convivência honesta e sadia.

Após apresentarmos a importância da espiritualidade e, junto dela, a esperança como elemento fundamental na perspectiva moltmanniana, no terceiro capítulo abordamos “Uma espiritualidade que resgata as vítimas das desesperanças”. Nesse capítulo estamos partindo de algumas obras essenciais para a compreensão da espiritualidade cristã na perspectiva de Jürgen Moltmann. Como já apresentamos, seu entendimento sobre o tema parte do princípio de que a vida é que nos proporciona experimentar a espiritualidade em sua totalidade, sendo assim, no capítulo V do livro *Teologia da Esperança*, encontramos uma perspectiva de uma espiritualidade social na qual não há estagnação do tipo que espera somente a intervenção divina para mudar o mundo. O homem em seu caminho deve rever suas atitudes e perceber que é necessário refletir sobre a vida de modo comprometido. A vivência da esperança na sociedade é possível quando o ser humano deixa de se fazer vítima dos problemas e passa a procurar soluções que o humanizem. Um futuro digno para a sociedade só acontecerá quando nos despertarmos para a esperança, pois mesmo em meio a tantos conflitos e ódio existe um recomeço, e para isso basta a nossa conversão.

O Estado deve oferecer à sociedade os meios básicos para sua sobrevivência: moradia, saúde, educação e emprego. Sem essas necessidades básicas para o seu desenvolvimento o ser humano não atingirá a sua totalidade e a espiritualidade não será um caminho que vitalizará sua vida. Quando o Estado falha no cumprimento de seus deveres, a sociedade acaba trilhando caminhos egoístas, mesquinhos e individualistas. A espiritualidade e a esperança não permitem o fechamento social que conseqüentemente gera vítimas pelo preconceito e degeneram a vida. É inadequado para a espiritualidade e para a esperança uma sociedade que não pensa no bem comum e vive perdida sem expressar opinião e tomar posição a favor da vida. Em geral, pessoas mais abastadas, seja hoje ou no passado, pouco se importam com as crianças de rua, os sem teto ou com as filas nos hospitais. A busca pela justiça, porém, é

impulsionada pela esperança de um mundo melhor que, para os cristãos, deve ser apresentada em práticas que desmantelem tais injustiças.

Podemos nos indagar: seria a esperança uma constatação de acontecimentos pessimistas e negatividades? Não. Mas é a esperança um elemento fundamental e um despertador para a espiritualidade cristã que não pode ser apática diante das tristes realidades do mundo. A esperança, a todo momento, questiona nossas atitudes negativas frente ao mundo e também apresenta as suas maravilhas: homens que se reconciliam, países que unem forças pela paz e promovem a dignidade humana. Muitas crianças e jovens apresentam em suas atitudes uma esperança encarnada, partilhando suas vidas e o pouco que possuem, pois acreditam e lutam por um mundo justo que se inicia com a prática do amor altruísta, pelo qual todos são beneficiados sem exigir nada em troca. Assim, para Moltmann a melhor maneira para viver a espiritualidade cristã da esperança é estar no mundo e agir na sociedade de modo esperançoso, sem permitir que a apatia faça sombra em nossas atitudes.

As atitudes do cristão que acredita na esperança não podem permanecer apenas no discurso ou no papel. É necessário vencer o mal com o bem e essa vitória só é possível quando resgatamos as vítimas que padecem na sociedade. A sociedade industrializada pouco pensa nas consequências que as poluições das grandes fábricas produzem; diretores, empresários e funcionários estão encantados com os altos lucros e já se tornaram vítimas do capitalismo utilitário e excludente. Ao ser vitalizado pela espiritualidade cristã, o homem não será mais escravo do dinheiro e perceberá que, além do lucro, há outros prazeres na vida. O empresário que faz um caminho espiritual de esperança será sóbrio no trato com seus colaboradores e não permitirá que o capital financeiro seja o seu ego.

Em sua obra: *O Deus Crucificado* Jürgen Moltmann apresenta-nos uma espiritualidade da cruz, uma proposta libertadora e que promove a vida humana, não por assistencialismos, mas por verdadeiro auxílio na libertação da condição de miséria e na conquista dos direitos das pessoas. O resgate das vítimas nesse mundo moderno líquido acontece quando a espiritualidade desperta nas atitudes humanas a consciência de que o individualismo não pode permanecer em nossas relações. O fechamento social tem produzido doenças. Depressivos e estressados estão cada vez mais insatisfeitos com a existência e penalizam o mundo por tudo o que lhes acontece. Há um “espiritualismo” que engana há

muitos, religiões que visam ao lucro e pregam de modo doentio a prosperidade, no entanto não conseguem resgatar as vítimas que sofrem da miséria financeira e espiritual. A promessa pela prosperidade é encantadora, porém desencarnada e mesquinha; não há libertação para quem pensa somente no próprio sucesso financeiro e se esquece do próximo.

O mundo capitalista não para de produzir vítimas que padecem na sociedade líquida. Assim como o Cristo crucificado foi vítima de um sistema religioso e político corrupto, os sofrendores da modernidade estão sendo crucificados por não possuírem privilégios financeiros e *status*. A luta contra esses meios que vitimizam o ser humano continua de maneira audaz, porém insuficiente, pois o desmatamento cresce a cada ano prejudicando também povos indígenas que perdem suas terras, cedidas de maneira corrupta aos latifundiários. O resgate das vítimas deve acontecer não somente pela justiça, mas também por atitudes dos cristãos que, vivendo a espiritualidade da Cruz, sentem compaixão pelos sofrendores e por eles vão lutar e exigir que a justiça aconteça. O Crucificado sempre traz consigo a vitalidade que movimenta nossas atitudes. Ao contemplar a cruz, o cristão não pode se conformar com o trabalho escravo e com a poluição de seu Planeta e os perseguidos não podem se sentir sozinhos. Cristo os acompanha e pede que não se conformem com a injustiça do mundo.

O mundo precisa ser transformado e vitalizado, e essas ações acontecem quando o cristão está consciente de sua missão, contempla a Criação com respeito e inclui em suas atitudes uma espiritualidade transformadora. Deus age no mundo de diversas maneiras, sendo que, na espiritualidade cristã em perspectiva moltmanniana, podemos abordar o *pathos* divino, uma atitude apaixonada do Criador que de modo algum deixa a criação solitária – Ele está com ela e sente compaixão de suas misérias e sofrimentos. A sociedade pode ser transformada quando vivenciar o *pathos* em suas atitudes e tratar com caridade e compaixão seus semelhantes. O ser humano necessita compreender e praticar a essencialidade de ser criatura e não Criador. A parceria que Deus deseja com a sua criação é de colaboração e ação. Juntos, a sociedade é transformada e o orgulho é vencido pelo amor.

A espiritualidade cristã em perspectiva moltmanniana toca nas feridas humanas. A falta de humildade tem corrompido as atitudes de modo que o homem deseja para si a eternidade por meio do dinheiro. As famílias pouco

convivem e uma exorbitante quantia financeira basta para a felicidade aparente. O dinheiro que ganham gerenciando empresas alarga seus patrimônios, mas não estreita suas relações; vivem na mesma casa como estranhos e substituem o diálogo pela alta tecnologia; celulares, *internet* e grandes televisores ofuscam os olhares e penetram nos pensamentos, a cada dia aumentando a distância familiar. Grandes empresas não sabem mais lidar com seus funcionários; substituíram a mão de obra qualificada por máquinas que não geram reclamações e não cobram hora extra. O funcionário dedicado é dispensado e cresce cada vez mais a cultura do descartável; não serve, é desprezado e condenado à miséria. Na perspectiva moltmanniana, a espiritualidade nos traz a humildade para reconhecermos nossas finitudes e também a necessidade em nos qualificarmos em uma profissão. A finitude humana em face da morte não é uma derrota, mas o fim natural da vida que nos devolve ao Criador. Quando o empresário compreender que sua vida terrena não será eterna, passará a tratar melhor seus colaboradores, se desprenderá do dinheiro, passará a ser humilde e humanizará suas atitudes.

A espiritualidade cristã, na perspectiva moltmanniana, chama-nos ao cuidado para com o Planeta e sua ecologia. A cultura da sociedade líquida não zela pelo ecossistema, mas supervaloriza o descartável, e assim como tratamos os seres humanos estamos lidando com a natureza que a cada dia padece com nossos desmandos. Grandes tsunamis, terremotos, tempestades e desequilíbrios na natureza são um alerta a toda humanidade; precisamos cuidar do Planeta com mais atenção. A espiritualidade nos chama atenção para a questão: até quando o Planeta sobreviverá com a poluição e os desmatamentos que estamos causando? Moltmann, em sua sensibilidade cósmica, nos alerta para que não sejamos os grandes “faraós” da Terra, fazendo-a nossa escrava, mas tenhamos toda responsabilidade e cuidado para não a colocarmos em risco, uma vez que somos parte da Criação. Aniquilando o Planeta também seremos exterminados.

A “humildade cósmica” refletida por Moltmann não é uma supervalorização da natureza, mas um resgate do respeito para com a ecologia. As áreas verdes e florestas estão desaparecendo e, em seus lugares, grandes edifícios, empresas e fábricas estão sendo construídos. A relação de respeito para com os animais e toda a Criação tem sido perdida em nome do capital financeiro. As duas grandes guerras mundiais, assim como as bombas em Nagasaki e Hiroshima, foram as

provas concretas do desrespeito humano para com a Criação. Hitler, com seu orgulho doentio e desejo pelo poder, não respeitou a Criação, mas desejou ser o criador de uma ideologia excludente que pôs fim à vida de muitos.

Ainda não estamos livres das consequências irresponsáveis da falta de respeito com a natureza. As ameaças atômicas são uma realidade atemorizadora que a qualquer momento podem colocar em extinção toda a Criação. Lembrando-nos de história mais recente, todos ficamos em alerta com a explosão na usina de Fukushima, e tal fato nos revela que precisamos nos sentir parte da Criação e não meros moradores do Planeta. Além das usinas nucleares, há o risco das armas atômicas, e estas podem ser utilizadas por grupos fundamentalistas que, não suportando mais a pluralidade da vida, podem destruir países, povos e todo o Planeta. O risco de um extermínio do Planeta nunca esteve tão presente como nos dias atuais. Algumas organizações estão nos alertando para isso, mas poucos estão ouvindo. Porém, a Terra sobreviverá sem a presença humana, mas o homem não existirá sem o Planeta. O que será da raça humana quando, em nome do dinheiro, as águas estiverem poluídas? O que faremos com as grandes edificações que derrubaram bosques e florestas se não houver sombra e alimento suficiente para todos? Mais do que nunca, o ser humano precisa de uma espiritualidade do cuidado, que tome de maneira preponderante o respeito e o zelo para com o Planeta.

A Terra precisa descansar e, com ela, todos nós. A intervenção humana direta sobre o Planeta está gerando um caos total. Além do *stress* pelo trabalho excessivo a ecologia está pedindo nossa ajuda: os rios que poluímos e a camada de ozônio demonstram que o ritmo com o qual exploramos a natureza é exagerado. Nos relatos bíblicos sobre a criação, Deus descansou após ter criado o mundo, portanto é imprescindível que o homem descanse para que a natureza possa se recuperar e todo seu sistema ganhe novo fôlego. No descanso o homem pode contemplar a Criação e amá-la, como também pode conviver com sua família. Embora a modernidade despreze o convívio, na espiritualidade é importante que o homem tenha tranquilidade para estar com aqueles que lhe são queridos. A agitação humana e a exploração da Terra mostram o quanto estamos desconectados da Criação e não nos sentimos parte dela; como é possível ferirmos os animais e colocá-los em risco de extinção? A biodiversidade do Planeta está sofrendo com a deficiência humana em entender que é importante

respeitar os limites; florestas, mar e ar não estão suportando o desequilíbrio. A qualquer momento podem responder de maneira calamitosa aos nossos desmandos.

Capítulo I

As fragilidades e as desesperanças da Sociedade Contemporânea

1 Introdução

Nosso principal objetivo neste capítulo é analisar a sociedade moderna e apontarmos que ela padece de desesperança. São muitos os indicativos que mostram as desesperanças, porém nos aprofundaremos em três aspectos: **1) a liberdade humana e sua vivência individualista**, que a cada dia ocupa a vida humana através do egoísmo – o ser humano livre está sem rumo e, não sabendo lidar com a liberdade, acaba se isolando. **2) A desesperança no mundo do trabalho** – embora o mundo capitalista seja cruel e consumista, a falta do trabalho traz sérias consequências às famílias, afetando também a toda a sociedade. Viver sem a garantia do sustento necessário é uma desesperança latente na sociedade líquida moderna. **3) O enfraquecimento das relações humanas**, nas quais encontramos grande dificuldade para conviver de maneira tolerante com o outro – O amor e a sexualidade caíram na complexa liquidez do mero prazer e, com isso, a desesperança tem assolado as relações.

Para fazermos essa análise, recorreremos ao sociólogo polonês Zygmunt Bauman. Sua sociologia é marcada pela crítica à sociedade consumista e tênue

em suas ações. Para explicar de maneira mais clara suas posições, Bauman usa o termo “líquido”, ou seja, a sociedade e as relações estão líquidas, significando que em algumas formas sociais de vida não há consistência.

Essa análise da sociedade líquida contemporânea servirá de base para o terceiro capítulo, no qual iremos analisar e propor uma espiritualidade que é vivenciada a partir das desesperanças. Moltmann, em sua sensibilidade espiritual, entende que os dramas da vida fortalecem nossa participação na sociedade e nos conduzem para uma vivência que enriquece a espiritualidade cristã. Vencendo os obstáculos da vida encontramos a felicidade.

2 A sociedade líquida e sua liquidez

Ao apresentar as reflexões que Bauman faz sobre a sociedade líquida, nos deparamos com uma verdadeira análise do comportamento humano e suas relações no mundo capitalista e consumista. A liquidez é o termo que o autor usa para expressar a fragilidade social do ser humano. Para entendermos o que é a expressão “líquida” recorreremos à explicação do próprio escritor:

Fluidez” é a qualidade de líquido e gases. O que os distingue dos sólidos, como a enciclopédia britânica, com a autoridade que tem, nos informa, é que eles “não podem suportar uma força tangencial ou deformante quando imóveis” e assim “sofrem uma constante mudança de forma quando submetidos a tal tensão”. (BAUMAN, 2001, p.7)

A explicação do termo “fluidez” é um esforço de Bauman em definir a dificuldade que a sociedade enfrenta: a perda do sentido da vida e o enfraquecimento dos valores. A fluidez não se sustenta como o sólido, por isso, ela não é estável. Portanto, ao afirmar que a sociedade, a vida, os valores, as relações e os sentimentos estão na fluidez Bauman apresenta o estágio em que a Era Moderna se encontra: líquido (Bauman, 2001, p.8).

A sociedade líquida enfrenta o desespero em não saber vivenciar a liberdade. No século XIX havia uma estrutura familiar muito diferente da atual, por exemplo, no que tange à educação de filhos – o que os pais transmitem aos filhos hoje foi alterado. O pudor e a vergonha em falar sobre determinados tabus foi sendo ocupado pela busca livre de um pensamento emancipado das tradições religiosas e familiares. Porém, como falar livremente com toda a família sobre a

sexualidade? As traições conjugais assombram os cônjuges, mas a liberdade dos dogmas religiosos não traz soluções e respostas para a amargura matrimonial. Portanto, há liberdade na sociedade moderna, mas não sabemos conviver harmonicamente com ela (Bauman, 2001, p. 25).

As reuniões familiares marcadas pelo afeto e proximidade perderam seu espaço para a fadiga de horas de trabalho. A mulher emancipada e livre não é a dona de casa que se atarefa com a educação dos filhos e o zelo pelo lar, mas aquela que busca sua alforria por meio dos estudos e dos trabalhos fora de sua casa. Os filhos também estão livres: trabalhar e estudar longe do olhar protetor dos parentes é uma conquista para o jovem que anseia por autonomia (Bauman, 2001, p.26).

As questões familiares são pequenos exemplos das dificuldades que a sociedade líquida enfrenta em relação à liberdade. Há outras ainda e, para exemplificar melhor, Bauman relata uma versão apócrifa da Odisseia:

Os marinheiros enfeitiçados por Circe e transformados em porcos gostaram de sua nova condição e resistiram desesperadamente aos esforços de Ulisses para quebrar o encanto e trazê-los de volta à forma humana. Quando informado por Ulisses de que ele tinha encontrado as ervas mágicas capazes de desfazer a maldição e de que logo seriam humanos novamente, fugiram numa velocidade que seu zeloso salvador não pôde acompanhar. Ulisses conseguiu afinal prender um dos suínos; esfregada com a erva maravilhosa, a pele eriçada deu lugar a Elpenoros - um marinheiro, como insiste Feuchtwanger, em todos os sentidos mediano e comum, exatamente "como todos os outros, sem se destacar por sua força ou por sua esperteza". O "libertado" Elpenoros não ficou nada grato por sua liberdade, e furiosamente atacou o seu "libertador": Então voltaste, é tratante, ó intrometido? Queres novamente nos aborrecer e importunar, queres novamente expor nossos corpos ao perigo e forçar nossos corações sempre a novas decisões? Eu estava tão feliz, eu podia chafurdar na lama e aquecer-me ao sol, eu podia comer e beber, grunhir e guinchar, e estava livre de meditações e dúvidas: "o que devo fazer, isto ou aquilo?" Por que vieste? Para jogar-me outra vez na vida odiosa que eu levava antes? (Bauman, 2001, p.28)

Este conto apócrifo, desperta relevantes reflexões sobre a sociedade moderna líquida. A liberdade tão pleiteada pelos sonhadores de um mundo independente dos mitos e algemas do preconceito não sabe discernir: a autonomia é uma maldição ou uma benção? Para Elpenoros, o marinheiro que voltou à forma humana, a liberdade era o pior castigo, pois teria que voltar a pensar e a tomar decisões (Bauman, 2001, p.28).

O preço da liberdade na modernidade líquida é pensar, pois esta atividade do intelecto humano exige que o homem esteja livre para assumir as decisões

pensadas. Raciocinar sobre as atitudes e ter a coragem de assumir que os valores da vida estão na liberdade que o ser humano não quer assumir: “a verdade que torna os homens livres é, na maioria dos casos, a verdade que os homens preferem não ouvir” (Bauman, 2001, p.28). Ouvir que estamos errados ao agredir o próximo por meio de estúpidas guerras, ou ainda, assumir que interesses capitalistas estão matando os pobres e tirando-lhes a esperança é ofensivo, mesmo para quem deseja a liberdade (Bauman, 2001, p.28).

Para ser feliz nessa sociedade líquida-moderna basta ser livre? Ou a liberdade traz consigo o anseio pela felicidade? As duas questões são respondidas por Bauman: “a liberdade não é garantia de felicidade” (Bauman, 2001, p. 29), assim, não basta sermos livres para atingir em nossa vida a satisfação pela felicidade, ao passo que buscando a liberdade conquistamos também a felicidade. Portanto, felicidade e liberdade estão ligadas e ambas correm o risco de cair no individualismo solitário se consideradas somente na busca pelas satisfações pessoais (Bauman, 2001, p.29).

A busca pela realização pessoal tem sido interpretada de modo confuso como a satisfação em produzir e consumir. O ter e o fazer ocupam o lugar da liberdade e da felicidade. Há muitos seres humanos presos pelo consumo capitalista, outros tantos estão afoitos em produzir capital, pois sem ele não serão reconhecidos na sociedade líquida. Desse modo, a felicidade estará também sendo confundida com o prazer das facilidades materiais (Bauman, 2001, p.29).

A sociedade líquida tem normas e leis muito claras aos consumidores e aos produtores: comprar. Aqueles que não estão dentro dessas normas serão punidos e ficarão encarcerados e infelizes na sociedade. Émile Durkheim considera que, nesse caso, há uma coerção social, pela qual somos levados a comprar e a vender como a única esperança para continuarmos livres, felizes e realizados. Assim, quem deseja liberdade e busca a felicidade terá que se submeter a esse modelo social, pois “a liberdade não pode ser ganha contra a sociedade” (Baumann, 2001, p.30). Não aceitar essa norma de “venda e consumo” é rejeitar a felicidade (Bauman, 2001, p.30).

A vida perde sua paz quando os indivíduos, de algum modo, brigam contra as normas da sociedade consumidora. Uma rebelião contra o capitalismo traz “uma agonia perpétua” (Baumann, 2001, p.30). Para Bauman, não há contradição entre dependência e libertação, pois sempre se pode estar livre das normas e leis

ou sob o fardo delas. A dificuldade não está em seguir a norma e a lei, mas na liberdade perdida quando elas são impostas sem que o indivíduo reflita sobre como estão sendo aplicadas à sua existência. Por outro lado, viver sem nenhuma norma, portanto uma anomia, também é agonizante:

A ausência, ou a mera falta de clareza, das normas – anomia – é o pior que pode acontecer às pessoas em sua luta para dar conta dos afazeres da vida. As normas capacitam tanto quanto incapacitam; a anomia anuncia a pura e simples incapacitação. Uma vez que as tropas da regulamentação normativa abandonam o campo de batalha da vida, sobram apenas a dúvida e o medo. (Bauman, 2001, p.31)

Tendo em vista as normas e as leis para seguir rumo à felicidade e à liberdade, como o ser humano pode lidar com a sua existência sem cair em uma rotina de incertezas que o conduza para uma infelicidade? Temos um quadro do ser humano na sociedade líquida moderna: ao mesmo tempo em que busca a felicidade, perde-se nas leis e normas, porém, ao tentar se emancipar delas, percebe que a vida seria agonizante. Viver somente pelos impulsos momentâneos e livres da rotina diária das necessidades básicas do ser humano seria cair em uma existência sem sentido. Aliás, a falta de um sentido pleno de vida acarreta ao homem a incapacidade em buscar a felicidade (Bauman, 2001, p.31).

A sociedade líquida, ainda não atingiu os extremos que fariam a vida perder seu sentido, mas muitos danos já foram causados. A dificuldade em aceitar a liberdade e até mesmo a desesperança dos dias agitados pelo stress apontam que a vida está por um triz. Não há mais novidade que traga alegria para a vida, todos os dias são lançadas “futuras ferramentas da certeza” (Bauman, 2001, p.32), mas todas elas ficam obsoletas diante do desejo sempre insatisfeito do ser humano fragmentado e incompleto:

O que foi separado não pode ser colocado novamente. Abandonai toda esperança de totalidade, tanto futura como passada, vós que entráis no mundo da modernidade fluida. Chegou o tempo de anunciar, como o fez recentemente Alain Touraine, “o fim da definição do ser humano como um ser social, definido por seu lugar na sociedade, que determina seu comportamento e ações”. Em seu lugar, o princípio da combinação da “definição estratégica da ação social que não é orientada por normas sociais” e “a defesa, por todos os atores sociais, de sua especificidade cultural e psicológica” “pode ser encontrado dentro do indivíduo, e não mais em instituições sociais ou em princípios universais”. (Bauman, 2001, p.32)

A totalidade humana inclui sua satisfação pessoal e coletiva. Mesmo que a sociedade moderna em sua liquidez pregue o individualismo, em algum momento

e de alguma maneira o ser humano terá que se permitir a convivência comunitária. A incompletude das atitudes humanas tem ofuscado a esperança. O lugar do ser humano na sociedade líquida é confuso. Não há mais certeza para nada e muito menos uma busca esperançosa de atitudes que superem a frieza e a apatia pela vida. A vida em uma comunidade onde os valores pela vida deveriam ser respeitados está ameaçada pela incessante sede do prazer pessoal, sendo o individualismo uma maneira latente de vida (Bauman, 2001, p.32).

Da falta de totalidade e da dificuldade em lidar com a liberdade e até mesmo com a complexa busca pela felicidade, o que ainda podemos apontar como padecimento que conduz a sociedade contemporânea à desesperança? Sem sombra de dúvidas, encontramos no ser humano uma grande limitação para questionar. Não se autoanalisa e muito menos se questiona. A visão de mundo do homem moderno na sociedade líquida está reduzida a si mesmo e preza os bens materiais e uma falsa intelectualidade (Bauman, 2001, p.33).

Facilmente encontramos uma avalanche de informações que invadem nossas telas de TV, os textos de jornais e, por meio da tecnologia hodierna avançada, também a internet que está em nossas mãos por meio dos celulares. A leitura está comprometida, uma vez que a pressa e a poluição das muitas figuras e imagens coloridas são convidativas a uma “passada de olhos” pelas manchetes. A crítica e a análise do que está sendo informado não tem espaço; o que convence é a aparência, não a verdade. A apuração da veracidade por meio da indagação não é mais um fator que enriqueça a intelectualidade, mas uma perda de tempo. Ler uma inverdade, significa também poder passar uma informação errônea e mentirosa. A consequência disso é a superficialidade no pensamento e nas críticas (Bauman, 2001, p.33).

O questionamento das atitudes humanas traz um grande temor à sociedade, uma vez que expor as suas fragilidades significa apontar as limitações e erros. Errar não é mais tolerável para os maus informados e acríticos. Assumir o erro e buscar um conhecimento sólido e argumentativo é o caminho natural para que a sociedade se questione de todas as suas atitudes. O não se perguntar é o mesmo que se calar diante das situações absurdas como a fome e a miséria. Indagar-se significa olhar com uma esperança provocativa que não permite acomodação e indiferença perante as injustiças sociais. Portanto, ao não questionar, acabam caindo na desesperança, e esta fraqueza empurra a

sociedade ao erro fatal de não se importar com o próximo, mesmo que este seja alguém da sua própria família (Bauman, 2001, p.33).

O questionamento da sociedade sobre suas relações é apreciado pela crítica, ou seja, uma maneira de discernir nossas atitudes, relações e ações. Não faltam críticas, porém são inconsistentes e, algumas, sem fundamento:

De alguma maneira, no entanto, essa reflexão não vai longe o suficiente para alcançar os complexos mecanismos que conectam nossos movimentos com seus resultados e os determinam, e menos ainda as condições que mantêm esses mecanismos em operação. Somos talvez mais “predispostos à crítica”, mais assertivos e intransigentes em nossas críticas, que nossos ancestrais em sua vida cotidiana, mas nossa crítica é, por assim dizer, “desdentada”, incapaz de afetar a agenda estabelecida para nossas escolhas na “política – vida”. (Bauman, 2001, p.34)

A sociedade moderna líquida dentro das muitas informações que recebe não consegue encontrar uma maneira saudável para receber ou rejeitar as críticas que lhes são apresentadas. Nessa perspectiva, podemos nos questionar? Qual é o motivo que leva a sociedade a não aceitar os seus erros e acertos? Por que encontramos nas crianças uma resistência em serem corrigidas? Até quando enfrentaremos de modo resistente e com um orgulho hostil aqueles que apontam nossas fragilidades? A crítica acerca de nossos erros e acertos não pode ser tomada como uma fragilidade que destrói, mas como um apontamento de caminhos para um crescimento (Bauman, 2001, p.34).

Segundo Bauman, nossas reflexões ficam na superfície e não atingem a profundidade da nossa compreensão, por isso somos resistentes às mudanças e às opiniões alheias. Estamos “desdentados” nos argumentos e até mesmo em nossas próprias atitudes, a desesperança desta sociedade que não se questiona é também não aceitar opiniões, críticas e modos diferentes de vida. A implicância e a intolerância entre as pessoas apontam para a desesperança do não respeito para com a liberdade que cada ser humano tem direito (Bauman, 2001, p.34).

A sociedade líquida moderna traz uma hospitalidade momentânea e superficial à crítica. Para Bauman, ela pode ser comparada a um acampamento aberto para todas as pessoas que desejam se hospedar com seus trailers. Nos acampamentos todos podem entrar, não há discriminação ou preconceito e, por isso, os critérios para criticar também são livres. Nessa liberdade fica claro que o tempo para a permanência é curto e, assim, os direitos dos hóspedes são

limitados, pois o tempo de permanência não lhes dá a oportunidade de conhecer amplamente o local que irão pernoitar ou passar o dia. Com a crítica há a mesma situação, a sociedade tem acesso a muitas informações, mas não sabe muito sobre elas, por isto as descarta rapidamente. Assim, elaborar uma crítica fundamentada na verdade e com argumentos que a viabilizam uma reflexão é um acontecimento raro (Bauman, 2001, p.36).

Poderíamos dizer que esta maneira de construir a crítica dentro da sociedade moderna líquida tem acarretado problemas a toda sociedade. Como fruto dessa maneira de “pensar líquida” os jovens estão detidos na falta de um raciocínio que os leve a edificar um futuro promissor. A desesperança da juventude está também na sua acomodação em pensar politicamente, pois a rejeição à política está implícita na falta de interesse pelo bem comum: cada rapaz e moça deseja o sossego do acampamento, onde não lhes é exigido quase nada (Bauman, 2001, p.36).

Outra consequência da “crítica desdentada” é o dos “sentimentos do eu hedonístico” e do “eu primeiro” (Baumann, 2001, p.36). Cada vez mais, encontramos grupos que se fecham em si mesmos, pessoas individualistas que sentem “fome” pelo egoísmo e giram em torno de si mesmas. Pensar e agir para o bem-estar de toda a sociedade é atuar politicamente para que os espaços públicos tenham lugar para todos, inclusive para quem deseja criticar o bom ou o mau na sociedade (Bauman, 2001, p.36).

O que distingue esta era moderna das outras é sua obsessão e compulsão em se destruir:

A sociedade que entra no século XXI não é menos “moderna” que a que entrou no século XX; o máximo que se pode dizer é que ela é moderna de um modo diferente. O que a faz tão moderna como era mais ou menos há um século é o que distingue a modernidade de todas as outras formas históricas do convívio humano: a compulsiva e obsessiva, contínua, irrefreável e sempre incompleta modernização; a opressiva e inerradicável, insaciável sede de destruição criativa (ou de criatividade destrutiva, se for o caso: “limpar o lugar” em nome de um “novo e aperfeiçoável” projeto; de “desmantelar”, “cortar”, “defasar”, “reunir” ou “reduzir”, tudo isso em nome da maior capacidade de fazer o mesmo no futuro – em nome da produtividade ou da competitividade). (Bauman, 2001, p.40)

Se estamos baseando a ideia de que a sociedade contemporânea está padecendo pela falta da esperança, não podemos deixar de lado o fato de que esse padecimento já vem ocorrendo há muitos anos. O que vivenciamos

atualmente é a modernização dos meios tecnológicos e a mudança de paradigmas familiares – sociais. Uma sociedade consumista preocupada em gastar não alcança o equilíbrio interior, pois está preocupada em mostrar o que conquistou materialmente. O material: casa, carro, roupas e acessórios eletrônicos são produtos da modernidade, que até são necessários, mas a sociedade tem utilizado esses meios para sua destruição. O exemplo do momento é vício compulsivo pelos celulares e outros meios tecnológicos que ocupam o lugar das conversas na mesa de refeição. O atrativo não é mais ouvir como foi o dia de trabalho da família nem o aprendizado dos filhos, mas perder-se em longas “conversas digitais” (Bauman, 2001, p.40).

Com tantos benefícios que a tecnologia e a ciência trouxeram à modernidade, a falta de discernimento para o seu uso adequado tem acarretado grandes desequilíbrios à sociedade moderna. “Ser moderno passou a significar, como significa hoje em dia, ser incapaz de parar e ainda menos capaz de ficar parado” (Baumann, 2001, p.40). Estar na modernidade é fazer parte da “moda”, para qual o bom senso não existe, pois, a incapacidade de conhecer os limites não faz parte da vida moderna. Nessa “loucura” de não parar é perceptível às situações em que o ser humano tem tido atitudes ridículas: uso de entorpecentes, gastos excessivos com bens supérfluos que os colocam como “luzes” nas noitadas de diversões em boates e bares. Porém, o limite, quando não respeitado, traz consequências sérias, como a overdose pelo uso incontrolável de narcóticos. As contas feitas para manter a aparência (por meio dos carros, roupas, grifes e etc.) são acrescidas de juros exorbitantes que comprometem a renda e as necessidades básicas, como alimentação e saúde, que acabam não sendo atendidas (Bauman, 2001, p.36).

Ficar parado dentro de uma sociedade moderna é a impossibilidade em atingir as satisfações pessoais e sociais. No campo pessoal, somos induzidos a consumir e a mostrar o que temos. Quando não é possível, ficamos deprimidos, angustiados e depressivos, pois não estar nessa indução é o mesmo que estar parado. Porém, a sociedade tem carecido da calma e da reflexão. Como poderemos analisar o que ocorre ao nosso redor se não paramos para ler, meditar e pensar? A pressa está fatigando o raciocínio e a consequência pode ser percebida até na educação das famílias: vivem desesperadas e com medo, pois os pais não são mais as referências pensantes do lar, a correria não permite um

diálogo sincero sobre a vida e os celulares com a internet ocupam as mesas de refeições (Bauman, 2001, p.40).

Na sociedade, a insatisfação se alia à intolerância; não há pessoas satisfeitas nem tolerantes. A falta de cuidado por parte dos profissionais da saúde para com os pacientes mostra, além da insatisfação profissional, uma intolerância com o enfermo. Na esfera social podemos ainda evidenciar a intolerância religiosa e sexual que, somadas à xenofobia, têm assustado com as mais terríveis formas de preconceito e fundamentalismos que geram o medo e a morte. Nos meios de transportes, filas e atendimentos eletrônicos é possível presenciar uma intolerância geral em que não se encontra a virtude da paciência de nenhuma das partes (Bauman, 2001, p.40).

Estamos caminhando para uma sociedade de insatisfeitos na qual nada pode agradar as exigências dos consumistas que estão cada vez mais infelizes e incompletos. A insatisfação ultrapassa o desejo de adquirir bens materiais, o que mina, inclusive, a vida pessoal dos indivíduos que não se conseguem manter firmes suas convicções. Todos os dias as páginas policiais são “manchadas de sangue” com notícias de assassinatos brutais que ceifam vidas sem nenhuma piedade, o que aponta para um enfraquecimento do valor da vida. Há quem mate por não estar satisfeito com a opinião alheia e há quem cometa suicídio por não encontrar satisfação na própria vida. Nesta sociedade moderna líquida nem sempre há espaço para o direito sagrado da vida, uma vez que o aborto e o extermínio acontecem como atitudes normais. Portanto, a vida humana está líquida por não conseguir manter em sua conduta a solidez de valores que enalteçam a vida e lhe permita a sobrevivência. A efemeridade da satisfação e a pouca importância para com a vida em comum tornou-se uma das grandes causas do padecimento da sociedade contemporânea que sofre com a desesperança (Bauman, 2001, p.41).

3 As desesperanças: o trabalho em um mundo consumista

Abordamos algumas fragilidades presentes na sociedade moderna líquida, as quais trazem a desesperança para o homem. Agora, nos centraremos em

outras críticas que Zygmunt Bauman apresenta e que também conduzem à desesperança.

O vício compulsivo em consumir e comprar está cada vez mais presente em nossas vidas. Em uma sociedade capitalista a desesperança não está somente na imposição do silêncio aos que pensam diferente dela, mas também no vício que foi disseminado: gastar além do necessário. Nessa ânsia em obter o que desejamos de maneira doentia, acabamos não percebendo se realmente temos condições para adquirir e é neste processo que a dependência financeira e o endividamento se estabelecem (Bauman, 2001, p.93).

Mas o que pode frear este vício em consumir? Nada. O consumismo é a maneira que a sociedade moderna líquida encontrou para solidificar a desesperança na simplicidade de uma vida despojada. Para que possuir somente o necessário se posso obter mais? Esse “mais” não é o sucesso profissional nem uma ascensão intelectual, mas uma nova forma de manter a beleza exterior e exalar a falsa segurança de que tudo está bem, quando, na verdade, há uma máscara escondendo a tristeza e as depressões causadas pela solidão e pelo medo de não mais estar em destaque perante os outros (Bauman, 2001, p.93).

A tristeza e a solidão acompanham o vício compulsivo em gastar e, junto a esses sentimentos e desejos, nasce a ditadura da boa aparência, o “fitness”. O crescente número de pessoas que buscam o corpo “sarado” mostra a triste realidade do desespero pela exuberância em detrimento do bem-estar. Os anabolizantes são consumidos de maneira excessiva e as graves consequências que podem causar não são levadas em conta:

Se a sociedade dos produtores coloca a saúde como o padrão que seus membros devem atingir, a sociedade dos consumidores acena aos seus com o ideal da aptidão (fitness). Os dois termos – saúde e aptidão – são frequentemente tomados como coextensivos e usados como sinônimos; afinal, ambos se referem a cuidados com o corpo, ao estado que se quer que o corpo alcance e ao regime que se deve seguir para realizar essa vontade. Tratar esses termos como sinônimos é, porém, um erro – e não meramente pelos fatos conhecidos de que nem todos os regimes de aptidão “são bons para a saúde” e de que o que ajuda a manter a saúde não necessariamente leva à aptidão. Saúde e aptidão pertencem a dois discursos muito diferentes e apelam a preocupações muito diferentes. (Bauman, 2001, p.99)

Qual será o caminho para uma sociedade moderna perdida no consumismo para manter a aparência corporal? Constatamos na juventude uma ânsia pelo corpo fitness, mas não encontramos uma aptidão pela intelectualidade.

Os músculos crescem, mas diminui a capacidade de fragmentar as reflexões e concatenar as ideias. A saúde é um importante meio para uma vida sólida e sem ela não conseguiremos construir uma sociedade saudável nas opiniões e inteligente nas atitudes. O senso comum baseado no “achismo” cria a todo tempo “doutores e médicos caseiros” que sugerem o que é bom para saúde, todavia, por trás dessas pseudo sugestões se escondem os grandes proprietários de marcas famosas que visam somente o lucro em cima dos seus consumidores iludidos e desesperançados (Bauman, 2001, p.99).

Para consumir não basta ser saudável ou desejar algo, é preciso ter condições para adquirir o que se deseja e, para isso, o consumidor necessita estar produzindo por meio de um trabalho. A logística do mundo dos anabolizantes e de qualquer outro comércio só pode subsistir quando há dinheiro em seus caixas. Este fator financeiro gira em torno do emprego. Ser saudável na sociedade líquida é produzir e ter energia para consumir, caso contrário entra em cena o “marginal”, pois aquele que se nega a comprar está à margem do “grupo saudável” dos consumistas (Bauman, 2001, p.100).

Como uma vida saudável pode acontecer na sociedade líquida consumista? E os que não são capazes de produzir? A esses pobres são reservadas as piores coisas do capitalismo: exclusão e preconceito. Infelizmente o fardo dos idosos e dos que sofrem cronicamente com alguma enfermidade não é diferente: também eles são um “peso”, pois se veem obrigados a viver da previdência social ou da ajuda de benfeitores que, movidos pela caridade, cedem um pouco de seus recursos para os miseráveis que a sociedade produz e exclui. Os vagabundos da sociedade arrastada pela desesperança, na verdade, são os desempregados, vítimas da escolha capitalista das grandes empresas que não enxergam o bem-estar do ser humano, mas os cortam quando os números bilionários não atingem suas expectativas:

“Ser saudável” significa, na maioria dos casos, “ser empregável”: ser capaz de um bom desempenho na fábrica, de “carregar o fardo” com que o trabalho pode rotineiramente onerar a resistência física e psíquica do empregado. O estado de “aptidão”, ao contrário, é tudo menos “sólido”; não pode, por sua natureza, ser fixado e circunscrito com qualquer precisão. Ainda que muitas vezes tomado como resposta à pergunta “como você está se sentindo?” (se estou “apto”, provavelmente responderei “ótimo”), seu verdadeiro teste fica para sempre no futuro: “estar apto” significa ter um corpo flexível, absorvente e ajustável, pronto para viver sensações ainda não testadas e impossíveis de descrever de antemão. (Bauman, 2001, p.100)

No que toca ao tema do trabalho, Bauman mostra um modelo que descarta o ser humano. Esse modelo envolve diretamente a vida e o bem-estar do trabalhador, uma vez ele precisa se sustentar por meio da mão de obra que lhe oferecem, mas nada lhe é garantido. Mesmo com os direitos garantidos pela lei, ainda há as dispensas coletivas que nunca são justas. O salário baixo e as más condições do ambiente de trabalho revelam o quanto a desesperança está grande na sociedade líquida do trabalho. O trabalhador não consegue se desvencilhar do sistema que lhe é imposto: a qualquer custo ele deve produzir e mostrar que está feliz, mesmo que isso não seja a realidade. O trabalho deixa de ser um acréscimo ao sentido para a vida do profissional e passa a ser um pesado fardo para lhe manter a sobrevivência (Bauman, 2001, p.100).

Dentro dessa reflexão sobre o trabalho, levando em conta a desesperança motivada pelas dispensas dos trabalhadores, encontramos a desconsideração da felicidade do trabalhador. Nesse “mundo do trabalho” pouco importa a satisfação pessoal. Empresários e funcionários vivem reféns dos números que a qualquer momento podem mudar suas vidas: se forem positivos o “patrão” estará feliz, pois não precisará demitir e não sofrerá com os baixos rendimentos; porém, caso os dados financeiros sejam negativos, a tristeza irá dominar e o medo instaurado no ambiente de trabalho acaba gerando uma grande neurose que fere a todos (Bauman, 2001, p.100).

Bauman relaciona o trabalho à ideia de progresso, ou seja, uma sociedade caminha progredindo quando os indivíduos encontram na profissão exercida sua satisfação. Como já lembramos, a insatisfação toma conta das pessoas na sociedade líquida. No trabalho não é diferente. Muitas empresas estão empreendendo em uma gestão que traga felicidade para seus colaboradores, pois verificaram que quando os funcionários estão felizes produzem com mais qualidade e não se ausentam do trabalho. O trabalhador satisfeito poderá usufruir do seu salário como quiser, mas sobretudo alimentando o mercado apelativo: “gaste e seja feliz” (Bauman, 2001, p.165).

O progresso parece ser uma esperança para a sociedade contemporânea, uma vez que o entendemos como enriquecimento das pessoas por meio de uma ótima profissão. Todavia, o progresso de uma sociedade não pode ser constatado somente pela locupletação, pois além do aumento financeiro, a qualidade e a satisfação com a vida devem ser considerados. Nem sempre os grandes

empreendedores estão sóbrios e o mesmo acontece com seus colaboradores que, embora gostem e precisem dos salários, vivem atormentados com os horários que impossibilitam estarem em outras atividades. Grandes empresários se desesperam quando percebem que o labor não traz a felicidade para toda a família: filhos e parentes passam a ser distantes e até estranhos para aqueles que “vivem no trabalho” (Bauman, 2001, p.165).

O trabalho sem dúvida dignifica o ser humano e, é claro, coopera para o progresso do mundo. A desesperança não está no trabalho, mas na forma em que ele está sendo oferecido e vivenciado: não importa o trabalho, importa o lucro. Enquanto essa vivência for a tônica para alguns o trabalho não dignificará e menos ainda contribuirá com o crescimento da justiça e da igualdade. Trabalhadores estão “perdidos em meio ao mar” e buscam uma “âncora” para estabilizar a felicidade, porém não abrem mão do dinheiro para que isso aconteça, continuam na tristeza de um trabalho fatigante, sem encontrar o que realmente os satisfaça. Mesmo que pudessem abdicar do justo salário, não sobreviveriam com o que recebem (fazendo o que lhes conceda a felicidade). Em muitos países, encontramos esses casos com os profissionais da cultura, cuja maioria infelizmente não recebe o suficiente ou o justo, por isso acabam desviando sua aptidão cultural para outros trabalhos que sejam “rentáveis” e não “prazerosos” (Bauman, 2001, p.165).

No tocante à felicidade no trabalho, encontramos muitos esforços sendo feitos para que todos conquistem uma profissão e nela se realizem, e além da realização possam obter uma renda justa pelo trabalho realizado. Muitos programas de países desenvolvidos oferecem aos jovens uma orientação vocacional, o que os ajuda a discernir qual profissão escolher, além de estimular a profissionalização em faculdades e universidades. A sociedade líquida se encanta com esses progressos e deles espera todas as respostas para uma vida mais sólida, mas, por vezes, se esquece que vivenciamos a era da liquidez e essa situação infere diretamente na definição do que é o trabalho (Bauman, 2001, p.169):

O encantamento moderno com o progresso – com a vida que pode ser “trabalhada” para ser mais satisfatória do que é, e destinada a ser assim aperfeiçoada – ainda não terminou, e não é provável que termine tão cedo. A modernidade não conhece outra vida senão a vida “feita”: a vida dos homens e mulheres modernos é uma tarefa, não algo determinado,

e uma tarefa ainda incompleta, que clama incessantemente por cuidados e novos esforços. (Bauman, 2001, p.169)

A vida que pode ser “trabalhada” nos remete à reflexão de que realmente estamos vivenciando uma dificuldade em encontrar o que nos satisfaça. Por isso a preocupação em nunca ficar estagnado, seja profissionalmente ou intimamente. A labuta profissional envolve a realização humana, nunca poderemos ser completos e felizes se não estivermos envolvidos com o que estamos realizando. O mesmo acontece com os nossos planejamentos e perspectivas, jamais poderemos crescer interiormente e nos aperfeiçoar enquanto a desesperança estiver alojada em nossas atitudes e pensamentos. O ser humano carece ser aperfeiçoado em muitas dimensões: espiritual, vocacional, profissional e relacional. A grande atenção da sociedade moderna não é para quem deseja ser culto ou educado, porque esses não encontram tanto espaço nos meios públicos e empresariais (Bauman, 2001, p.169).

Qual é, portanto, o foco da sociedade moderna líquida? Seria o lucro dos grandes empreendedores ou, ainda, a satisfação dos mercados com o consumismo viciante? Parece-nos que uma única resposta para essas questões esteja longe de ser construída, entretanto, ao analisarmos o comportamento da vida social, percebemos que há uma paralisação: “A modernidade não conhece outra vida senão a vida “feita” (Bauman, 2001, p.169). De algum modo, o mundo oferece modelos prontos de felicidade os quais idolatramos e, sem que percebamos, deixamos de refletir sobre as nossas atitudes ao imitar o que já está acabado. Infelizmente, os “ídolos” não são escolhidos de maneira sólida e acabam sendo um referencial para uma má educação que vilipendia os bons costumes e o sagrado direito para com a vida (Bauman, 2001, p.169).

A criatividade é uma necessidade da qual o ser humano jamais poderia abrir mão, pois sem ela a existência torna-se repetitiva e a rotina nos arremessa para o nada. Escolher um modelo de vida social que abranja a felicidade e a auto realização exige muita reflexão. Pensar pode causar incômodo, mas o resultado das atitudes medidas e focadas, sem dúvida, nos fazem felizes. O sonho de uma vida fácil nada mais é do que o desejo veemente do “tudo pronto”, inclusive as nossas escolhas: não precisamos escolher nada, há quem escolha por nós. Essa ideia parece parasitar na sociedade líquida que, de modo desesperado, nos remete à ideia de que a vida está exposta em uma vitrine de grife, ou ainda, nas

prateleiras dos grandes mercados. A vida deve ser uma tarefa criativa, portanto trabalhosa, não um produto comercial oferecido somente a quem pode comprar e pagar caro. Assim, a profissão e o trabalho não podem ser uma simples tarefa para trocar por dinheiro, mas uma construção acertada para a felicidade em todos os dias trabalhados (Bauman, 2001, p. 169).

O trabalho, entre tantas funções que possui, permite ao ser humano visualizar um sentido mais amplo para a sua vida, inclusive como colaborador para a eliminação da miséria e para a justa distribuição de renda. A ociosidade é uma característica da sociedade moderna, que acarreta uma séria desesperança: sentir-se inútil. Todo ser humano, mesmo que limitado intelectualmente, terá uma existência superficial caso não consiga uma ocupação. As depressões e crises de stress estão ligadas diretamente aos afazeres cotidianos. O tempo preenchido de uma maneira correta não sobrecarrega a agenda do homem, de modo que o trabalho concede aos trabalhadores a conquista de muitos ideais materiais e espirituais. Uma sociedade fora do caos é aquela que oferece emprego a todos e, além do trabalho, um tempo cronológico necessário para o lazer e o descanso (Bauman, 2001, p. 172).

Com o caminhar da sociedade para uma liquidez cada vez mais desesperada, é possível constatar que o trabalho vem perdendo um de seus adjetivos principais: enobrecimento. Se ele dignifica e enobrece o ser humano, como já citamos, há uma corrente que o aperta para um sufocamento:

Raramente se espera que o trabalho “enobreça” os que o fazem, fazendo deles “seres humanos melhores”, e raramente alguém é admirado e elogiado por isso. A pessoa é medida e avaliada por sua capacidade de entreter e alegrar, satisfazendo não tanto a vocação ética do produtor e criador quanto às necessidades e desejos éticos do consumidor, que procura sensações e coleciona experiências (Bauman, 2001, p.176).

Com essa afirmação de Bauman, fica claro o quanto se espera do trabalho como forma de enobrecimento e admiração. O sufocamento é também uma desesperança da sociedade moderna, pois aponta para a ausência do reconhecimento da importância profissional. Na liquidez insensata e egoísta, não se usa a boa educação para reconhecer que há profissionais qualificados, o que gera trabalhadores frustrados e deprimidos. Podemos tomar como exemplo os nobres professores, um trabalho que exige um grande tempo para qualificação,

mas um investimento cujo retorno nem sempre é equivalente e justo. Por muitas vezes, os mestres acabam ofuscados com a má vontade de seus alunos. Não são admirados em muitas das instituições governamentais, pois entre tantas funções do professor, uma delas é levar os discentes a analisar a conjuntura social e política em que estão vivendo, levando-os a formar e ampliar o senso crítico (Bauman, 2001, p.176).

O trabalho seria uma vocação acertada? Claramente. A felicidade está ligada às nossas escolhas e o enobrecimento do profissional acontece quando ele percebe que o seu trabalho é livre e sua atuação está levando esperança às pessoas. Por mais que haja falta de reconhecimento da capacidade profissional, muitos não abrem mão da realização pessoal com o trabalho que escolheram, mesmo lutando, defendendo posições éticas numa sociedade “antiética”, o que acrescenta mais responsabilidade ainda à sua formação (Bauman, 2001, p.176).

Necessitamos abordar, ainda, outra desesperança latente no trabalho: a insegurança. Quando a ética é deixada de lado o grande risco é a perda dos parâmetros básicos para se exercer de maneira reta uma função profissional. O mundo, em sua liquidez, traz ao trabalho muita precariedade e vulnerabilidade. Tristes fatos de assédio moral perturbam funcionários vulneráveis a essas situações que, afugentados por ameaças, acabam se desesperando, passando a conviver de maneira muito triste no ambiente do trabalho. A insalubridade dos locais de atuação profissional aponta que nem sempre há as condições mínimas e as garantias necessárias para que o trabalho e o trabalhador tenham dignidade (BAUMAN, 2001, p.201).

A insegurança passa do trabalho ao trabalhador que, por sua vez, irá descarregar o peso de toda a sua negatividade em sua família ou nas pessoas mais próximas. Uma rede formada pelo desespero e pelo medo começa a sufocar o trabalhador, de modo que não lhe restam muitas alternativas a não ser suportar as humilhações, os baixos salários, a ausência de direitos, o que, por fim, pode levar à depressão. Embora as leis sejam rígidas e a fiscalização trabalhista atuante, é possível ainda encontramos em grandes ou pequenas empresas situações degradantes nas quais a exploração profissional chega a ser um “esquema escravo” de trabalho (BAUMAN, 2001, p.201).

O desemprego é outro fator da desesperança na sociedade moderna líquida. Embora os lucros sejam exorbitantes, as demissões acontecem sem que

um aviso prévio seja feito aos funcionários. A vida do trabalhador não pode ser plena se nela há sempre a insegurança e a instabilidade. Assim, a estrutura do trabalho não humaniza, mas amedronta:

Quão frágeis e incertas se tornam as vidas daqueles já disponíveis como resultado de sua dispensabilidade não é muito difícil imaginar. A questão é, porém que – pelo menos psicologicamente – todos os outros também são afetados, ainda que, por enquanto, apenas obliquamente. No mundo do desemprego estrutural ninguém pode se sentir verdadeiramente seguro. Empregos seguros em empresas seguras parecem parte da nostalgia dos avós; nem há muitas habilidades e experiências que, uma vez adquiridas, garantam que o emprego será oferecido e, uma vez oferecido, será durável. (Bauman, 2001, p.202)

Não é somente o fator financeiro que está em risco com a insegurança do trabalhador. Toda a sua vida psicológica e afetiva padecem igualmente. Houve um tempo em que os trabalhadores eram “eternos” nas fábricas e empresas; com o passar do tempo e a evolução que trouxe as poderosas máquinas – robôs –, a mão de obra humana é substituída por máquinas. Cada vez mais, o cerco se fecha contra o trabalhador e o emprego não é suficiente para todos. Antes de ser motivo de prazer por fazer o homem útil em uma profissão, o trabalho passa a ser um conforto temporário que, a qualquer momento, pode ser abalado com a triste notícia da temida demissão (BAUMAN, 2001, p.202).

O trabalho inseguro produz trabalhadores na mesma situação em suas relações. Desse modo, podemos apresentar algumas desesperanças geradas na vida dos funcionários como consequência do tratamento degradante que recebem. Nas grandes indústrias, tudo é produzido em grande série e nada pode ser imperfeito. Infelizmente o mundo está entrando nessa mesma dinâmica: não admitimos falhas; caso haja algum defeito, não pode ser consertado, mas descartado. O trabalhador que não estiver nos parâmetros das multinacionais é simplesmente desligado de seus afazeres. Nada é produzido para durar muito tempo, pois o produto precisa ser vendido sempre, não ajustado. Dessa mesma maneira caminham os relacionamentos: não duram tempo suficiente para ser construída uma amizade verdadeira e o diálogo, que pode apaziguar situações difíceis, é substituído pela efemeridade das emoções (BAUMAN, 2001, p.203).

4 O enfraquecimento das relações humanas

Para compreendermos melhor o que está acontecendo com a sociedade que Bauman denomina líquida, é necessário apresentarmos as causas dessa liquidez. Nos itens que refletimos anteriormente, apontamos a desesperança acarretada pela liquidez e ocasionada pelo individualismo. Agora, vamos abordar as desesperanças nas relações humanas.

Na sociedade moderna líquida a desesperança surge, dentre tantas maneiras, com uma confusão na personalidade do ser humano. O individualismo é um dos fatores que impacta a vida moderna e junto dele cresce o egocentrismo que fere diretamente a vida, pois promove atitudes que esvaziam o ser humano de suas qualidades e o preenchem de mesquinhas e futilidades. A busca pela individualidade parece ser impossível, uma vez que o espaço social não possibilite a ideia de um indivíduo livre, singular e autônomo. Indivíduos não sabem quem são e muito menos conhecem o que é a individualidade:

Pergunte a quem quiser o que significa ser indivíduo, e a resposta, venha ela de um filósofo ou de uma pessoa que nunca se preocupou em saber ou nunca ouviu falar do que os filósofos vivem, será muito semelhante: ser um indivíduo significa ser diferente de todos os outros. (BAUMAN, 2009, p.25)

O indivíduo se confunde na busca pela sua individualidade, pois está ofuscado pela despreocupação. Pensar sobre esse assunto não é algo que lhe agrade. Embora a filosofia seja um esforço para que o ser humano reflita sobre a sua essência e consiga com clareza pensar sobre si, ela ainda está longe de atingir a todos para que possam fazer esse exercício sobre a individualidade. Ao nos aprofundarmos nesse tema, podemos inferir que a sociedade moderna está aparelhada de conflitos e tensões que ocupam o nosso tempo, e qualquer outra tentativa que ousemos para sair desse esquema causa-nos confusão. Como se estabelecer de maneira sólida na sociedade sem um contato direto com os meios de comunicação? Não é a comunicação o maior problema. Porém, ao observarmos os locais comuns de convivência, como lanchonetes, restaurantes, bares e até nos pontos onde se esperam os transportes coletivos, todos estão vidrados em seus celulares. O clima não é mais sentido, não importa se é inverno, verão ou a bela primavera, mas o mundo deve estar aos nossos olhos por meio dos caros aparelhos das grandes marcas de celulares (BAUMAN, 2009, p.26).

Em tempos antigos, eram os jornais, as revistas e os livros os maiores meios de comunicação e aprendizado. De alguma maneira, o contato com a

escrita e a leitura eram essenciais para uma boa caligrafia. Com a invasão cibernética deixamos de ler as notícias em jornais e acompanhar as grandes literaturas pelos livros. Esses fatos atingem diretamente nossa individualidade, pois perdemos o contato pelo olhar. Dialogar pelo toque em uma roda de amigos é uma raridade nessa contemporaneidade líquida. O indivíduo e sua individualidade estão em tensão: para ser único e ter sua individualidade respeitada o indivíduo necessita ter discernimento sobre a conjuntura social. Tendo conhecimento do mundo ao seu redor ele pode decidir até que ponto os meios de comunicação devem dominá-lo, ou como utilizar essas ferramentas para ser comunicativo e não regido por elas (BAUMAN, 2009, p.26).

As redes sociais parecem mágica: na *timeline* do [Facebook](#) a vida é apresentada de maneira desvelada. Não há preocupação com a discrição e muito menos com a descrição. Os famosos *check-in* exibem para todos das redes sociais o lugar onde estamos e para onde iremos. As fotos publicadas em *selfies* ganham curtidas e são compartilhadas rapidamente. Não podemos cair no negativismo, pois todas essas opções são um avanço para a comunicação, entretanto, até que nível tudo isso é saudável? A privacidade está sendo relativizada e o que era para ser particular da vida, agora, é público. Casos de *bulling*, pedofilia e assaltos são conhecidos nas redes sociais, pois a vinculação de fotos pornográficas e a divulgação dos endereços residenciais são constantes. Os usuários, porém, pouco se atentam para os riscos que correm expondo a vida dessa maneira (BAUMAN, 2009, p.26).

O ser humano acaba cedendo para o senso comum e acredita que sua individualidade nada mais é do que “eu sou quem eu sou” (BAUMAN, 2009, p.26). Ser quem somos em uma sociedade pragmática e líquida é uma desesperança, pois parece exigir abnegação de uma parte importante da nossa personalidade enquanto indivíduos, padronizando gostos e desejos:

Numa sociedade de indivíduos, cada um deve ser um indivíduo. A esse respeito, pelo menos, os membros dessa sociedade são tudo, menos indivíduos diferentes ou únicos. São, pelo contrário, estritamente semelhantes a todos os outros pelo fato de terem de seguir a mesma estratégia de vida e usar símbolos comuns – comumente reconhecíveis e legíveis – para convencer os outros de que assim estão fazendo. Na questão da individualidade, não há escolha individual nem dilema do tipo “ser ou não ser”. (BAUMANN, 2009, p.26)

Em uma sociedade, muitos grupos são formados e rotulados: novos, velhos, consumidores ou consumistas. Para fazer parte de um “clã” é necessário ter semelhança com os demais indivíduos, portanto não podemos entrar para uma comunidade com as nossas particularidades e individualidades. Quem não estiver disposto a renunciar os seus desejos não poderá entrar para o grupo e isso parece ser um transtorno para o ser humano. Ser rejeitado por não se adequar aos símbolos de um determinado grupo causa constrangimento e exclusão, esse fato é notado entre os jovens, pois facilmente estão envolvidos em turmas de futebol, “rolês”, passeios e diversões; quem não concordar com as roupas a serem utilizadas não poderá participar do jogo; ou ainda, aquele que discordar das “regras” não pode permanecer dos demais. Portanto, onde está a individualidade nesses grupos? Onde fica a singularidade e o “ser o que sou”? Não há espaço para ser o que se deseja ou sonha, e quem se atrever a exigir seu espaço nesse sistema já solidificado sofrerá a exclusão e será isolado (BAUMAN, 2009, p. 26).

Para escaparmos dessa “rede contra a individualidade”, que é uma desesperança da sociedade líquida, é necessário ter autenticidade: “Eu traduzo o ideal de “individualidade” como autenticidade, como “ser fiel a mim mesmo”, ser o “verdadeiro eu” (BAUMAN, 2009, p.27). Essa autenticidade é traduzida pelas palavras sinceras que proferimos em nossas opiniões, pois elas traduzem nossa individualidade ao não “nadarmos conforme a correnteza”. Se entendemos que a individualidade é parte essencial na vida de uma pessoa a autenticidade é a fidelidade que ela assume para continuar fiel ao que acredita. A desesperança afugenta nossas opiniões pessoais pelo medo da crítica ao que pensamos e gostamos. Embora a sociedade moderna não defenda o ideal dos “que pensam”, a autenticidade marca a individualidade (BAUMANN, 2009, p. 27).

Estamos com a nossa individualidade em risco, sendo assim, como permanecer autêntico com a opressão sobre os nossos sentimentos? Na bagunça da sociedade líquida, expressar o que sentimos é entendido como fragilidade. O homem moderno, robusto e firme “não chora”, muito menos se emociona perante o mundo. A consequência dessa obstrução sentimental está presente na frieza com que tratamos os nossos semelhantes. Uma sociedade de indivíduos sem sua individualidade reprime seus sentimentos de amor e atitudes altruístas, pois os fortes não amam, e ajudar o próximo significa ser tolo. Mas, a sensatez não é

tolice, e para conquistar a individualidade autêntica é necessário ouvir o que sentimos:

E assim ouvimos com especial atenção as agitações internas de nossas emoções e de nossos sentimentos. Esse parece ser um procedimento sensato. Os sentimentos, ao contrário da razão, neutra, imparcial, compartilhada universalmente, ou pelo menos “compartilhável”, são meus e apenas meus, não são “impessoais” (BAUMAN, 2009, p.27).

Ouvir as agitações internas das nossas emoções nada mais é do que ser sensível ao que nos acontece. De algum modo, quando somos abertos aos sentimentos sempre haverá um acontecimento que exigirá reflexão, e desta forma poderemos apresentar nossa opinião e, com atitudes concretas, revelar nossa individualidade autêntica sem nenhuma pressão (BAUMAN, 2009, p.27).

O que causa essas agitações? Seria o medo e a desesperança? Certamente. Não podemos continuar nenhum projeto de vida se não colocamos sentimentos nele. A sensatez é também o equilíbrio entre a razão e o coração, e ambas caminham juntas para nos garantir a autenticidade e a coragem, pois a desesperança tende a aumentar quando desequilibramos nossos sentimentos (BAUMAN, 2008, p.27).

Por meio da opressão dos sentimentos, percebemos nitidamente que a atuação humana na sociedade moderna líquida está limitada, uma deficiência que para muitos só pode ser “curada” com a ajuda dos grandes profissionais da psicologia. A imensa angústia e o vazio interior entram em choque; ao mesmo tempo em que o homem possui bens materiais, não consegue se preencher, pois tudo o que tem não lhe proporciona um convívio saudável com as demais pessoas. Sem a convivência, vem a solidão e as grandes indagações: o que eu sou? de que adianta possuir muito dinheiro e não ter coragem de gastá-lo com os amigos ou consigo mesmo? São inquietações e provocações que, para serem sanadas, além de uma ajuda psicológica, necessitam também de coragem e ousadia para romper com essa angústia escravizante (BAUMAN, 2009, p.30).

4.1 As relações no mercado dos consumistas

Além de lidar com o conflito de sua individualidade, o ser humano como partícipe da sociedade líquida se depara com a insegurança, o medo e o pânico. Ao observarmos bem as residências modernas, perceberemos certas

particularidades: grandes portões, totalmente fechados e trancados, muros altos com cerca elétrica e grades em todas as janelas e portas. A prevenção e o cuidado para com a segurança consomem a nossa energia psíquica, pois não sabemos onde e quando podemos estar seguros (BAUMAN, 2009, 90).

Grandes empresas ligadas a segurança estão faturando alto com o pânico. Seguranças e escoltas armadas se revezam às portas das mansões e grandes empresas. O *status* e a fama trazem muito lucro, mas a liberdade não pode ser vivenciada plenamente, pois os sequestros relâmpagos são uma realidade e uma trama fácil para criminosos que, a cada dia, investem mais nas informações precisas para realizar novos delitos (BAUMAN, 2009, p. 90).

Além da insegurança que sentimos com os nossos patrimônios materiais, padecemos com o medo da própria vida:

Incapazes de reduzir o ritmo espantoso da mudança, muito menos de prever e controlar sua direção, nós nos concentramos no que podemos ou acreditamos poder, ou no que nos garantem que podemos influenciar: tentamos calcular e minimizar o risco de nós, pessoalmente, ou das pessoas que atualmente nos são mais próximas e mais queridas, sermos atingidos pelos incontáveis e indefiníveis perigos que o mundo opaco e seu futuro incerto nos reservam. Absorvemo-nos em observar “os sete sinais do câncer” ou “os cinco sintomas da depressão”, ou em exorcizar o espectro da hipertensão e do colesterol alto, do estresse ou da obesidade. Em outras palavras buscamos alvos substitutos, nos quais possamos descarregar o excesso de medo impedido de ter acesso aos escoadouros naturais, e encontramos esses paliativos nas cuidadosas preocupações contra a fumaça do cigarro, a obesidade, a comida de lanchonete, o sexo desprotegido ou a exposição ao sol. (BAUMAN, 2009, p. 91)

Não há como trancar a vida em altos muros e aprisioná-la em grades, mas a insegurança nos acomete em nossa saúde e bem-estar. O ritmo acelerado no trabalho, o tempo corrido para os estudos e a redução do lazer influenciam diretamente em nosso estado emocional. Crianças e jovens estão sendo vitimados pela depressão, pois em suas casas recebem pouca atenção e são cobradas de maneira excessiva. Essa agitação instaura uma neurose que nos torna hipocondríacos; a qualquer pequeno sinal que nosso corpo manifeste, já nos apavoramos e pensamos no pior. A doença não existe, mas nossa mente trabalha com ela o tempo todo; não suportamos a ideia da finitude e nem abrimos mão de perder as pessoas que nos são quistas, porém não melhoramos nossos hábitos alimentares, a prática do esporte é esquecida e facilmente nos

intoxicamos com bebidas alcoólicas que por um momento servem de “anestésico” às nossas dores existenciais (BAUMAN, 2009, p.91).

Essa insegurança de vida causada pelas desesperanças da sociedade líquida estão a todo tempo nos atormentando. A questão agora é como viver na sociedade moderna tendo em frente as fragilidades do medo e da insegurança. As grandes cidades e seus centros urbanos estão sendo pensados em uma arquitetura que visa à impessoalidade. Grandes prédios com fachadas exuberantes fascinam os moradores estão convencidos de que estarão seguros lá dentro. Todavia, esses monumentos urbanos para onde estão correndo os milionários não comportam uma vida comunitária. Os apartamentos minúsculos não favorecem uma vida comunitária. Não há sala para as refeições e o sofá ocupa o lugar da mesa onde a família deveria se reunir para o diálogo fraterno (BAUMAN, 2009, p.97).

Estamos sobrevivendo em meio a “uma arquitetura do medo e da intimidação sobre os espaços urbanos” (BAUMAN, 2009, p. 97). Além dos apartamentos planejados, os grandes centros das cidades também estão sendo vítimas do medo. A ágora que servia de referência para os encontros e debates para o bem comum foi transformada em moradia pelos desempregados e sem casas. Os governos não conseguem impedir essa migração, pois muitos estão perdidos na corrupção; as vítimas desse sistema acabam sendo abrigadas pelas ruas. A praça de uma cidade não é mais o ponto de encontro, mas o abrigo dos desesperados. Aquele que tenta ocupar o espaço é intimidado pelo desconforto de visualizar a miséria humana (BAUMAN, 2009, p. 97).

Comprar pelas ruas da cidade em seus comércios sempre foi uma “aventura” para as famílias. Durante todo o ano o trabalhador poupou um pouco do seu salário para poder aproveitar as ofertas “do fim do ano”. Mas, andar pelas ruas não é mais algo simples, pois os “batedores de carteiras” estão prontos para agir quando menos esperamos. “A insegurança alimenta o medo” (BAUMAN, 2009, p.100), e nessa dinâmica estranha os comércios se aparelharam de câmeras, vigias e seguranças que a todo tempo seguem os consumidores. Comprar, embora seja algo que dê prazer ao consumidor, não é mais forte que a sua insegurança e o constrangimento por estar em uma loja sendo vigiado como um suspeito prestes a cometer um delito (BAUMAN, 2009, p.100).

Após abordarmos as inseguranças na cidade e a “arquitetura do medo e da insegurança”, resta-nos ainda apresentar outras desesperanças da sociedade líquida: o consumismo e as suas vítimas. Embora tenhamos discorrido sobre o individualismo no tocante à individualidade, agora nossa interpretação será sobre o mal que o consumo desenfreado causa à pessoa humana. Sem percebermos, estamos atuando nas relações da mesma maneira que o mercado de consumo, pois somos enfeitiçados pelas propagandas e produtos, mas logo perdemos o fetiche daquilo que adquirimos e descartamos os sentimentos e as pessoas (BAUMAN, 2009, p.105).

Constatamos uma sociedade consumista no momento em que os desejos humanos são satisfeitos com o ato de comprar. Mas esse desejo é efêmero:

A sociedade de consumo tem por premissa satisfazer os desejos humanos de uma forma que nenhuma sociedade do passado pôde realizar ou sonhar. A promessa de satisfação, no entanto, só permanecerá sedutora enquanto o desejo continuar irrealizado; o que é mais importante, enquanto houver uma suspeita de que o desejo não foi plena e totalmente satisfeito. Estabelecer alvos fáceis, garantir a facilidade de acesso a bens adequados aos alvos, assim como a crença na existência de limites objetivos aos desejos “legítimos” e “realistas” – isso seria como a morte anunciada da sociedade de consumo, da indústria de consumo e dos mercados de consumo. (BAUMANN, 2009, p.105)

O grande slogan das desesperanças na sociedade líquida é a insatisfação do consumidor mesmo tendo o poder de compra. Facilmente as lojas e os grandes shoppings estão se expandindo e a acessibilidade aos produtos é muito grande, o que mexe muito com a imaginação do consumidor. O mercado do consumo não se cansa, ao contrário, suas ofertas são anunciadas 24 horas por meio da *internet*. Parte dos grandes sites estão presos aos anúncios das grandes marcas que patrocinam sua hospedagem no mundo cibernético. O prazer em poder comprar não dura muito tempo; o celular novo de hoje já é ultrapassado para o próximo ano. Portar com um aparelho antigo não alimenta o ego do consumista. O mesmo acontece com as roupas, sapatos e carros: todos os anos os insatisfeitos com seus produtos “seminovos” estão desesperados pela troca e aquisição de novos produtos. A grande proposta da sociedade moderna líquida é: tornar-nos permanentemente insatisfeitos. Essa insatisfação atinge a vida como um todo; não há saciedade para nada do que realizamos, sempre permanece um

“vazio interior” que parece roer nossa vida, deslocando-nos para um constante aborrecimento (BAUMAN, 2009, p.105).

O consumismo encontra facilidade para oferecer seus produtos. Quem se opõe a ele é excluído da sociedade líquida. O comércio oferece artefatos para todas as áreas: moda, veículos, aparelhos de alta resolução e até para a saúde. Frequentemente acompanhamos nos comerciais da TV, rádio e *internet* a rapidez da “indústria comercial”. Cosméticos com promessas de rejuvenescimento, perfumes importados fascinantes e até pílulas “milagrosas” para o emagrecimento. Todas essas ofertas fazem parte da “ditadura do consumismo”. Se cumprem a promessa, não importa. O que vale é adquirir, pois infeliz será quem não perder peso com ou não usar os perfumes das grandes marcas (BAUMAN, 2009, p.106).

O consumismo criou na sociedade líquida a “síndrome consumista” (BAUMAN, 2009, p.108) que elege a transitoriedade como sua maior prioridade e encurrala o valor da vida deixando-a materialista e utilitarista. A vida familiar é vítima dessa síndrome. Os casais e seus filhos não conseguem se desvencilhar dela, pois já incorporaram em suas vidas o prazer efêmero do mercado consumista. O que está em questão de maneira prioritária não é o bem-estar, ou a boa aparência somente, mas a saúde do consumidor. Para um corpo saudável a aparência de músculos malhados e tonificados em academias é o que importa, e, mesmo que isso custe caro, o consumista se entrega, pois não quer perder a aparência de “forte” que a sociedade lhe cobra.. Em muitas famílias há um grande desespero em “manter as aparências”, e esse triste fato passado do aparente físico e se expande para as relações, uma vez que a falta do dinheiro para manter os “caprichos” do consumo nunca é suficiente (BAUMAN, 2009, p. 122).

Os matrimônios estão sendo acometidos pela desesperança; a família perde muita energia com as questões econômicas. Os cartões de crédito são os vilões, enquanto solução rápida para se obter o que se deseja, mas não ajudam nas contas a serem pagas. Os filhos estão temerosos e inseguros, pois a qualquer momento podem ser surpreendidos com a triste separação de seus pais. Por sua vez, jovens casais optam por não ter filhos, pois as crianças gerarão mais despesas:

Ter um filho é mergulhar de cabeça num antro de jogatina, é ficar refém de destino ou hipotecar o futuro sem ter uma ideia do preço das

prestações e de quanto tempo levará para quitar a hipoteca. Assina-se um cheque em branco e assume-se a responsabilidade por tarefas desconhecidas e imprevisíveis. O preço total não foi estabelecido, as obrigações não são explicadas e não há “garantias de devolução do seu dinheiro” caso o produto não satisfaça plenamente (BAUMAN, 2009, p.136).

Em uma tradição não muito distante de nós, poderíamos datá-la como um costume do jovial século em que estamos. O casamento é o passo para constituir uma das (ou a mais) robustas “instituições”: a família. Porém, com o avanço da “síndrome consumista” e o doentio mercado dos insatisfeitos, o casamento deixou o “até que a morte nos separe” e assumiu a transitoriedade do descartável. Os filhos eram a “alegria da casa”, agora, são vistos como um “cheque” sem valor e que, a qualquer momento, pode ser devolvido e causar muito prejuízo. A destituição da família como prioridade acarreta à sociedade mais desesperanças, pois em um lar onde há harmonia, diálogo e amor todos os membros são vistos como parceiros, irmãos e amigos, não como espécie financeira (BAUMAN, 2009, p. 136).

Antes, porém, de uma família ser constituída, havia a cordialidade do namoro, uma maneira direta para se conhecer e planejar o futuro. O compromisso do homem era levado a sério e a mulher era cortejada com todo o respeito possível. Longe do saudosismo, acompanhamos na sociedade líquida a dissolução de bons costumes. A “moda” disseminada entre a juventude é o “pegar”, mas nunca se “apegar”, ou seja, nada de compromisso. Os reflexos dessa situação são a promiscuidade que traz consigo o enfraquecimento do verdadeiro sentido do amor. Não será possível uma esperança para essa sociedade líquida enquanto os homens tratarem as mulheres como produtos que podem ser comprados e vice-versa. O amor tão debatido é esquecido e confundido com experiências sexuais:

Não devemos nos surpreender se essa suposição se mostrar correta. Afinal, a definição romântica de amor como “até que a morte nos separe” está decididamente fora de moda, tendo deixado para trás seu tempo de vida útil em função da radical alteração das estruturas de parentescos, às quais costumava servir, de onde extraía seu vigor e sua valorização. Mas, o desaparecimento dessa noção significa, inevitavelmente, a facilitação dos testes pelos quais uma experiência deve passar para ser chamada de “amor”. Em vez de haver mais pessoas atingindo mais vezes os elevados padrões do amor, esses padrões foram baixados. Como resultado, o conjunto de experiências às quais nos referimos com a palavra amor expandiu-se muito. Noites avulsas de sexo são referidas pelo codinome de “fazer amor”. (BAUMAN, 2004, p. 19)

Sem dúvida, o ser humano aprimorado em suas relações é aquele que pode partilhar de um grupo numeroso de amigos e com eles trocar suas experiências e dividir suas angústias e alegrias. Na atual velocidade em que a sociedade líquida caminha, as relações de amizade estão enfraquecidas e a desconfiança não permite novos amigos. O mundo virtual e suas famosas ferramentas de “bate papo” têm incutido a ideia de que não precisamos de ninguém, basta escrevermos para aliviar nossa depressão. Assim, percebemos que o sentido do amor se esvazia e sua relação com o “mundo erótico sexual” é sedutor e convincente (BAUMAN, 2004, p. 19).

Qual seria o grau verdadeiro do amor? Certamente o altruísmo. A desesperança na sociedade líquida mostra sua força quando não sabemos mais o significado do “amor desinteressado”. É comum o querer algo em troca por aquilo que fazemos por alguém. Sempre há aqueles que desejam obter vantagens em tudo e, caso alguém aja com alteridade, muitas suspeitas são levantadas: será um santo? Qual seu interesse com isso? Porém, não podemos perder a esperança de que na sociedade moderna ainda há aqueles que se dedicam ao próximo e não esperam nada em troca, pois pautam suas vidas pelo desejo do bem comum e da promoção do ser humano por um amor verdadeiro (BAUMAN, 2004, p.19)

Ao encerrar este capítulo, lançamos perspectivas para os próximos, nos quais analisaremos a espiritualidade cristã em resgate das vítimas: consumistas, trabalhadores, crianças, juventude, pobres e o Planeta e seu sistema ecológico. As vítimas da desesperança estão carentes de um sentido que as levem do consumismo para uma vida real e não baseada no sistema capitalista do utilitarismo. É fácil constatar as fragilidades da modernidade líquida, que são o consumismo, o ativismo e um verdadeiro culto ao corpo malhado, mas não encontramos com a mesma facilidade soluções para essas fragilidades. A espiritualidade cristã, na perspectiva moltmanniana, nos leva à esperança como um elemento fundamental, ou seja, acreditando que há solução para essas fragilidades desde que o ser humano se coloque em atitude de esperança, a qual o conduzirá na busca de melhorias para sua existência.

Capítulo II

A espiritualidade cristã

1 Introdução

Neste capítulo, nosso objetivo será apresentar a compreensão da espiritualidade cristã. Para atingirmos esse propósito utilizaremos dicionários e

obras que nos oferecem uma compreensão ampla sobre o tema. Embora existam vários tipos de vivência espiritual, a nossa abordagem será sobre como ela se desenrola de maneira cristã. As muitas práticas contidas na piedade cristã já nos revelam um belo caminho da vivência cristã que tem como centralidade a vida e a obra de Jesus. Grandes fundadores de comunidades religiosas foram ousados e abertos aos dons do Espírito ao oferecem a homens e mulheres um meio de vida inspirado em seu carisma; monastérios e casas religiosas foram fundadas e iniciaram uma espiritualidade voltada para aquilo que seus patronos idealizaram. Há dois elementos fundamentais na espiritualidade cristã: a centralidade em Jesus, sem a qual nenhuma prática de vida cristã seria autêntica, e a escuta da Palavra. Ouvir e refletir a Bíblia é uma prática presente em todas as espiritualidades cristãs, pois é por meio da Palavra que a vitalidade espiritual alcança seu objetivo de oferecer aos seus praticantes uma vida renovada e convertida para o bem. A experiência de vida é o maior conteúdo da espiritualidade cristã; não há como definir uma compreensão da mesma sem a colocar no centro os acontecimentos da existência, o que causaria uma má compreensão da espiritualidade cristã, pois, como apresentaremos, ela é uma vivência direta nos acontecimentos da vida humana. Ao compreender que Jesus é o centro da espiritualidade cristã e a vida humana seu conteúdo, a vivência espiritual ganha um impulso vitalizador e o homem passa a buscar o Reino de Deus como meta para o mundo carente de amor e atenção em suas relações. Neste capítulo, apresentaremos ainda a vida de Jürgen Moltmann e a vivência da esperança em sua vida; sua presença na II Guerra Mundial e o cativeiro em *Northon-Camp* proporcionaram-lhe a compreensão da vida espiritual de uma maneira valiosa; as desesperanças do mundo não lhe tiraram o gosto pela vida. Assim, a espiritualidade cristã, em perspectiva moltmanniana, é baseada na força do Espírito que renova todas as coisas e ampara o ser humano nas tristes realidades que lhe acometem no decorrer da vida.

2 Compreendendo a espiritualidade cristã

No *Dicionário de Espiritualidade* encontramos a seguinte definição: “espiritualidade é a qualidade do que é espiritual” (ANCILLI, 2012, p. 897), uma

ciência que estuda os atos de piedade e as práticas religiosas. Trabalhando estritamente o sentido da palavra, a espiritualidade é considerada por muitos a relação pessoal do ser humano com Deus (MONDONI, 2014, p.13).

Os muitos fundadores das congregações religiosas entenderam a espiritualidade segundo os seus carismas: inspirações pessoais de acordo com a necessidade da época em que estavam ligados. O dinamismo da vida espiritual destes fundadores é ainda vivenciado no meio popular como, por exemplo, as “Santas Missões populares” pregadas pelos missionários redentoristas, que têm como fundador Santo Afonso de Ligório. Os muitos padres inseridos nas favelas, vilarejos, santuários e outros meios de missões, passam adiante uma espiritualidade ligada ao carisma do santo fundador da Congregação do Santíssimo Redentor.

Cada fundador de uma Congregação religiosa criou uma escola de aprendizado para formar não somente seus religiosos, mas os leigos que simpatizam com as suas ideias e carisma. Ao destacar no estudo da espiritualidade cristã a existência de escolas, estamos apresentando caminhos percorridos por seus representantes: teólogos, místicos, santos e mestres; nem todos os estudiosos do tema são favoráveis a estas escolas por acreditarem que as distinções entre elas são complexas (ANCILLI, 2012, p. 899). Esta complexidade não se apresenta pela dificuldade em entender o que os fundadores escreveram ou pediram, mas pelo grande número de escolas de espiritualidade que já existem e tantas outras que surgem com o tempo. Portanto, ficaria inviável distinguir em uma única linha de reflexão a espiritualidade que apresentam e oferecem.

Há muitas escolas de espiritualidade, entre elas: eremítico-oriental, agostiniana, beneditina, dominicana, franciscana, carmelita, inaciana, filipina, salesiana e alfonsiana. Percebe-se, pelos nomes, que todas estão ligadas aos santos fundadores de uma determinada congregação religiosa (ANCILLI, 2012, p. 900). Não será feito um aprofundamento sobre estas escolas, mesmo por que não é o objetivo principal deste trabalho. Nas fontes utilizadas para a redação deste capítulo, a grande maioria ao menos menciona a existência das congregações religiosas, seus fundadores e, por consequência, as escolas de espiritualidade de onde nasceram.

Ao procurarmos uma definição de espiritualidade, precisamos da compreensão de que a experiência de vida é o seu maior conteúdo. As congregações religiosas, que definiram escolas de espiritualidades têm na sua origem experiências de vida e acontecimentos históricos. Portanto a espiritualidade é uma força ligada diretamente à vida e à vitalidade humana (CATÃO, 2009, p. 11).

Para uma melhor compreensão da espiritualidade cristã, é necessário considerar quatro elementos determinantes: a condição de criatura, que tem dentro de si o desejo de Deus pela nossa felicidade: a comunhão com Deus, vivenciada por meio da vocação que Ele concedeu a cada um; a realização humana; trilhar os caminhos de condução à comunhão com Deus (CATÃO, 2009, p.23).

Estes quatro elementos já estão inscritos no coração de todo ser humano, sendo desafiador vivenciá-los de maneira que não sejam um fardo e sim um caminho para a felicidade. A espiritualidade não é um luxo, mas uma condição concreta para quem deseja participar da vida divina. Em todas as fases da vida cristã datadas em uma linha histórica do tempo encontraremos estes elementos explícitos nas orientações e regras de vida dos padres, monges e das comunidades de vida cristã (CATÃO, 2009, p.23).

2.1 A espiritualidade cristã e seu centro: Jesus

Após discorrer sobre alguns modelos de vida espiritual, será apresentado agora o centro de toda espiritualidade Cristã: Jesus Cristo. A espiritualidade é inerente ao ser humano, porém no que se refere à vida cristã, o Espírito é apresentado de maneira concreta nas ações cotidianas e na atuação de Jesus que nos comunica o Pai (CATÃO, 2009, p. 17). O seguimento a Jesus levou os discípulos e os apóstolos a entregarem suas vidas ao seu programa libertador. Os desdobramentos do discipulado são muitos: comunidades formadas pelo modelo do evangelho, mosteiros de vida contemplativa que se dedicaram integralmente à evangelização por meio da intelectualidade e a santificação de homens e mulheres até chegarem ao martírio. Não nos aprofundaremos na vida das primeiras comunidades cristãs e nem apresentaremos a vida dos santos, mas

nossa intenção é mostrar o centro da espiritualidade cristã que é Jesus e as consequências desta centralidade na vida dos cristãos.

A centralidade da espiritualidade cristã em Jesus perpassa séculos da história. Na Antiguidade, foi concebido como o Ungido de Deus que na Cruz atraiu a tudo e a todos para si. Vencedor da morte é o Senhor do universo como o Pantocrator, que por meio da misericórdia uniu todo o Mundo. Na Idade Média, a tradição oriental traz o nome de Jesus em suas orações, e os que aderiam a este modo oracional eram denominados “os que vivem da oração de Jesus” (CATÃO, 2009, p. 19).

No Concílio de Nicéia, em 325, Jesus é proclamado como o “Verbo consubstancial ao Pai”. Tal proclamação alinhou na espiritualidade cristã que Jesus é o centro de toda a santidade aspirada pelos cristãos. Deus encarnado é o Cristo que nos salva, portanto, o ser humano deve atrever-se a buscar sua divinização sem esquecer-se da Trindade, uma vez que a espiritualidade focada em Jesus é totalmente trinitária. Ao agirmos no Espírito de Jesus estamos permitindo a ação inefável e real do próprio Espírito Santo (CATÃO, 2009, p. 26).

A espiritualidade cristã é um acolhimento pessoal de Jesus na nossa vida, e cada cristão deve aderir em sua existência espiritual às mesmas atitudes de Jesus. Assim sendo, há três momentos principais na vida cristã para esta acolhida: a conversão, que deve tocar o coração humano e orientar a vida e a caminhada comunitária; o anúncio do Reino a todas as pessoas; a comunhão definitiva com Jesus, que não nos abandona, ao contrário, nos insere de vez na vida de Deus. Acolher Jesus de modo preponderante na vida é tomar conhecimento de si mesmo, pois será impossível o ser humano praticar a espiritualidade cristã não conhecendo seu interior. (CATÃO, 2009, p. 22).

O encontro pessoal com Jesus é o centro da espiritualidade cristã. Em Jesus, todo cristão é chamado para sair de si e ir ao encontro da Palavra de Deus que vem a nós como dom oferecido pelo Pai. Comunitariamente este encontro também acontece, mas é pessoalmente que o transcendente pode fazer o caminho da conversão individual. Não seria possível dizer quem é Jesus sem antes passar por este encontro pessoal, caso contrário estaríamos repetindo experiências que os outros fizeram (CATÃO, 2009, p. 27).

Encontrar Jesus exige vivenciar as atitudes concretas que ele pregou, ensinou e viveu. O Reino de justiça, paz e amor é assumido pela espiritualidade

cristã e por aqueles que, de maneira latente, desejam vivê-la. Ao aderir à fé em Jesus, a Igreja assume o compromisso social para transformar o mundo atual por meio da caridade e gentileza para com o próximo. De modo algum o Reino deve ser uma dicotomia entre o mundo em que estamos e o céu que esperamos. Ao contrário, a comunhão com Deus já é o seu Reino acontecendo entre nós. Há um problema sério no testemunho de vida cristã: alguns cristãos não conseguem vivenciar e compreender os ensinamentos de Jesus e acabam colocando uma interpretação que fere a justiça e distorce o verdadeiro sentido do amor, de viver sem preconceito e acolher o próximo como a si mesmo (CATÃO, 2009, pp. 33-34).

Vivenciar a espiritualidade cristã é ter a convicção de que o futuro se inicia com a nossa atitude de amor que é a norma suprema da vida espiritual. Sem amor não há Reino. Jesus não pode ser compreendido como o centro da espiritualidade cristã se os seus seguidores não forem sensíveis ao amor. Em todos os tempos e épocas a espiritualidade cristã se difunde de maneiras diferentes, mas nunca pode perder de vista o foco do amor. Quando a espiritualidade cristã deixa de lado a vivência do amor corre o risco de se tornar apenas uma “norma de vida”. Jesus e seu povo sofreram muito com um “amor pelas leis”, pois muitos partidos religiosos de sua época pregavam um amor que não viviam, muito menos transformava as tristes realidades de sua época. Atualmente o cenário mundial não prega um amor genuíno. TVs, rádios e os novos meios de comunicação estão empreendendo suas forças em no “amor erótico” e na troca de interesses. Sem dúvida, esses meios acabam afetando a espiritualidade cristã, mas não podem permanecer nela, pois isso distorceria a sua compreensão real e verdadeira (CATÃO, 2009, p. 34).

Por amor é que o ser humano foi criado e, um dia, ao entardecer da vida, por ele também a humanidade será julgada; o julgamento das atitudes da vida humana não será isento de amor da parte do Criador. A vida de Jesus, por ser pautada no Espírito do Pai que lhe enviou, é guiada pelo amor. Por isso, não poderia ser diferente aos que seguem a Jesus; a prática do amor no cotidiano abre horizontes para uma vida comunitária com mais harmonia. Paulo Apóstolo, ao saber dos dissabores e conflitos da comunidade em Corinto, orienta-a a viver guiada pelo amor: “Atualmente permanecem essas três coisas: fé, esperança e amor. Mas a maior delas é o amor” (1Co 13.13). Tudo tem passado de modo

rápido no mundo. A moda das finas roupas, os eletrodomésticos e os aparelhos de celulares a cada ano são inovados, mas para espiritualidade cristã o que deve permanecer é o amor; já as demais coisas devem ser transcendidas, principalmente as pequenas picuinhas da vida que destroem o bom humor do cristão e o fazem amargo com o próximo (CATÃO, 2009, p.35).

O amor como sentimento cristão é abordado pela Igreja que orienta seus fiéis a praticá-lo de modo concreto, principalmente na ajuda aos pobres e sofredores deste mundo excludente. Agostinho e Tomás de Aquino dedicaram grande parte de suas obras discorrendo sobre o amor e sua atuação na Criação, no Reino, na Trindade e na Ressurreição. Portanto, o amor é como um “sinal de nascença” na espiritualidade e prática cristã, jamais deixará de existir. Embora nos dias atuais o amor esteja descaracterizado, mal compreendido e pouco vivenciado, a espiritualidade cristã vem a ser um resgate firme do amor; Jesus não poupou esforços em sua vida para ensinar aos seus discípulos que o amor é uma prática que liberta e encoraja a busca pelo Reino (CATÃO, 2009, p.35).

Foi por amor que Jesus se entregou à morte, a qual trouxe grande tristeza aos seus seguidores. A morte na cruz foi o ápice do amor de Deus pela sua criação. Ao plantarem na terra a Cruz do filho de Deus, o amor deixou de ser apenas comentado, mas se concretizou. Da Cruz passamos para o grande evento da ressurreição que não permitiu ser a morte a atitude na vida de Jesus (CATÃO, 2009, p.35).

Na espiritualidade cristã a ressurreição de Jesus é uma fonte que nutre a vida dos seguidores. Não há como a espiritualidade cristã permanecer sólida e consistente se não reafirmar todos os dias a ressurreição. Não é simplesmente uma volta à vida que Jesus experimentou, mas é uma nova maneira de permanecer vivo por meio da coragem e da espiritualidade dos seus seguidores. Os seguidores de Jesus, desde os apóstolos até a formação das primeiras comunidades, puderam intensificar a vivência comunitária da espiritualidade aceitando e rezando a ressurreição do mestre. A felicidade espiritual acontece quando a morte é percebida como uma páscoa e não como o fim da vida. Na espiritualidade cristã a morte não pode ser um medo que atormenta a vida, ao contrário, deve ser encarada como uma realidade que todo ser humano terá um dia que enfrentar, mas não sem perder as esperanças de que a ressurreição também irá acontecer. A sociedade contemporânea está atemorizada pela morte;

não há uma preparação para que a aceitemos de maneira natural. Muitos acreditam na imortalidade e gastam milhões pesquisando sobre as “fórmulas para a vida eterna”. Esse desejo por uma vida infinita causa aborrecimentos em pobres e ricos. Como pode Deus permitir a morte? A grande resposta não está na permissão de Deus, mas em nossa aceitação; é do humano a finitude, mas não é nosso o poder sobre a vida (CATÃO, 2009, p.38).

As primeiras comunidades cristãs são para nós fonte de espiritualidade; as pequenas comunidades formavam grupos de convivência que se solidificavam com a conversão de novos membros atraídos pelo testemunho sobre o Jesus ressuscitado. A fração do pão e a partilha dos bens demonstram uma espiritualidade do desapego, ou seja, para ser um autêntico cristão o crente não poderia acumular bens e permitindo que os pobres perecessem. Além do desapego material, a renúncia da própria vida por meio do martírio era uma característica nas primeiras comunidades. Como manter vivas essas características? A resposta está na prática da espiritualidade cristã que não permite que caia no esquecimento a vida de predecessores tão zelosos e fervorosos pela vida de Jesus (CATÃO, 2009, p. 58).

O martírio de Estevão, relatado por Lucas no livro de *Atos dos Apóstolos*, aponta para o futuro de muitos cristãos: assassinados por acreditarem em um modelo de vida justo e fraterno. Na atualidade, ainda encontramos grandes mártires que, ao defenderem a espiritualidade cristã, perdem suas vidas ao não concordarem com o sistema exploratório que esmaga os pobres. A impunidade tem sido a maior inimiga da espiritualidade cristã, pois apesar do testemunho de muitos cristãos destemidos, outros tantos acabam caindo no recolhimento, não por covardia, mas por não conseguirem combater o injusto sistema de covardia que persegue todos aqueles que não aceitam a mentira e a corrupção (CATÃO, 2009, p. 58).

3 A importância da Palavra para a espiritualidade cristã

Segundo a tradição cristã, o encontro com Jesus se dá na escuta da Palavra. A igreja, em todos os tempos, por meio do magistério permite-nos um olhar espiritual à Palavra. Santos e doutores se debruçaram sobre a Bíblia, e este

fato nos deixa claro que a Palavra é uma das fontes à qual a espiritualidade cristã irá recorrer sempre. A Bíblia é uma fonte perene e inesgotável que pode ser alcançada por todos; homens e mulheres simples encontram na escuta da Palavra a motivação que precisam para levar adiante a luta em suas vidas. A perda da Palavra e o fechamento dos cristãos no acesso à Bíblia ocasiona uma rotina de desentendimentos; não é somente a palavra de um líder que deve guiar uma Comunidade, mas a Palavra deve conduzir todo o magistério e seu povo (CATÃO, 2009, p.45).

A Igreja por meio do magistério sempre manteve a Palavra como uma das fontes da espiritualidade cristã. São Jerônimo afirmou que “a ignorância das Sagradas escrituras é ignorância de Cristo” (CATÃO, 2009, p.45). Sendo assim, não se imagina espiritualidade sem a leitura e a prática dos ensinamentos bíblicos, prova disso é que em todas as missas e celebrações a Palavra tem seu momento de destaque. Nos sermões dos padres da igreja sempre encontramos trechos bíblicos fundamentais para as exortações aos fiéis. Exortar e ensinar é parte da espiritualidade cristã que não é uma incumbência exclusiva dos líderes ordenados, mas uma prática que todos os cristãos devem exercer (CATÃO, 2009, p.45).

Na espiritualidade cristã existe a *lectio divina*, popularmente conhecida como a leitura orante da Bíblia. Esta prática antiquíssima foi citada no Sínodo dos bispos em 2008, que refletiu o tema: “A palavra de Deus na vida e missão da Igreja” Na verdade, o sínodo ressaltou o que as Comunidades primitivas sempre faziam com muita devoção: “a escuta e o acolhimento à Palavra de Deus”, pois nela Cristo se faz presente. Se Deus está presente na reflexão da Palavra também estará nas práticas cristãs. Na leitura orante da Bíblia, o cristão segue passos que o conduzem com calma ao seu interior; lá consegue encontrar as forças necessárias para atuar de modo profético na sociedade em que vive. O cristão praticante da *lectio divina* “rumina a palavra em sua vida e atitudes” e com isso consegue atingir não somente uma devoção à Palavra, mas desenvolve um conjunto de práticas que o estabilizam diante dos descontroles da sociedade (CATÃO, 2009, p.45).

A *lectio divina* está ligada à liturgia da palavra que podemos definir como um caminho; o povo de Deus, reunido em assembleia litúrgica, curva-se diante da Palavra e com ela aprende, reza e pratica os ensinamentos divinos. Na

celebração litúrgica a palavra não é somente ouvida ou proclamada, é também acolhida na fé e atualiza o mistério da salvação. A atualização deste mistério salvífico se desenrola nas práticas de uma espiritualidade que transparece em suas reuniões litúrgicas a paz e uma harmonia que envolve a todos. Os corações que se curvam para a Palavra também se inclinaram para os pobres e fragilizados; não é possível amar a Palavra e não a obedecer, ou seja, após venerar a Bíblia, o orante se doa ao próximo e não medirá esforços para resgatá-lo das misérias e pobreza que o mundo lhe impõe (ANCILLI, 2012, p. 1913).

É ricamente prudente levar em consideração que a Palavra de Deus também é uma mesa da comunhão, na qual os fiéis nutrem a fé-vida. Por isso, é venerada com todo respeito e carinho como o corpo de Cristo (Dei Verbun 21). Sendo assim, a liturgia é enriquecida não somente pelos ritos e práticas das rubricas, mas com a presença viva de Cristo em toda a Palavra das Sagradas Escrituras. Na celebração litúrgica da eucaristia não há duas mesas, “palavra e eucaristia”, mas uma única, na qual palavra e sacramento formam um todo (ANCILLI, 2012, p. 1913).

Entre os muitos objetivos do cristianismo, um dos principais é transformar o mundo por meio do anúncio da Palavra. Esse anúncio acontece por meio da pregação do evangelho no qual encontramos uma espiritualidade transformadora e geradora de vida. Transformar e gerar devem ser atitudes impregnadas de vida cristã; todos os que desejam beber da espiritualidade cristã devem assumir o compromisso sério em trabalhar por um mundo mais justo e fraterno. As guerras, a fome e a destruição do amor não podem ser mais fortes que nosso desejo em mudar a triste realidade em que estamos. Gerar a vida na espiritualidade cristã é defendê-la, mesmo quando a lei for a favor da morte; jamais, na espiritualidade cristã, será aceito que o próximo morra por falta de assistência médica e isso nos cale. A Palavra que ouvimos deve gerar em nós uma ousadia em questionar os poderes da sociedade e cobrar das autoridades para que o ser humano seja tratado com dignidade e respeito (ANCILLI, 2012, p. 899).

As Sagradas Escrituras revelam uma espiritualidade construída na história de vida também das comunidades. Jesus é a fonte imediata da espiritualidade Cristã, porém, antes dele, há toda uma história que percorre desde Adão aos Patriarcas, reis e profetas até João Batista, com sua espiritualidade de conversão. Essa história é considerada como antecipadora da experiência de Jesus. Antecipa

a história de Jesus, mas não coloca um ponto final; após a ressurreição do Senhor, os seus discípulos continuam, até nos dias de hoje, a sua ousadia em libertar os pequenos e, dessa forma, a espiritualidade cristã se preenche de atitudes concretas em favor do ser humano. Há nos dias atuais os profetas que, tocados pela espiritualidade cristã, veem-se motivados a levar adiante não somente uma história, mas um projeto concreto de atitudes que geram e transformam vidas (GRECH, 1992, p.51).

A realização da vocação humana chega à sua plenitude quando o homem reconhece Deus como seu Criador e responde à sua Palavra por meio de sua vida, isso é, rezando o que as Sagradas Escrituras apresentam como proposta de espiritualidade: acontecimentos de fé, como o chamado de Abraão, e o profetismo de homens e mulheres comprometidos com a verdade. Na contemporaneidade, ouvir a Palavra e dela extrair algo que transforme a vida parece-nos impossível; o mundo midiático não ganha audiência com pobres que se protegem. A vocação para a vida tem perdido sua plenitude em um mar de arbitrariedades que massacram a vida e priorizam uma pequena parcela de poderosos. O compromisso com a verdade traz a esperança que o povo sofrido necessita; a verdade liberta e denuncia as “máscaras da pseudo-bondade” que há em muitos meios, inclusive o político (GRECH, 1992, p.51).

Por meio da Sagrada Escritura a esperança encontra suas fundamentações, e ambas levam à espiritualidade cristã o desejo de Deus: uma amizade do Criador com todas as criaturas. Uma cordial fraternidade selada pela fé na qual pode ser possível a encarnação do Verbo divino:

Mas a Teologia Espiritual, embora considerando sempre a verdade de Deus contida na Tradição bíblica, sem desprezar nenhuma das exigências éticas do seguimento de Jesus, tem uma forma própria de ler a Bíblia, pois focaliza a experiência das pessoas e das comunidades envolvidas na história da salvação. A Sagrada Escritura, como testemunha o Novo Testamento, de forma toda especial os escritos joaninos, lê a história da salvação à luz de seu valor supremo, a amizade com Deus e em Deus, a caridade. (CATÃO, 2009, p.20)

Sem a Palavra não seria possível remontar uma tradição que assegura a amizade do Criador com a criação. A história das primeiras comunidades animadas pelo Cristo ressuscitado é a própria vida dos crentes, que apesar das adversidades, mantiveram firmes a amizade com Deus. Este relacionamento amigável é a espiritualidade, pois conduz os que creem ao abandono do mundo

incrédulo e vazio para uma vitalidade dentro da própria Comunidade. Abandonar os vazios desse mundo é uma esperança que a espiritualidade cristã carrega e si mesma; suas práticas nos convertem para um Deus amigo que de todas as maneiras sempre nos permitirá a liberdade, mas pela espiritualidade que nos anima e aproxima, preenche a vida com um sentido amplo, possibilitando-nos valorizar as pessoas, sem centrar nossa existência nas aparências que o dinheiro possa comprar. (CATÃO, 2009, p.20).

Embora não seja nossa intenção fazer uma exegese da Escritura, devemos salientar uma “experiência espiritual” relatada já no Antigo Testamento (FESTORAZZI, 2012, p.25). Esta vivência espiritual acontece quando o povo de Israel sente a presença de Deus em seu meio. Uma das experiências que o Povo de Israel teve com o Criador foi a de concebê-lo como o organizador do cosmo. Tudo era vazio e sem forma, mas Deus criou e organizou a Terra para que ela recebesse o ser humano e ambos se cuidassem. O povo de Israel vivenciou uma espiritualidade por meio do cuidado, ou seja, sentiram-se cuidados por Deus que os criou e ao logo da história os acompanhou por meio dos patriarcas e profetas. Porém, há uma mudança de consciência desta experiência espiritual: do Senhor que criou, organizou e cuidou, em Cristo o povo sentiria a presença do Deus salvador. O povo que estava oprimido sentiu a mão do libertador:

A experiência, vivida provavelmente por um grupo pequeno de hebreus (escravos saídos do Egito e que passaram pela experiência sinaítica) é relida como experiência de libertação e de aliança, por parte de Deus, em relação a Israel, acontecida no âmbito da história. (FESTORAZZI, 2012, p.30)

A espiritualidade libertadora e a experiência de libertação estão ligadas ao povo de Israel, de modo que não há como falar de um ou outro sem ambos se referirem; o povo é libertado e sente as marcas de um Criador que não permitiu a escravidão, por isso a espiritualidade da liberdade os fez caminhar rumo à Terra Prometida. A escravidão impedia a liberdade na qual Deus os criou, mas pelo clamor sincero e oracional dos hebreus a liberdade foi conquistada. Essas experiências de liberdade e libertação ainda são marcas profundas na vida cristã; em regimes ditadores pelo mundo, muitos cristãos atuaram de modo discreto, mas comprometidos com a vida humana. Muitos bispos, padres e leigos não se amedrontaram diante das duras realidades de perseguição e com esperança libertaram centenas de vidas dos campos de concentração e das grades injustas

que queriam calar aqueles que acreditavam na liberdade (FESTORAZZI, 2012, p.25).

A grande festa da Páscoa judaica se transforma na celebração de vida nova. A presença da liberdade deve ser festejada por meio de um rito que os lembre da amargura da escravidão e ao mesmo instante experimentem a liturgia da alegria por meio da libertação. A monarquia foi, no Antigo Testamento, uma experiência que nasceu em meio a fortes oposições do povo. O rei é escolhido por Deus para governar sabiamente e, ao seu lado, pode ter a ajuda dos profetas que eram guias espirituais, tanto ao rei quanto à população. Quando a corrupção dominava o sistema monárquico, o profeta, em nome de Deus, falava ao rei para que abandonasse todo tipo de irregularidade. O rei deveria ser a esperança para o seu povo, mas caso ele se esquecesse deste dever, o profeta era um sinal a lembrá-lo de que em sua presença estava o Espírito de Deus; sendo assim, sua atitude deveria ser de um homem de fé, e não simplesmente de um legislador (FESTORAZZI, 2012, p.32).

Dentre as muitas funções do rei (juiz, sacerdote e amigo), a mais preponderante é ser o mediador da salvação. É esta a ideia que atravessa todo o Antigo Testamento. O rei é eleito por Deus. Como exemplo, podemos citar a vida de Davi e suas muitas histórias, nas quais, a todo momento Deus o chama de volta à fidelidade, pois fez com ele, por meio da monarquia, uma aliança com todo o povo (FESTORAZZI, 2012, p.32).

Percebemos que neste momento da monarquia nos é revelada uma experiência espiritual de um povo que saiu da escravidão, caminhou pelo deserto até a Terra Prometida e, tendo posse dela, necessita de líderes. Um dos modelos de liderança será a vida palaciana comportando um rei absoluto que é escolhido e eleito por Deus. A experiência espiritual não poderia aqui ser singular, mas é plural, pois a ação de Deus está justamente nos muitos acontecimentos de alegria ou tristeza que o povo enfrentou (FESTORAZZI, 2012, p.32).

Da monarquia passamos a discorrer sobre a grande invasão dos Assírios no reino de Israel e a deportação do povo para a Babilônia. A experiência espiritual agora será em volta do exílio, tempo no qual o povo de Israel sentiu a amargura de perder sua terra e o local de culto ao Deus verdadeiro. O rei eleito não existe mais e a monarquia é despótica e pagã. As perguntas reflexivas em torno destas questões são: onde está Deus que nos abandonou? Como sentir a

espiritualidade de eleitos por Deus estando em mãos inimigas? O exílio, portanto, é um dos momentos (se não o mais) críticos da fé do povo de Israel. A tentação em murmurar contra Deus é algo constante. A promessa de um reinado do Deus fiel está ameaçada, pois no exílio não há como sonhar livremente. O Deus que até então era todo esperança, agora, não é mais sentido e a amargura atinge também os profetas que estão no exílio, como Habacuc e Jeremias. O cativeiro é uma consequência das constantes infidelidades do povo a Deus, porém não será o fim de Israel morrer em terras estrangeiras. O retorno para casa é a conversão oferecida por Deus (FESTORAZZI, 2012, p.40).

O exílio foi uma dura realidade ao povo, uma experiência amarga que de alguma maneira os fez repensar a fé e a fidelidade para com Deus. Mas o exílio não foi somente ônus. Para quem teve sabedoria e discernimento, mesmo no sofrimento, pode crescer espiritualmente e sentir a presença de Deus até no cativeiro. A presença dos profetas junto ao povo exilado era um sinal da presença divina. Ezequiel, mesmo sofrendo duras perseguições, não abandonou o povo e protestou contra toda forma de idolatria. Ao refletirmos as realidades dos exílios da modernidade encontramos muitos desesperados que colecionam derrotas e amarguras nem suas vidas; encarcerados que vivem de modo desumano, famílias desassistidas e tomadas pelo tráfico das drogas. Nesses duros exílios, muitos não foram deportados de suas terras, mas foram tirados da dignidade e sobrevivem de maneira ultrajante (FESTORAZZI, 2012, p.40).

O Dêutero-Isaías sente-se provocado a profetizar a força universal de Deus como criador e libertador. Ao povo oprimido no exílio Isaías convida a caminhar vislumbrando o futuro, deixando de lado a tristeza: “Não se lembrem mais das coisas passadas, não pensem mais nas coisas antigas! Eis que faço uma coisa nova, que está germinando; vocês não percebem?” O *novo*, no qual o profeta insiste, é o retorno do povo para Jerusalém, cuja história Jeremias descreveria como uma grande festa de um povo que retorna à sua casa. O exílio chega ao fim e a profecia continua viva nos corações do povo que deve reconstruir os costumes, as casas e o templo. A experiência espiritual da reconstrução os alegrará na esperança de poder reaver o que ficou para trás. Os profetas, agora, animarão o povo na árdua missão de reelaborar seus planos na reconstrução do sagrado (FESTORAZZI, 2012, p.40).

A reconstrução do templo se deu ao mesmo passo em que o povo de Israel pôde refazer suas moradias. Com as reconstruções, a população não deixou de enfrentar dificuldades com a religião e a política. Mesmo estando em sua terra, os israelitas eram afrontados pelos reis pagãos que os obrigavam a aceitar seus costumes e cultura. Nestes acontecimentos surge fortemente em Israel a realidade do martírio que nos é relatado em três movimentos: apocalíptico, com o livro de Daniel; histórico: I e II Macabeus; e, por fim, o sapiencial, com o livro da Sabedoria (FESTORAZZI, 2012, p.40).

No livro de Daniel há uma espiritualidade que responde às grandes perseguições que culminaram com a morte de muitos profetas. Daniel procura animar os mártires para que acreditem que este mundo passará e que no reino vindouro os martirizados serão glorificados (Dn 7). No entendimento apocalíptico deste livro, deve ser levada em consideração a profecia e a sabedoria que unem as dimensões histórica e cósmica. A afirmação de um mundo glorioso não pode negar que a espiritualidade apocalíptica em Daniel deixa ao homem um espaço para que ele escreva o final de sua história, ou seja, ainda neste mundo ele pode contemplar a justiça e a salvação (FESTORAZZI, 2012, p.44).

O livro da Sabedoria reforça a vitalidade de uma espiritualidade na qual Deus é amante da vida, por isso, jamais permitirá que o sangue dos mártires seja em vão. A vida do homem ímpio e do homem justo são confrontadas até o julgamento, e para ambos a solução é dada: o justo participa da espiritualidade que favorece o reflorescimento da vida, por isso sonha com a justiça. O ímpio persegue e mata os sonhos dos que acreditam na vida, por isso a ele não é concedida a graça de sonhar com um mundo novo (FESTORAZZI, 2012, p.44).

A espiritualidade neotestamentária é, na verdade, uma resposta à revelação de Deus em Cristo (GRECH, 1992, p.49). Essa revelação de espiritualidade vivenciada por muitos cristãos ao longo de dois mil anos, cada qual interpretou de acordo com sua época. Não há como deixar de lado a incapacidade do homem que não pode salvar-se sozinho e necessita da intervenção de Deus. Assim, compreendemos que a Bíblia sempre ofereceu ao ser humano uma resposta espiritual diante dos acontecimentos trágicos ou felizes (GRECH, 1992, p.50).

Tendo apresentado alguns pontos da espiritualidade no Antigo Testamento, seguimos com a apresentação dos pontos do Novo Testamento: “Nós o

entendemos como o conjunto das indicações oferecidas pelo Novo Testamento para a resposta total do crente – vivificado pelo Espírito Santo – à revelação de Deus em Cristo” (FESTORAZZI, 2012, p.49). Portanto, o que encontraremos nesta parte é um aprofundamento da resposta do ser humano a Deus diante dos desafios da vida. Nestas respostas encontraremos as experiências de espiritualidades. Evidentemente, não abordaremos todo o Novo Testamento, pois isso seria inviável e correríamos o risco de cair na superficialidade. Em poucos parágrafos serão apresentados apenas alguns apontamentos de uma espiritualidade em algumas passagens do Novo Testamento (FESTORAZZI, 2012, p.49).

No Antigo Testamento o homem responde a Deus de maneira piedosa diante dos desastres da vida. Com o Novo Testamento a revelação de Deus em Cristo, mediante o dom do Espírito, é a resposta total ao dom de Deus, pelo qual o homem é convidado a participar com o seu *sim*. Entre os muitos dons que Deus oferece ao homem, o maior é a libertação das amarras que o pecado traz à sua vida. Jesus, nas diversas narrativas dos evangelhos, confere o perdão aos pecadores e os convida a uma vida nova. Portanto, a experiência espiritual da libertação integral do ser humano é muito frequente no Novo Testamento (FESTORAZZI, 2012, p.51).

Para Paulo, a lei mosaica não é ruim para o homem, porém ela não pode ser alcançada somente com as forças humanas. Por isso uma verdadeira experiência espiritual deve estar calcada na humanidade. O grande erro do homem é deixar-se levar pela arrogância e soberba que fazem da lei apenas uma letra morta. O homem teme a Deus se vê como o servo humilde e não deseja sua glória, mas sim a sua salvação, com a ajuda de Deus; portanto, é necessário que negue sua autossuficiência (FESTORAZZI, 2012, p.51).

Jesus era fiel a um projeto comunitário: o Reino de Deus. Jesus não foi autossuficiente, ao contrário, chamou para ajudá-lo muitos outros discípulos. Estes discípulos tiveram que renunciar a si mesmos e, assim, foram os primeiros a experimentar o caminho espiritual libertador proposto por Jesus. Esta renúncia pessoal traria para mais perto da realidade o Reino que é uma promessa:

O Reino de Deus é essencialmente uma promessa, promessa que começou por um ato de graça. Jesus anuncia tanto o ato de graça como sua realização futura, dando assim uma característica de expectativa e

de esperança à espiritualidade dos seus discípulos. (FESTORAZZI, 2012, p.55)

O ato de graça é, sem dúvida, a vida espiritual que Jesus mostrava com suas atitudes misericordiosas. O perdão que libertava os doentes e a cura das enfermidades já era a concretização da esperança para os sofredores, pois podiam retomar suas vidas e até seguirem Jesus. Desta maneira, o caminho iniciado por Jesus se alargava, pois muitos dos que o seguiam, de alguma maneira, foram tocados pela sua graça. Quem por Jesus era agraciado tinha um forte convite a continuar seguindo-o, levando a cabo uma experiência espiritual embasada na esperança (FESTORAZZI, 2012, p.55).

O exemplo de Jesus que libertava e curava os sofredores teve sua continuidade nas comunidades que surgiram após a sua ressurreição. O crente não pode ter nenhuma experiência espiritual isolado em si, na mesquinha e no egoísmo junto aos bens materiais. É na comunidade que o discípulo encontra força para praticar o seu desprendimento. Jesus é o exemplo libertador: manso e humildade de coração, pois com mansidão e humildade o discípulo encontra força para manter em si uma espiritualidade vivificante (FESTORAZZI, 2012, p.55).

4 Jürgen Moltmann e a espiritualidade

Tendo explicitado alguns pontos que caracterizam a espiritualidade cristã, passamos ao teólogo Jürgen Moltmann e sua compreensão de espiritualidade. Moltmann não recorreu com frequência aos santos doutores do cristianismo. Sua fundamentação incide sobre a Sagrada Escritura e também sobre sua história de vida pessoal, principalmente dos tempos em que foi prisioneiro nos campos de concentração nazista (MOLTMANN, 1997, p. 77).

A compreensão sobre espiritualidade cristã de Moltmann é abrangente, em sua concepção todo ser humano que aspire a vida espiritual pode vivê-la de maneira simples. A vivência da espiritualidade foi, por muito tempo, entendida como uma exclusividade aos religiosos de vida consagrada:

Antigamente dizia-se “religiosidade” ou simplesmente “piedade”. Espiritualidade, porém, soa como algo mais elevado. Quando ouvimos a palavra, pensamos em retiros de meditação e na vida contemplativa atrás dos muros de mosteiros. São consideradas “espirituais” as experiências religiosas interiores das freiras e dos monges, que

renunciam aos afazeres e prazeres da “vida mundana” e se dedicam ao “estado espiritual”. Vivem como celibatários e sem propriedades, a fim de trilhar, sem incômodos e empecilhos, o “caminho da perfeição” segundo os “conselhos evangélicos”. (MOLTMANN, 1997, p.77)

Moltmann não nega a grande contribuição que a vida religiosa consagrada trouxe para a espiritualidade cristã, porém ela não detém em si a preferência por parte de Deus. A vida dos monges, freiras e os votos de pobreza, obediência e castidade são meios que estes homens e mulheres encontraram para viver de modo exclusivo a vida religiosa e seus carismas, de acordo com os fundadores de suas ordens. A vida destes grupos religiosos apresenta muitos caminhos para se conhecer a espiritualidade, uma vez que há muitas outras pessoas da sociedade que vivem os valores de uma vida cristã fora dos muros conventuais. Para Moltmann, a espiritualidade não escolhe um grupo nem cria cisões, ao contrário, ela deve conduzir o ser humano à comunhão com Deus sem nenhum tipo de separação (MOLTMANN, 1997, p.77).

A separação da espiritualidade da vida, ou seja, a experiência espiritual que não esteja ligada aos acontecimentos da vida tende a abafar o movimento da vitalidade para um encontro harmonioso com o transcendente. Na Bíblia, a *ruah* de *lahve*, é uma força vital soprada a todas as criaturas. Todo ser humano encontra neste sopro divino o carinho de Deus, mas também se depara com suas próprias vaidades. As limitações do cotidiano não podem corromper o desejo maior da Criação que é a felicidade (MOLTMANN, 1997, p.78).

Moltmann critica o dualismo que marcou o entendimento de espiritualidade cristã por conta de uma má compreensão de Paulo:

Paulo faz uso desses dois conceitos para descrever os conflitos causados pela existência cristã neste mundo. No entanto, entende-os de modo muito diferente daquilo que nós associamos espontaneamente a essas palavras. “Espírito” não tem nada a ver com o cérebro, e “carne” não tem nada a ver com os músculos de nosso corpo. O apóstolo é, por formação, um apocalíptico e está pensando, em termos de história mundial, nas duas grandes “eras cósmicas”: Aqui a era cósmica do pecado e da morte, que está desaparecendo – e lá chega a nova era cósmica da justiça e da vida eterna. (MOLTMANN, 1997, p. 79)

A espiritualidade cristã que Moltmann reflete não é a de separação, conflitos ou dicotomias. A era cósmica da justiça e da vida querem conceder ao ser humano a alegria de uma vida eterna que começa a ser construída no mundo atual que também será salvo. Esta salvação integral acontece quando o homem

aceita que a ressurreição de Jesus afastou as trevas da antiga realidade da morte e a vida abundante é a novidade cósmica entre nós (MOLTMANN, 1997, p.79).

Crer em Cristo ressuscitado é uma firme demonstração de que a espiritualidade cristã tem incidência direta na vida humana. A vida no Espírito pode ser sentida com a luta que vence a falsidade e que derrota o instinto de morte que assola os pobres e fracos. A vitalidade espiritual combate a apatia da vida causada pelas reclamações. O Ressuscitado sempre alegrou a vida dos discípulos que estavam amedrontados pelas perseguições e reclamações dos que não acreditavam em sua presença. A paz de Jesus ressuscitado tomou conta dos seus seguidores, de modo que passaram do medo à coragem de anunciar que o mestre estava vivo. A espiritualidade cristã deve convencer a sociedade de que a mentira e a falsidade não durarão para sempre. O desânimo não pode ser o ritmo de uma vida, pois, embora exista muita morosidade nas lutas diárias, o ser humano não pode perder sua capacidade em retomar às lutas por aquilo que acredita (MOLTMANN, 1997, p.79).

Os acomodados que insistem em não tentar viver de uma maneira melhor sofrem com a tortura de um presente descolorido e inerte. O ser humano acomodado junto à mesquinha do dinheiro traz a sede pelo poder despótico presente no capitalismo excludente. A espiritualidade cristã jamais deixará de ser uma força vital que denuncia e combate de maneira latente as injustiças do mundo. O Ressuscitado não foi somente uma realidade para os discípulos e apóstolos da época; Ele é para os dias de hoje a força que tira o comodismo e incita a luta pela verdade. Quem acredita no Senhor ressuscitado é tomado por uma esperança que atua no combate do comodismo e, de maneira prática, promove uma espiritualidade que modifica as tristes realidades da apatia humana (MOLTMANN, 1997, p.79).

Viver segundo a carne sem compreender o Espírito que mora em todo ser humano é acomodar-se no desastre do bem comum; sempre haverá pobres, mendigos e famintos. A espiritualidade cristã, embebida pelo Espírito da vitalidade, sacode o ser humano não permitindo que a “vida entre em contraposição consigo mesma” (MOLTMANN, 1997, p.79). A verdadeira espiritualidade cristã nos desperta para as tristes realidades de morte, mas nos alenta a não desistir na busca da justiça para todos. Esta busca conduz a um

encontro livre e amplo com Deus que é muito próximo as misérias do mundo (MOLTMANN, 1997, p.79).

A proximidade com Deus faz florescer um verdadeiro encontro com a vida. O ser humano pleno é aquele que consegue lidar com as negatividades que possui e também se abrir às muitas qualidades de que é dotado. A totalidade vital é alcançada quando o Espírito encontra em nós um espaço para nos incomodar. Este incômodo não permite uma repetição dos fracassos, mas ensina que a cada revés a vida se renova. Continuar a viver é o presente que Deus concede a quem percebe sua presença nas dificuldades (MOLTMANN, 1997, p.80).

Os primeiros movimentos da vida já nos colocam em contato com as possíveis negatividades que teremos de enfrentar: “Na medida em que sentimos os primeiros movimentos da vida verdadeira, torna-se clara para nós a proporção da vida desastrada” (MOLTMANN, 1997, p.80). Para Moltmann, a espiritualidade da criação guiada pelo Espírito aceita a superação dos desastres quando admite a necessidade da redenção: “começamos nós mesmos a ter saudade da redenção do corpo desse destino de morte” (Moltmann, 1997, p.80). Esta redenção que é sempre inclusiva e completa; mundo e homem, sem classe ou distinção, participam dela igualmente (MOLTMANN, 1997, p.80).

A redenção quebra as correntes que o ser humano cria para prender a si mesmo. Frequentemente nos deparamos com a apatia acerca dos acontecimentos absurdos na vida. “O pior não é a criminalidade nas ruas. Muito pior é que aos poucos a gente se acostuma” (Moltmann, 1997, p.80). A vida começa a perder espaço quando cedemos lugar ao mal e a redenção passa a ser lembrada somente nas celebrações da semana santa. A mudança desta realidade se dá com a espiritualidade cristã comprometida que vive a redenção no dia-a-dia. O comprometimento com a vida dos outros é um compromisso fortalecido pelo Espírito que afugenta da vida espiritual a morte e seus comodismos (MOLTMANN, 1997, p.80).

A redenção do mundo é uma das grandes reflexões de Jürgen Moltmann. O pensar a espiritualidade, para este teólogo, é abarcar toda a criação:

Não somos redimidos desta terra, de modo que pudéssemos desistir dela. Somos redimidos com ela. Não somos libertos do corpo, mas somos eternamente vivificados com ele. Por isso a esperança originária dos cristãos não se dirigia ao além, no céu, mas à chegada de Deus e de seu reino a esta terra. Nós, humanos, somos criaturas terrenas, e não

candidatos a anjos. Tampouco somos hóspedes aqui num belo planeta, para nos familiarizar com outros após a morte. (MOLTMANN, 1997, p.80)

Pensar na redenção é algo fascinante para Moltmann. Este fascínio faz com que seus escritos chamem nossa atenção para o cuidado humano de toda a criação. Um grande erro de nossa modernidade é desprezar o corpo e usar a natureza de maneira mesquinha e destruidora. A Salvação que é tão pregada nas missas e cultos evangélicos acaba sendo excludente: salvemos nossa alma. A vivificação do corpo e a remissão da Terra nos aponta uma espiritualidade cristã do cuidado. Cuidar é apostar com esperança que as futuras gerações irão vivenciar com mais amor toda a criação e não somente uma parte dela (MOLTMANN, 1997, p.80).

A fonte da vida é gerada pelo Espírito que impulsiona a redenção e a salvação. O cristianismo primitivo tinha em sua raiz judaica uma espiritualidade da esperança escatológica. Com o passar do tempo, alguns padres doutores acabaram por aderir à ideia da remissão para além deste mundo. A espiritualidade cristã da esperança é uma alternativa para vitalizar o mundo e não fugir dele. “O lugar da esperança messiânica foi ocupado, então, pelo anseio do além” (MOLTMANN, 1997, p.81). Esta preocupação para com o além concebe o corpo como um cativeiro da alma, e o mesmo se dá para com o mundo que é o vale de lágrimas do ser humano (MOLTMANN, 1997, p.81).

Como lidar na atualidade com a noção dualista do corpo e alma? A espiritualidade cristã tem uma resposta: viver segundo o Espírito. Esta experiência espiritual vital do Espírito não é uma fuga do mundo, mas uma insistência para que, de corpo e alma, o ser humano aceite atuar neste mundo fazendo a justiça florescer:

A consequência é que uma “espiritualidade” dócil, desvinculada dos sentidos, hostil ao corpo, separada do mundo, e sem a menor direção política, assumiu o lugar da vitalidade original, judaica e cristã, que vive a partir do Espírito Criador de Deus. Ainda se continua a identificar “pecados” com “prazeres carnis” e estes com “imoralidades sensuais”, embora seja flagrante que as pulsões de morte deste mundo consistem na ganância e na avidez pelo poder por parte da alma das pessoas modernas, que abandonaram a Deus e endeusam a si próprias. (MOLTMANN, 1997, p.82)

A consequência do desinteresse à vida é pujante nos dias atuais. Constatar a morte em situações frias e calculistas não é um meio para evitá-la. A atuação nos meios legais da política é uma maneira de vitalizar a espiritualidade apática e

fria presente em muitos cristãos que estão vivendo desvinculados do Espírito Criador de Deus. Enquanto a sociedade for preconceituosa com os pecados alheios e não protestar contra a corrupção social o mundo padecerá. A espiritualidade cristã deve encontrar seu lugar no mundo, vitalizar as relações e dar ao ser humano a consciência de que ele é criatura e não Criador.

Os pontos refletidos acima chamam atenção para o pensamento de Jürgen Moltmann acerca da espiritualidade: vitalidade, revitalização, compromisso com o social e a superação da apatia pela vida por meio do Espírito. Abordamos, então, suas reflexões sobre a espiritualidade dando-lhes o que ele denomina “Uma nova espiritualidade: a vida contra a morte” (MOLTMANN, 1997, p.85).

A compreensão de espiritualidade que Moltmann propõe talvez não seja novidade, mas um resgatar do sentido da espiritualidade a partir da antropologia bíblica que afirma o humano como imagem de Deus:

Quem é imagem de Deus? De acordo com as tradições bíblicas, a condição humana de imagem de Deus não reside na alma de cada um que se eleva a cima do corpo. Imagem de Deus são todas as pessoas em sua comunhão natural. Isso constitui um conceito social de imagem de Deus, como mais tarde sempre enfatizaram certos teólogos – por exemplo, John Wesley. Preservando a metáfora do espelho, Deus, em decorrência, não é reconhecido no fundo da alma de cada um por meio da experiência de si próprio, mas na comunhão integral, de relacionamento, e por isso também na comunhão corporal e de sentidos entre homens e mulheres, pais e filhos, e em outras relações sociais. (MOLTMANN, 1997, p.85)

Ser imagem de Deus dá ao ser humano a graça da comunhão vital. Ninguém neste mundo, que deseje a espiritualidade para sua vida, pode negar a beleza de estar com Deus por meio da amizade com o próximo. Relacionar-se com as outras pessoas é uma arte que exige cuidado, respeito, amor e carinho. O mundo pode ser vitalizado quando as pessoas renovarem suas relações e, assim, perceberão que a imagem do Criador renova as esperanças de um mundo melhor. A guerra, a fome, a miséria e o egoísmo crescem à medida em que os indivíduos se isolam em uma imagem de si mesmos. Olhar o próximo que sofre e enxergar nele Deus é o caminho que a espiritualidade em perspectiva moltmanniana nos apresenta (MOLTMANN, 1997, p.85).

Para Moltmann a espiritualidade é melhor compreendida e vivenciada quando nos defrontamos com as realidades que o corpo humano enfrenta. Do nascer ao morrer o homem passa por transformações e o individualismo não o

ajuda a crescer espiritualmente. “Todas as curas da alma têm início com os corpos tensos fazendo movimentos, para que as almas magoadas e enfermas voltem à unidade com o corpo” (MOLTMANN, 1997, p.86). Uma espiritualidade comunitária é a saída sadia para toda a sociedade; vivendo em comunhão com as demais pessoas temos a oportunidade de rever o que nos fere interiormente, e essas feridas causadas pela falta de comunicação fazem a espiritualidade adoecer. A enfermidade é um risco que a espiritualidade não pode correr. A busca pela comunhão com as demais pessoas da sociedade é um passo dado para um encontro verdadeiro com Deus. O Espírito vivificante é uma experiência integral, ou seja, relações e alma humana são envolvidas nesta experiência. No monte Tabor, Jesus teve não somente sua alma transfigurada, mas todo o seu corpo (MOLTMANN, 1997, p.86).

Enquanto o ser humano buscar uma espiritualidade olhando fixamente para o céu, ele estará distante da integração verdadeira com Deus. Portanto, a convivência, por vezes, dolorosa com o próximo e a dificuldade em aceitar uma vida comunitária fazem-nos passar pela experiência da transfiguração dos relacionamentos. O desafio para uma espiritualidade atual é vitalizar as relações, de forma que o “outro” não seja um peso, mas um passo para a verdadeira vida (MOLTMANN, 1997, p.86).

Uma vida verdadeira é o que deseja a nós o Espírito vivificador. Nossas relações de vida sempre nos mostrarão o quanto somos frágeis e que nem sempre conseguimos nos desenrolar dos dramas que criamos. A insuficiência de uma vida conturbada, falsa e mesquinha encontra seu fim quando iniciamos em nós o desejo esperançoso de que venceremos estes males. A esperança tem na espiritualidade uma grande influência: não permite que o acaso e a imaturidade das decisões atoplem o seu desejo por uma vida na comunhão com Deus. (MOLTMANN, 1997, p.87).

Para Jürgen Moltmann, a esperança na espiritualidade não é uma válvula de escape, pela qual o comodismo induz a pensar que a comunhão com Deus só acontecerá no mundo após morte. Este mundo também é uma imagem do céu que um dia virá a nós. Esta vinda do céu é a esperança que deve alimentar a espiritualidade e impulsionar o homem na busca pela “primavera definitiva de toda a criação” (MOLTMANN, 1997, p.87). Esta primavera definitiva já é

experimentada aqui e agora por meio do Espírito que aviva as relações humanas por meio da comunidade social.

A espiritualidade não pode se desvencilhar do seu caminho junto da esperança. A vida é a meta principal da espiritualidade, pois sem ela não existiria nenhum tipo de experiência espiritual. O mundo precisa viver a graça do Espírito e ser tomado por ele, assim, o veneno da resignação jamais encontrará espaço nas relações sociais. O amor do Espírito nos toma de cuidado para com a vida, e a esperança de uma sociedade fraterna e nova passa a ser real a cada instante. A espiritualidade defendida por Moltmann abarca a integridade humana, inclusive a remissão do mal que há nas atitudes omissas de cada um de nós (MOLTMANN, 1997, p.87).

O Espírito vitalizador de Deus é também libertador: “O Espírito de Deus, que vivifica e liberta a alma de seu amor acidentado, mas também o corpo de suas contorções e intoxicações” (MOLTMANN, 1997, p.87). À medida em que vivemos a espiritualidade integral, vamo-nos libertando dos atos maldosos. A integração espiritual abrange os sentimentos que a todo momento estão presentes na mente e refletem na vida cotidiana. (MOLTMANN, 1997, p.88).

Por mais praticante que um indivíduo seja de qualquer credo cristão, nem sempre conseguirá ser bom. Por isso, a integração espiritual dentro de uma espiritualidade coloca a vida como um todo: nos momentos bons e maus, Deus está presente. É claro que Deus não pratica a maldade junto do maldoso, mas ele não abandona a sua criatura. A espiritualidade em perspectiva moltmanniana engloba o corpo: “ela consiste em soltá-lo das submissões e disciplinas da alma e da vontade” (MOLTMANN, 1997, p.88). O corpo e a mente precisam de toda concentração para as atividades: trabalho, estudo e orações. Depois de cumpridos os deveres, o homem precisa da liberdade para seu descanso, ou seja, não estar mais submisso a nada e a ninguém (MOLTMANN, 1997, p.88).

O descanso já é uma das antigas maneiras de viver a espiritualidade. O sábado é, para o judeu, o dia em que a natureza deve descansar da nossa exploração. Por natureza entende-se também o corpo humano, que aos sábados irá descansar junto de sua família e sentir que faz parte da Criação. No descanso o Espírito pode voltar ao corpo humano e encontrar seu repouso. O repouso do Espírito na criatura humana é um atento chamado para uma espiritualidade

renovadora que reconhece no labor a ação de Deus e, no descanso, sente sua presença (MOLTMANN, 1997, p.88).

A verdadeira espiritualidade não pode trazer descanso, sossego e paz somente a nós, mas também aos que convivem conosco. Buscar a paz é um elemento da espiritualidade. “Muitas pessoas fizeram as experiências místicas de si mesmos em movimentos de protestos e de ações políticas libertadoras: contemplação no meio da luta por libertação e justiça mais perfeita” (MOLTMANN, 1997, p.90). Ao viver uma espiritualidade autêntica encontramos a busca pela paz que passa pela luta por uma vida justa. Não há espiritualidade sem praticar a busca pelo bem comum. Como pode haver espiritualidade em um coração egoísta? O egoísmo não entende o que é a paz e, sem a paz, não haverá descanso ou sossego para que o Espírito de Deus nos vitalize (MOLTMANN, 1997, p.91).

4.1 Jürgen Moltmann: uma vida na esperança

Para Moltmann, o centro da espiritualidade é a esperança. Sua própria vida foi a motivação para que refletisse sobre o tema. Na vida de Moltmann é evidente uma espiritualidade em saída e atuante. Não iremos aqui nos aprofundar etimologicamente na palavra esperança, mas abordaremos algumas definições que a aproximam da espiritualidade que o teólogo aborda. Utilizaremos algumas notas explicativas na nota de rodapé do texto, pois são conceitos importantes para entendermos alguns contextos e palavras chaves que Moltmann utiliza.

No ano de 1943, aos 17 anos, Moltmann viu sua cidade natal, Hamburgo, ser destruída pelos horrores da II Guerra Mundial. Ainda na tenra idade, foi convocado para o “front”, força militar alemã e viu muitos amigos morrerem sem nenhuma piedade por soldados que invadiam residências e violentavam seus habitantes. Dava-se início em sua vida, uma série de ocorridos catastróficos que a qualquer ser humano causaria dores e desespero. Portanto, sua própria história de vida lhe serviu como base para, mais tarde, falar sobre a esperança (MOLTMANN, 1997, p.17).

Moltmann vivenciou resquícios da I Guerra Mundial e sentiu a amargura da II Guerra, na qual milhões de vidas foram brutalmente assassinadas sem a menor consideração e respeito. Após o surgimento das armas nucleares, o homem ficou

perplexo diante de si mesmo, pois foi capaz de criar algo que, de uma só vez, aniquila toda a Terra e sua própria existência. A temível bomba atômica foi uma realidade cruel que em instantes ameaçou toda esperança de uma Criação Divina e ecológica presentes em Hiroshima e Nagasaki. Além das armas bélicas e atômicas, doenças e pestes surgiram nos séculos XIX e XX. A gripe espanhola dizimou grandes populações por toda a Europa, chegando a matar 20 milhões de pessoas. A tuberculose e a cólera causaram temores por todo o mundo criando guetos onde os doentes eram isolados e marginalizados, não lhes restando senão esperar pela morte (Moltmann, 1997, p.13-22).

Adolf Hitler, que se denominou o senhor da “desesperança”, era exaltado pelos alemães; o seu partido era considerado uma via de esperança para o povo germânico. Hitler defendia a ideologia de que somente uma “raça pura” seria a salvação para o mundo e, em nome deste ideal, assassinou cruelmente judeus, padres, crianças, negros, homossexuais e tantos outros anônimos que só conheceremos na esperança junto a Deus. Auschwitz (Golgóta do mundo contemporâneo) ainda é lembrado como um episódio triste que impregnou no viver sociológico o terror e a ideia de que o ser humano é capaz de tentar contra o próprio semelhante, deixando-o sem esperança (MOLTMANN, 1997, p.22).

Na Europa do século XX¹, houve a presença inquietante dos regimes totalitaristas que, de maneira fria e calculista, espalhavam medo e horror. Stalin, Mussolini e o salazarismo foram representantes de uma política militar de morte, na qual qualquer voz que ousasse denunciar seus horrores pagaria com a própria vida pela coragem por denunciar as torturas e maldades contra a dignidade humana (MOLTMANN, 1997, p.17).

Não há como ignorar os horrendos campos nazistas e totalitaristas nos quais milhares de seres humanos foram cobaias para experimentos científicos sem ética para com a vida. Muitos foram forçados ao trabalho e, mesmo com

¹ Cf. GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. *Questões Contemporâneas de Teologia*, p. 5. A era contemporânea teve suas características marcadas pela brevidade do século XX e pelo irrompimento do século XXI que foi assinalado por duas grandes guerras mundiais, pelos totalitarismos, pelas emergências das guerras civis e das guerrilhas. A guerra fria foi vivenciada com tormentos e medos. Neste contexto, houve a morte de muitos seres humanos e a criação da bomba atômica que, juntamente com uma cultura que priorizava a raça pura, foram capazes de criar campos nazistas, onde atrocidades puseram fim a qualquer expressão de liberdade. Desde então, começou-se a questionar a utilidade das ciências para construir armas que aniquilam a raça humana de maneira rápida: Para que serve a ciência? Para dar vida ou para matá-la? A ciência não teria como ideologia pôr fim à humanidade?

doenças terríveis, não puderam deixar o temível “Arquipélago Gulag”. O prazer em ver a morte não ficou somente restrito à Europa, mas atingiu a China, o Camboja e Ruanda² (MOLTMANN, 1999, p.110-111).

Após seis meses de árdua batalha, o jovem Jürgen Moltmann vai à *Northon-Camp*, na Inglaterra. Neste lugar, teve seu primeiro contato com a Teologia, participando de aulas com teólogos que também eram prisioneiros como ele. Frente a tantos desafios em estar em uma terra estrangeira, com pessoas desconhecidas e longe de seus familiares, o jovem prisioneiro teve de reconstruir suas próprias esperanças para não sucumbir. Em *Northon-Camp* havia uma biblioteca na qual teve contato com livros de Filosofia e Teologia. Como prisioneiro em um lugar onde não havia esperança, Moltmann teve que criar em si, a partir da fé, novas esperanças para continuar a viver. Com o passar do tempo, afirmava que *Northon-Camp* foi como uma benção em sua vida. Em 1948, volta à Alemanha e retoma seus estudos. Anos mais tarde, recebe o título de doutor em Teologia Sistemática e passa a lecionar em muitas universidades, entre elas a de Tübingen. Tudo o que vivera em seu emocional, agora tendo uma sólida formação, o moveu a dar início a grandes obras, como: *Teologia da Esperança* e *O Deus Crucificado* (MOLTMANN, 1997, p.10-13).

Até então, como afirmou o próprio teólogo, o tema da esperança estava esquecido. Apesar de todos os acontecimentos mundiais, os quais deixaram perplexidade no ser humano, pouco se dissertou sobre a esperança. Mesmo quando o mundo enfrentou duas guerras, com sérios riscos de morte total da humanidade, quase nada foi produzido pela Teologia sobre o tema esperança. Após tantas tragédias, a sociedade não conseguia encontrar as respostas que desejava para estes absurdos. Surgem, então, filósofos que não viam em Deus nem na religião resposta alguma a estas questões. Nietzsche, Sartre e Camus, que viam no ser humano a possibilidade da própria destruição, não são a resposta como os responsáveis pelas maldades do século³.

² Cf. Jürgen MOLTMANN, 2000: *Realidade e Esperança*. Petrópolis: Concilium/283, 1999, p.110-111.

³ Jürgen MOLTMANN, *Teologia da Esperança*, p. 11-15. Os anos que sucederam a II Guerra Mundial foram de espanto e medo, porém a efervescência do reconstruir tudo a partir do nada, fez com que populações inteiras se mobilizassem. Foram anos nos quais o povo teve que se pôr em marcha e voltar-se para o futuro e ver a Esperança renascer. Moltmann ainda afirma que pensar uma Teologia da Esperança é fazer um elo entre o ser humano e a história, ou seja, como

O grande desafio estava lançado: Como é possível falar ao mundo sobre a Esperança após tantas desgraças? Caberia à Teologia como uma ciência sistemática um espaço que se preocupasse em responder às questões existenciais do homem com esperança? Para dar maior consistência às suas proposituras teológicas acerca da esperança, Moltmann se lançou à Filosofia na qual encontrou célebres pensadores, entre eles Bloch, que apresentavam reflexões ontológicas sobre o tema. Foram as muitas leituras filosóficas que fizeram o teólogo ousar seus pensamentos e dizer que a Teologia como ciência poderia sim dar resposta ao mundo e, de maneira especial, em Moltmann a resposta viria com a elaboração de sua majestosa obra: *Teologia da Esperança*. Em 1960, Moltmann toma contato com obra de Ernest Bloch, *O Princípio da Esperança* (que é composta em três volumes), pelas quais ficou inteiramente fascinado e, ao mesmo tempo, se indagou pela esperança cristã: “Por que a teologia cristã deixou escapar e permitiu que lhe tirassem a esperança, que original e intrinsecamente é o seu tema mais singular?” (MOLTMANN, 2005, p.21). No terceiro capítulo iremos buscar responder a estes questionamentos tendo como base a espiritualidade da esperança na perspectiva de Jürgen Moltmann.

Capítulo III

Uma espiritualidade que resgata as vítimas das desesperanças

1 Introdução

Neste capítulo, nosso objetivo é apresentar a espiritualidade cristã na perspectiva moltmannina partindo de seis pontos principais: 1) A Esperança em Jürgen Moltmann: uma espiritualidade social, 2) Espiritualidade: um resgate das vítimas por meio da Esperança e da Cruz, 3) A transformação do mundo: Deus agindo na Comunidade, 4) A Comunidade transformadora: a vida e o mundo transformados, 5) A esperança no cuidado com o planeta: uma espiritualidade ecológica, 6) A espiritualidade ecológica e a falta da esperança: um eminente risco de extermínio da Criação. Nesses itens, nosso esforço será apontar como Jürgen Moltmann desenvolve a esperança como elemento fundamental na espiritualidade cristã. Não recorreremos a outras fontes além do próprio Moltmann, pois nosso objetivo é apontar que o autor apresenta uma

espiritualidade encarnada que resgata as vítimas das desesperanças da sociedade moderna.

Abordar a espiritualidade na perspectiva cristã de Jürgen Moltmann é abrir para reflexão uma série de acontecimentos da sociedade que evidenciam as exclusões e desesperanças do ser humano, a exploração e a exclusão dos pobres. Ao refletirmos sobre esses acontecimentos não podemos imaginar que sejam eles determinados por Deus. Jamais. Moltmann discorre sobre a espiritualidade que nos conduz a atitudes concretas; toda sociedade deve caminhar em busca do bem que deseja. As injustiças e a pobreza do mundo não podem ser sanadas com murmurações, mas com a ação. Agir para acabar com as exclusões e preconceitos é colocar em prática a espiritualidade que resgata as vítimas que a sociedade moderna exclui todos os dias (MOLTMANN, 2005, p.380).

No Crucificado há uma mística: Deus não abandona as vítimas que, de modo cruel, estão sendo crucificadas todos os dias no mundo. Do Crucificado deve emanar a esperança que o cristão necessita para lutar contra o sistema opressor da modernidade, no qual quem produz de modo capitalista é poupado da morte. Como Deus age perante a morte dos inocentes? Estaria Ele ausente dos sofrimentos humanos? As respostas para estas indagações estão na Paixão de Deus pela sua criação; Ele é tocado por aqueles que são ultrajados pela miséria, ou seja, de modo algum Deus é apático aos sofrimentos do seu povo (MOLTMANN, 2011, p. 22).

Ainda será apresentada neste capítulo a urgência que há no cuidado com o Planeta. A Terra está padecendo com o descaso que a tratamos; rios, matas e animais estão sendo extintos, pois não encontram respeito para continuar sobrevivendo. Na criação todos devem ser respeitados e não podemos restringir a Terra como nossa escrava, pois, assim como o descanso é necessário ao ser humano, o Planeta precisa descansar e isso será possível quando não o tratarmos de maneira tirana impondo à criação os nossos desejos. As vontades estão empobrecidas pela vaidade que atormenta toda a criação; as ameaças químicas são realidades que, a qualquer momento, podem exterminar toda a vida. A espiritualidade cristã na perspectiva moltmannina vem a ser uma alerta. Ao cuidarmos do Planeta estamos criando uma Comunidade justa na qual todos, de

maneira humilde, podem adorar o Criador que deseja a nossa companhia (MOLTMANN, 2014, p. 70-74).

2 A Esperança em Jürgen Moltmann: uma espiritualidade social

Abordar a espiritualidade é um desafio, pois requer muitas reflexões sobre um tema que é atual e ao mesmo tempo muito discutido. Porém, a nossa reflexão é metodologicamente centrada na espiritualidade cristã tendo como base as considerações de Jürgen Moltmann. Tomaremos, portanto, de suas obras para apresentar que a esperança está ligada à espiritualidade que é entendida como um caminho de vitalidade concreta para a felicidade.

Moltmann nos apresenta uma espiritualidade que caminha de maneira escatológica; o que acontecerá no mundo não é somente uma intervenção divina, mas toda a sociedade deve marchar ao encontro de um futuro melhor e mais esperançoso:

Ao interrogar, neste último capítulo, sobre a forma concreta da vivência da esperança escatológica em meio à sociedade moderna, queremos apresentar a realidade do cristianismo, à luz da ideia – mestra da “comunidade do êxodo”, como o “povo de Deus em marcha”, tal como a Carta aos Hebreus o descreve: “Saíamos, portanto, do acampamento para junto dele, para carregar a sua desonra, pois não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a cidade futura” (Hb 13.13s.) Que significa, para a forma social e para a tarefa ético-social do cristianismo, viver dessa forma na “sociedade moderna”? (MOLTMANN, 2005, p.379)

Na sociedade moderna encontramos um ritmo frenético da vida. Pouco tempo para refletir sobre as atitudes resulta em decisões erradas que afetam a convivência familiar e social. Ao falarmos em vivência da esperança estamos exemplificando que o ser humano está em um processo no qual a humanização está sendo esquecida, pois a pressa não lhe permite caminhar em paz. Viver com esperança é colocar em prática a espiritualidade que, na compreensão moltmanniana, é a busca por um futuro digno (MOLTMANN, 2005, p.379).

Um futuro digno não pode ser construído sem um presente marcado pelo compromisso com a vida que deve ser respeitada de maneira ética e desinteressada. Infelizmente, o contexto social da modernidade não está pautado em relações que humanizam a convivência. O espaço público deve oferecer, por

meio do Estado, o trabalho, mas não pode se esquivar da responsabilidade com educação, cultura, saúde e lazer. A espiritualidade por meio da esperança não fracassa o ser humano, pois o concebe em uma totalidade na qual a dignidade e a felicidade o conduzem a abraçar a vida e as demais pessoas (MOLTMANN, 2005, p.379).

A espiritualidade da esperança não permite o egoísmo e a solidão. Atitudes mesquinhas impedem uma sociedade justa e verdadeira. O isolamento da pessoa humana se enraíza no egocentrismo que não abre espaço para a esperança que, compreendida de maneira escatológica, impulsiona o ser humano a buscar no presente de sua vida a liberdade. Ser livre é uma condição para que a espiritualidade seja esperançosa, pois o ser humano que se fizer escravo ou for escravizado se fechará para a busca de uma libertação integral (MOLTMANN, 2005, p. 380).

De modo evidente, há entre os seres humanos um grande “intercâmbio de esperanças” que o motivam ao prosseguimento da vida em liberdade. A todo momento, encontramos crianças, jovens e adultos trocando experiências de vida por meio de longos diálogos. Nessas conversas é possível perceber os amigos se animando e motivando uns aos outros a continuarem a vida mesmo nas dificuldades. A esperança não é uma constatação das desgraças, mas uma motivação para continuar a buscar as melhorias para a vida (MOLTMANN, 2005, p. 380).

Há, portanto, uma maneira concreta de viver a espiritualidade da esperança? Sim. Moltmann nos apresenta essa maneira de vida por meio das atividades do cristão no mundo: “Isso significa que o cristianismo se manifesta também na obediência diária, nas vocações mundanas e em suas atividades sociais, que isto é assim, de fato, e assim deve ser” (MOLTMANN, 2005, p.380). Essa manifestação do cristianismo por meio da atuação direta no mundo coloca o cristão como protagonista da esperança; servir o mundo e a sociedade por meio dos muitos serviços e vocações é apostar na esperança. Portanto, o médico, o professor, a secretária e qualquer outro profissional podem trabalhar com esperança, pois o labor não é um fardo, mas uma maneira de viver a espiritualidade resgatando os sofredores que precisam de auxílio profissional (MOLTMANN, 2005, p.380).

O cristianismo leva a esperança ao mundo. Essa missão é uma forte espiritualidade que Moltmann afirma ser um desafio diante da sociedade moderna, industrializada e doente pelo consumismo. A espiritualidade da esperança aponta que ainda há uma maneira sadia de conviver, optando pelo ser humano e aceitando-o como uma criatura finita e imperfeita. O grande mal para a espiritualidade é quando ela se abate pela falta da esperança, e o sintoma desse mal é constatado no enfraquecimento das amizades e na fobia social que afugenta os jovens para um radicalismo virtual e enganador.

A espiritualidade em perspectiva moltmanniana propõe a internalização da esperança a qual conduz as atitudes humanas para a superação de qualquer mal que fira a vida e a integridade do homem. A espiritualidade convence o consumista de que o comprar não é o suficiente para ser feliz, ou ainda, mostra que a melhor maneira para viver é vencer o ciclo vicioso do capitalismo e abraçar a fé tendo como premissa que a vida não pode ser comprada ou viabilizada por meio do dinheiro. A espiritualidade da esperança resgata as vítimas por meio da esperança, não aceita acordos nos quais há interesses materiais, pois não se trata de um conceito, mas é prática; a espiritualidade que tem no centro a esperança motiva o ser humano a se relacionar além das máquinas industriais e tecnológicas (MOLTMANN, 2005, p.380).

Não há como negar a presença da ciência e da tecnologia na sociedade moderna – Moltmann não nega a importância delas –, mas a sua constatação é de que o homem não está sabendo discernir de maneira sadia essa presença. A cada dia nos espantamos com as descobertas científicas e tecnológicas que colocam na sociedade a sensação de que tudo está ao nosso alcance. Porém, há sérias questões frente a essas facilidades e descobertas. Diante do progresso há esperança para o mundo? A espiritualidade encontra um espaço em meio às descobertas? Um mundo melhor, justo e fraterno será possível mediante o desenvolvimento científico? Infelizmente as respostas são negativas; bombas e armas químicas estão dentro desse progresso técnico (MOLTMANN, 2005, p.380).

É comum na modernidade encontrarmos um positivismo arraigado na sociedade, e muitos indivíduos não concordam com a participação da religião no espaço público. Assim, bastaria para o ser humano ser feliz o conhecimento e o progresso; já a religião, atrapalharia esse caminhar da sabedoria. Deus e a

espiritualidade são personagens de uma fábula infantil, acreditar nisso é atrasar a ordem e o progresso:

A sociedade dominada pela modernidade e pela progressividade dessa civilização tem a propriedade de se emancipar, ficando neutra quanto aos valores e religiões, às determinantes da tradição e da história, subtraindo-se, assim, à influência de religiões e comunidades religiosas (MOLTMANN, 2005, p.380 – 381).

É perceptível a renegação que a modernidade faz a tudo o que se apresenta como religioso. Porém, como deve atuar a religião diante dessa situação? Desde os primórdios da humanidade, o homem é um ser religioso. Defenestrar a religião não é algo simples, pois junto dela está a ação espiritual que, imbuída pela esperança, pode contribuir com o mundo moderno. A espiritualidade centrada na esperança propõe um caminho novo para a ciência e toda a sua tecnologia. A esperança junto da espiritualidade apresenta a ética e o respeito pela vida humana planetária que é deixada de lado nos experimentos técnico-científicos. É louvável o esforço da ciência em trazer para a sociedade a cura de muitas doenças, mas ela não substitui o transcendente; quando força essa substituição, o homem é conduzido a um vazio que não responde suas angústias existenciais (MOLTMANN, 2005, p. 381).

O homem em sua existência busca sentido à vida, amigos, família e trabalho. Sem a esperança o trabalho pode se tornar um penoso cumprimento de normas para obter o que se deseja sem considerar as demais pessoas como amigas e parceiros. Tudo o que se conquista profissionalmente na visão cética-científica é somente a junção de esforços pessoais. No prisma espiritual, põem, além da energia individual, há também a fé que, somada à espiritualidade, leva o trabalhador a ter esperança de que sempre poderá conquistar muito mais (MOLTMANN, 2005, p. 382).

O sucesso parece ser uma obsessão. Para que ele aconteça, pouco importa se haverá ética nas decisões ou caridade para com o próximo. Porém o preço a ser pago pela mesquinha individualista é muito alto: a solidão de grandes gestores é uma triste constatação nas grandes empresas. O individualismo exclui da vida humana valores inestimáveis como a alteridade e o altruísmo, palavras que caíram no esquecimento e que uma espiritualidade da esperança pode resgatar (MOLTMANN, 2005, p. 383 – 385).

Podemos aventar que a esperança possui, além de um papel espiritual, uma participação social na vida humana. A religião age de maneira orientadora na vida, assim como a espiritualidade nos conduz para uma sobreposição dos percalços da existência. A apatia pela vida nasce quando não conseguimos vencer a solidão e, isolados, passamos a cultuar o individualismo e as suas consequências – egoísmo, tristeza, stress e as terríveis depressões:

A sociedade moderna, com seu conceito de religião, deixa a salvação e a salvaguarda da humanidade pessoal, individual e privada à religião. Espera-se que, “de alguma parte”, se acrescente ao sistema industrial materializante um fundamento humano à altura deste mundo-de-coisas que inchou ao excesso. Espera-se que “o ser humano de nosso tempo torne-se, de novo, receptáculo da influência de forças transcendentais”. Procuram-se “ilhas de sentido” em um mundo que, embora não seja sem sentido, é certamente não humano. (MOLTMANN, 2005, p.388)

Com a sociedade industrializada o ser humano caiu no materialismo utilitarista. Vivenciar uma espiritualidade da esperança nesse meio é um desafio para todas as religiões cristãs. Recepcionar as forças transcendentais é viver uma espiritualidade que seja capaz de oferecer à vida um valor para além do dinheiro, caso contrário a sociedade se tornará um palco no qual pessoas endoidecidas pela frustração gritarão, mas nunca serão ouvidas. Por outro lado, a espiritualidade da esperança deve atuar de maneira convincente: conviver de modo amigável e sereno na sociedade é humanizar com esperança os desesperados por atenção (MOLTMANN, 2005, p. 388).

Seria possível uma espiritualidade na sociedade? Talvez seja essa a questão mais angustiante para os estressados e depressivos que buscam aliviar suas dores. Moltmann acredita que a espiritualidade é um caminho que cultivamos internamente. Com isso, é possível refletirmos para além de nós mesmos. A espiritualidade da esperança não pode estar inerte ou estagnada nas dificuldades do mundo, sendo assim, a reflexão transporta o indivíduo para as soluções que há na convivência social de maneira madura. Refletindo sobre si o ser humano pode centrar-se e de maneira que perceba que sua vida não está perdida (MOLTMANN, 2005, p.389).

A esperança como uma força para a espiritualidade não permite o que Moltmann denomina “metafísica romântica da subjetividade” (MOLTMANN, 2005, p.390). Seria essa metafísica um meio que o ser humano encontra para fugir dos conflitos sociais e pessoais, porém estamos defendendo uma espiritualidade

revitalizadora, com poder regenerativo na vida social e individual. Portanto não há intimismo e sentimentalismo, mas o ser humano guiado pela esperança encontra forças para vencer todos os conflitos de sua existência (MOLTMANN, 2005, p. 390).

Tendo explanado sobre a centralidade da esperança na espiritualidade de Jürgen Moltmann, apresentamos, na sequência, seu esforço na defesa de uma vitalidade espiritual por meio da Cruz de Jesus. Como já esclarecemos, Moltmann não concebe uma espiritualidade inerte, sem incidência na vida, ao contrário, para ele a vida espiritual deve ser encarnada nas situações atuais da sociedade que deve buscar a esperança como uma saída para as suas angústias.

3 Espiritualidade: um resgate das vítimas por meio da Esperança e da Cruz

Em sua magistral obra *O Deus Crucificado*, Jürgen Moltmann apresenta de maneira evidente sua crença em uma espiritualidade libertadora, ou seja, a ideia de que a vida integral que Deus sonhou para a humanidade deve ser vivenciada por meio de uma experiência que promova o ser humano. Ao contemplarmos a cruz de Cristo, não podemos ficar na apatia de uma vida derrotada, ao contrário, encontramos um forte apelo para continuar nossa luta contra o sistema que massacra os pobres e desqualifica a vida (MOLTMANN, 2011, p.18).

Quem são as vítimas? Podemos afirmar que são aquelas que sofrem com as mais terríveis crueldades de um mundo moderno e líquido. Como já salientamos no capítulo anterior, o ser humano está padecendo pelo consumismo e a cada dia perde sua identidade. Consome de maneira desenfreada para não ter que lidar com a difícil tarefa de aceitar os problemas, e com isso faz da depressão e do stress seus terríveis algozes. As vítimas do mundo moderno estão padecendo por não encontrar uma espiritualidade capaz de os retirar da apatia da vida e os impulsionar a desejar a plenitude da existência. Embora haja muitas religiões, poucas estão interessadas em percorrer com seus fiéis um caminho de aprendizado no qual a espiritualidade desemboque na felicidade sempre que o ser humano vencer os conflitos e, de maneira madura e consciente, controle o desespero da angústia.

Não é uma tarefa fácil encontrar na teologia da cruz uma espiritualidade que aponte com esperança para a libertação e para o resgate das vítimas. Moltmann nos aponta que em sua própria vida, por algumas vezes, sentiu-se incapaz frente à decaída da esperança que os movimentos sociais de sua época representavam com tanta avidez:

Aquela teologia da cruz, que então nos alcançou e nos deu um chão, me veio à mente quando os movimentos de esperança dos anos sessenta encontraram muitas e duras resistências e não poucos rivais, e muitos abandonaram a esperança, fosse para, meios resignados, reajustar-se ao costumeiro curso das coisas, ou em total resignação, retirar-se. Eu falo por mim mesmo, mas com as frustrações pelo fim do “socialismo com um rosto humano” na Tchecoslováquia, o fim do movimento dos direitos civis nos EUA e com a paralisação (espero que temporária) das reformas no movimento ecumênico e na igreja católica, que começaram tão assertivamente com o Concílio Vaticano II e a conferência de Uppsala, em 1968, voltou para o centro da esperança e resistência aquilo que é o motivo (razão) impulsionador de todas as aberturas de horizonte na sociedade e igreja: a cruz de Cristo. (MOLTMANN, 2011, p. 18)

A todo momento o mundo está reduzindo o ser humano a vítima de seu sistema mesquinho e monetário. Em todas as instâncias dos poderes públicos, a grande crise não é a falta do dinheiro, mas o seu uso desonesto. A política que deveria ser a defensora dos pobres é usada por desonestos que usurpam do povo o direito da segurança, saúde e lazer, desviando dos cofres públicos e da população o que lhe é de direito: retorno dos impostos por meio de melhorias em todos os sistemas públicos. Denunciar essa corrupção é um dever do cristão que, envolvido por uma espiritualidade libertadora, não se cala diante das irregularidades que vitimizam a vida (MOLTMANN, 2011, p.18).

Em muitos países, a esperança motivou inúmeras pessoas a lutar pelo bem comum. Alguns, porém, assim como o Cristo, foram vítimas e se tornaram mártires. As ditaduras na América Latina mancham a Terra de sangue inocente, porém, de modo audaz, surge a história de povos que não se calaram frente a severas imposições. A matança da população indígena e o desmatamento das florestas é a prova de que não somente o ser humano é vítima do poder, mas o próprio Planeta com sua natureza. Alguns ativistas não viram saída: foram exilados e forçados a deixar suas cidades, sob ameaça de serem calados pela morte. O que leva as pessoas a lutar pelos seus direitos e a defender o próximo? O que teria motivado Chico Mendes e a Irmã Doroty Stang a defenderem com a vida a causa agrária? A resposta é evidente e clara: foram tomados pela

compaixão de Cristo que os levou a contemplar a dor do próximo. Essa é, sem dúvida, umas das mais belas maneiras de viver a espiritualidade cristã, em resgate das vítimas (MOLTMANN, 2011, p. 19).

Resgatar as vítimas é agir não por pena ou simplesmente pelo sentimento da compaixão, mas sobretudo por acreditar que a espiritualidade promove no interior do crente uma força que deve ser direcionada para a libertação dos sofredores. As comunidades cristãs por muito tempo se ocuparam em apresentar um caminho para a santidade por meio dos exercícios espirituais. Com toda valia, eles são necessários, porém encontram uma forte motivação quando chamam a comungar dos ideais do Cristo crucificado que uniu em si todos os povos. A comunhão de ideais acontece quando as Igrejas, de modo concreto, vivem a proposta ecumênica de uma única casa pela qual lutem juntas (MOLTMANN, 2011, p. 19).

Teria a Teologia e as Igrejas uma espiritualidade que mostre ao mundo suas convicções em defesa dos pobres? Para Moltmann, é mais do que necessário o esclarecimento de que o pensar teológico tem incidência direta no agir das comunidades:

Para mim, a igreja e a teologia cristã só serão relevantes para os problemas do mundo moderno quando elas manifestarem o “cerne duro” de sua identidade no Cristo crucificado e, por meio dele mesmo, sejam questionadas junto com a sociedade na qual existem. A crítica política e ideológica que vem de fora pode obrigar igreja e teologia a manifestar a sua identidade e impedir que elas se escondam da história e do presente atrás de máscaras. A fé, a igreja e a teologia devem mostrar no que acreditam, o que esperam do homem de Nazaré crucificado sob Pôncio Pilatos, e quais consequências práticas elas esperam tirar disso. O próprio Cristo crucificado é o desafio da teologia cristã e da igreja que ousa tomar o seu nome para si. (MOLTMANN, 2011, p.19)

Seria impensável a igreja e a teologia não mostrarem uma ação concreta, assim como a espiritualidade seria oca em não encorajar seus adeptos à ação em favor das vítimas. Moltmann, em sua sensibilidade teológica, aponta para uma espiritualidade que, junto ao Cristo crucificado, indague a sociedade e suas atitudes. Esse questionamento não seria passível de perseguições, pois o próprio Cristo foi perseguido por levar adiante questões relevantes em favor dos perseguidos e marginalizados de seu tempo. A identidade da espiritualidade da esperança não pode ser outra senão aquela que, criticando o sistema político,

vislumbra horizontes nos quais há alternativas para uma vida justa e digna (MOLTMANN, 2011, p.19).

Quando o ser humano vivencia a espiritualidade, ela o leva a sempre tecer críticas à política e à sociedade; isso o faz tomar posição no mundo fragilizado pelas “máscaras da ignorância e da indiferença”. A história tem revelado tristezas e decepções na vida humana, doenças, guerras e conflitos mundiais que atormentam inúmeras vítimas. A oração do cristão não pode ficar estagnada, portanto a espiritualidade desvela-se em ações de esperança que mostram o homem de Nazaré que criticou a ganância dos poderosos de seu tempo. Jesus é a base de toda a espiritualidade cristã. A consequência dessa sustentação é agir como Ele, caso contrário a igreja e a própria teologia estarão usando as máscaras do mundo líquido que pouco se importa com os sofredores e suas fragilidades (MOLTMANN, 2011, p.19).

Uma compreensão acertada da espiritualidade que resgata as vítimas, no entendimento de Moltmann, está em retomar à teologia da cruz que oferece uma perspectiva de libertação aos oprimidos e perseguidos. A teologia da cruz é uma fonte de espiritualidade para o teólogo, uma vez que dela emerge a esperança da ressurreição, ou seja, os mártires do mundo capitalista terão na justiça divina o que não conseguiram nesse mundo: o reconhecimento pela coragem e ousadia em denunciar os homens de atitudes frias e mesquinhas: “Retomar a teologia da cruz hoje significa evitar a parcialidade da tradição e compreender o Crucificado à luz e no contexto da sua ressurreição, e conseqüentemente da liberdade e esperança” (MOLTMANN, 2011, p.20).

Uma grande questão para o mundo moderno é a parcialidade, pois as vítimas acabam cedendo à opressão da corrupção sem refletir sobre as conseqüências maléficas que terão. A espiritualidade da cruz é um passo ousado que avança o olhar para os imparciais e exige deles uma postura firme e irredutível diante dos poderosos. Ao tomar a cruz de Cristo como modelo de vida, o ser humano abraça para si o firme propósito em dismantelar qualquer sistema que agrida a liberdade. A sociedade moderna vivencia um círculo vicioso; somos parciais a tudo aquilo que não nos fira diretamente. A indiferença pela dor do próximo parece não ser um problema para a comunidade social, mas é um veneno para a espiritualidade, uma vez que a verdadeira atuação não permite

apatia nem compactua com qualquer tipo de armadilha que denigra a vida (MOLTMANN, 2011, p.20).

Não podemos vendar nossos olhares para uma espiritualidade que traz em si a liberdade e a esperança. Embora a sociedade moderna seja livre para continuar no vício das atitudes corruptas e parciais de morte, os que acreditam no Cristo não são inertes diante da falta da liberdade e da esperança. A luta pela vida exige que a autonomia continue a existir, assim como a esperança acompanha todas as batalhas, pois sem ela a espiritualidade não conseguiria continuar sua missão de resgatar as vítimas. Ao refletirmos sobre a esperança e a liberdade estamos falando de uma espiritualidade que passa pelo sofrimento de Cristo na Cruz, mas não para aí, segue adiante até chegar na vitória do Crucificado, que traz em si uma grande mística (MOLTMANN, 2011, p. 21).

O Crucificado traz consigo uma espiritualidade sempre em movimento; da sua cruz todos os discípulos encontram a força que necessitam para se deslocarem para as vítimas que clamam por justiça. Na contemplação da cruz os que sofrem não se sentem abandonados, pois enxergam no Cristo as suas próprias tristezas, amarguras, dificuldades e perseguições. O Senhor crucificado é para os pobres e vítimas da morte um forte apelo espiritual: todo seguimento traz consigo uma consequência. Mas a morte não é o fim, pois, apesar dos sofrimentos, zombarias, perseguições e ferimentos Jesus conquistou do Pai a graça da ressurreição. Portanto, as vítimas não estão solitárias em seu caminho para o calvário, o crucificado as acompanha e lhes garante a revitalização por meio da ressurreição (MOLTMANN, 2011, p.68).

Contemplar a morte de Jesus na cruz é uma espiritualidade que os pobres, doentes e atormentados assumiram ao longo da história de suas vidas. Os desprovidos camponeses são explorados por seus patrões, os negros vitimados pela escravidão e os trabalhadores das grandes indústrias podem encontrar no crucificado uma grande identificação: o silêncio de um inocente que foi vencido pelo poder doentio de pessoas compradas pela ganância e cegas pelo poder. De outro modo, encontramos o Cristo *pantokrator*, que sentado em seu trono glorioso submete a seus pés toda a criação. Esse senhor, porém, é um rei, e a sua imagem lembra os patrões latifundiários, os senhores feudais e os grandes

gerentes que, sentados em suas cadeiras ou tronos, deliberam em favor da morte e legislam contra os pobres (MOLTMANN, 2011, p.69).

O que nos interessa com essa contemplação não é o pietismo, mas a força que o Cristo crucificado transmite aos que o contemplam não de maneira passiva, e sim inconformados com o sofrimento e rejeitando a morte como o único fim. O Cristo chagado e morto na cruz é alento para as vítimas, pois seu silêncio venceu seus carrascos e a sua ressurreição é a prova de que Deus não coadunou com o sistema que assassinou seu filho. Portanto, o sofrer por sofrer não traz nenhum ensinamento à espiritualidade; já o padecimento, quando enfrentado de maneira corajosa, causa repulsa ao mundo apático. Emudecer diante dos escárnios capitalistas, xenofóbicos, consumistas e preconceituosos é contrariar o prazer que o tirano sente em ver a vítima dilacerada com sua maldade (MOLTMANN, 2011, p.70).

As vítimas do mundo moderno sentem-se abandonadas, como o Cristo crucificado. O sistema monetário é o companheiro preferido dos burgueses que não acompanham os pobres para os retirar da miséria ou oferecer direitos justos e igualitários. As vítimas da pobreza não estão sozinhas; Cristo também foi pobre e, como eles, sentiu a tristeza do abandono por parte dos seus amigos. Mas, de qual modo Cristo superou esse abandono? Pelo seu amor obediente ao Pai, assim, as vítimas são resgatadas da ignorância desse mundo pelo amor que deve conduzi-los à superação dos dissabores:

A mística do sofrimento descobriu uma verdade de Cristo que não pode ser ignorada por uma compreensão superficial. Ela pode ser posta desta maneira: os sofrimentos podem ser superados por sofrimentos e feridas podem ser curadas com feridas. Pois o sofrer no sofrimento é a falta de amor, as feridas nas feridas são o abandono e a fraqueza na dor é a descrença. Por isso, os sofrimentos do abandono e a fraqueza na dor é a descrença. Por isso, os sofrimentos do abandono são superados pelo sofrimento do amor, que não assusta ao doente e ao infeliz, mas que, para curar, os recebe e os toma sobre si. Por ter sido abandonado por Deus, o Crucificado leva Deus aos abandonados dele. Por meio do seu sofrimento, ele traz cura aos seus sofredores. Por meio de sua morte, ele traz vida eterna aos que morreram. Por isso, o Cristo atacado, repellido, sofredor e mortal tornou-se o centro da religião dos oprimidos e da piedade dos carentes de salvação. (MOLTMANN, 2011, p.70)

O amor do Crucificado é o exemplo de superação que a espiritualidade plena de esperança toma para encontrar forças no resgate dos sofredores. A

superficialidade social é grande, a banalidade atinge a vida com futilidades e o risco de não haver uma compreensão justa do amor cresce na medida em que o ser humano se fecha à esperança. A proposta da espiritualidade de Moltmann é a compressão de que o amor acresce o entusiasmo pela vida, mesmo com as feridas que podem sangrar a existência humana. O mundo padece com a infeliz propagação da centralização de bens que tem vitimado os pobres, por isso é necessário que a espiritualidade seja transmitida e compreendida como superação, jamais como resignação. Aceitar a dor sem buscar a sua superação é compreender de modo superficial a espiritualidade da esperança que jamais se fecha na dor dos sofredores, ao contrário, lhes propõe vencer com amor as tribulações (MOLTMANN, 2011, p.70).

Jesus experimentou as amarguras de um povo oprimido em razão da tirania e sofreu com eles o medo e as piores ameaças contra a vida. Uma grande multidão seguia o Cristo e ouvia os seus ensinamentos, ou seja, o Mestre não estava sozinho. Assim, identificava-se com os escravizados e, do mesmo modo que não estava sozinho, jamais deixaria os pobres que o seguiam na solidão: “Jesus era a identidade deles junto a Deus em um mundo que lhes tirou todas as esperanças, destruindo-lhes sua identidade humana, fazendo-a irreconhecível” (MOLTMANN, 2011, p.72). A esperança para o povo estava em Jesus que vivenciava de maneira plena uma espiritualidade libertadora em favor das vítimas de seu tempo e lhes assegurava que, juntos, venceriam as tormentas da vida (MOTLMANN, 2011, p.72).

Uma espiritualidade que resgata as vítimas com esperança deve ser construída de maneira sólida e consciente, dando ao sofredor a oportunidade de não se conformar com a situação que lhe tira a paz. Ter esperança nessa espiritualidade é perceber que ela propõe ao ser humano um crescimento qualitativo na vida espiritual, deixar de lado o discurso emocional que coloca Jesus como uma “pobre vítima” e passar a assumir o Cristo Crucificado que, de maneira coerente, sabia que seu modelo de vida provocaria consequências sérias. O mundo atual, confuso em sua modernidade, facilmente tende ao sentimentalismo que não resgata o pobre, mas o assiste de longe. O assistencialismo é uma das piores maneiras em demonstrar que não compreendemos o que é a espiritualidade da cruz, pois na assistência basta uma

ajuda financeira que cause falso alívio (“já fiz minha parte”). As vítimas necessitam muito mais do que ajuda financeira: desejam um trabalho digno para o sustento de sua família e segurança para sentir paz. Não há como aderir à espiritualidade da esperança sem ter à frente o Crucificado, caso contrário estaremos no círculo vicioso do sentimentalismo, sem alcançar a justiça pela qual o Crucificado sonhou com tanta esperança (MOLTMANN, 2011, p. 73).

A solidariedade faz parte da espiritualidade e da esperança e, unidas, podem transformar a sociedade que é a vítima preferida da indiferença. As muitas chagas presentes na vida humana são causadas pelo abandono desprezível que os homens praticam de maneira recíproca. A falta da solidariedade tem imperado sobre os sentimentos de maneira crescente e sufocante. Qual seria o melhor caminho para essa sociedade desesperançada e apática? Já abordamos que a espiritualidade é uma alternativa cristã para vitalizar as relações humanas e recompor a caridade. A revitalização acontece por meio da esperança social. Não há como transformar o ser humano sem incomodar o sistema em que ele está inserido, por isso, uma espiritualidade da esperança no meio social é urgente e necessária. Moltmann ainda propõe outros caminhos, entre eles, o sentimento de que Deus caminha junto ao seu povo, resgatando as vítimas e se fazendo presente por meio de Jesus que transforma esse mundo em uma comunidade onde todos podem conviver de maneira justa (MOLTMANN, 2011, p. 73).

4 A transformação do mundo: Deus agindo na comunidade

Abordar a sociedade como uma comunidade foi o desafio a que nos propusemos no capítulo I, no qual constatamos suas fragilidades e desesperanças em meio à liquidez. Moltmann, em sua sensibilidade teológica, apresenta um modelo espiritual de vida baseado na comunhão e no companheirismo de Deus. O resgate das vítimas acontece em uma espiritualidade com esperança junto ao *Pathos* de Deus. De maneira apaixonada, Ele caminha com sua criação e nos convida à liberdade, a defender a vida (MOLTMANN, 2011, p.35).

Deus não é apático ao sofrimento humano. Desde o tempo da atuação dos profetas, Deus, que é todo poderoso, sai de si mesmo e caminha como parceiro da aliança que fez com seu povo. Na perspectiva de Moltmann, a espiritualidade cristã inclui a fé em um Deus apaixonado pela criação e que é afetado pela indiferença e apatia entre os seres humanos. Mas seria possível esse movimento da parte de Deus? Ele estaria junto da sua criação sofredora? Para Moltmann, sim, pois “No seu *pathos*, o Todo poderoso sai de si mesmo” (MOLTMANN, 2011, p.39). Sair de si mesmo significa rejeitar a indiferença pelo sofrimento e assumir uma posição na qual Ele se tornou passível. Deus, por meio do *pathos*, está suscetível ao sofrimento do seu povo, não de maneira forçada, mas por sua decisão: “Ele é o relacionamento livre da participação apaixonada” (Moltmann, 2011, p.39). A espiritualidade da esperança encontra um grande impulso tendo o Criador como um apaixonado, pois na paixão ele não é tocado somente pelas orações e sacrifícios, mas é atingido diretamente quando as vítimas das drogas, terrorismo e das mortes em massa clamam por sua justiça (Moltmann, 2011, p.39).

O sofrimento das vítimas é levado a sério por Deus. De maneira alguma Ele se cala quando suas criaturas sofrem as consequências de uma sociedade ditada pela desigualdade. O *pathos* divino proporciona ao ser humano sentir que não estão sozinhos; Deus nos acompanha como amigo e juntos podemos lutar para que sejam vencidos todos os males que afetam os inocentes e que excluem de uma vida digna. De qual maneira a sociedade pode ser transformada pelo *pathos* de Deus? Quando os seres humanos perceberem que não são deuses e, sim, criaturas, as quais Deus aceita como companheiras. Como amigos, os homens podem sentir compaixão uns pelos outros e juntos buscam uma sociedade que necessita se abrir para a justiça e abolir de suas estruturas a liquidez que mina as relações de amizade e confiança. A população mundial sofre com a banalização da vida; jovens e crianças estão sendo mortos pelo tráfico das drogas lícitas e ilícitas, e estão cada vez mais frágeis em seus sentimentos (MOTLMANN, 2011, p.40).

A família não é mais um berço acolhedor na qual o respeito ao próximo pode ser aprendido. Muitos pais estão padecendo pelas drogas e seus filhos não encontram firmeza e exemplo em suas atitudes. O *pathos* divino deveria ser uma

linguagem ensinada a todos: o sofrimento do próximo afeta a todos, por isso sentir compaixão é buscar de maneira concreta soluções que tragam alívio, paz e harmonia. Essa busca do bem imbuída pela compaixão traz o Criador para dentro da desumanidade que precisa ser restaurada. Uma família conseguiu se reestruturar de maneira espiritual quando se abriram ao *pathos* divino, ou seja, Deus está sofrendo, chorando e buscando com eles a melhor maneira de superar os obstáculos causados pelo desrespeito à vida (MOLTMANN, 2011, p.41).

A ação de Deus no mundo é sempre um espaço aberto para que a salvação seja permanente. A salvação é um plano sonhado por Deus desde o início de toda a criação, e nenhum ser humano está excluído desse desejo. Em Jesus encontramos a paixão pelo ser humano de uma maneira encarnada: o Reino de Deus. Esse Reino foi demonstrado não somente pelas palavras de Jesus, mas principalmente pelo seu contato direto com os pobres, pecadores e doentes. Jesus, em sua paixão pelo Reino, não mediu esforços em formar seres humanos e capacitá-los para o amor junto ao exercício da misericórdia. A ação é o resgate claro das vítimas de seu tempo e a demonstração do quanto Deus transforma e age na sociedade (MOLTMANN, 2011, p.88).

4.1 - A Comunidade transformadora: a vida e o mundo transformados

Deus tomado de *pathos* está caminhando com o ser humano, e a todo momento o chama à comunhão na esperança que transforma a sociedade. O Reino que Jesus pregou é o sonho de Deus que agora continua acontecendo na atuação histórica do homem. Além da sociedade que é transformada pela presença de Deus, a vida humana também é transfigurada, pois quem sente o *pathos* divino não consegue continuar procedendo com atitudes negativas que geram morte e indiferença com o próximo (MOLTMANN, 2003, p.65).

A espiritualidade na perspectiva moltmanniana abre um horizonte para a vida transformada que nem mesmo a morte pode destruir. Seria pessimista o homem seguir sua vida sem refletir sobre o seu fim; pensar na morte nos coloca como seres finitos e combate o orgulho e a avareza. A sede pelo poder e a ganância financeira cegam o ser humano e o fazem reprimir a morte, trazendo-lhe

a ilusão de que tudo pode, até mesmo destruir a vida do próximo (MOLTMANN, 2003, p.65).

Ao reprimir a morte de sua vida o ser humano perde a espiritualidade e, com ela, a esperança. O homem que deseja ser eterno morre socialmente, pois fecha a reflexão sobre suas atitudes e abre em si inúmeras possibilidades para o egocentrismo. A espiritualidade da esperança acende no ser humano o desejo em se realizar por meio das atitudes altruístas que combatem a efemeridade dos prazeres sociais. Ao aceitar a finitude, todo ser humano liquida de si o individualismo, pois percebe que na companhia de outras pessoas sua vida encontra mais sentido. Estender a mão aos necessitados é olhar para si e para o Deus que sofre no pobre (MOLTMANN, 2003, p.66).

Ao analisarmos a sociedade moderna, nos deparamos com muitas pessoas e organizações que incorporaram o desejo pela eternidade. Famílias substituíram a atenção mútua pelo rendimento financeiro; criaram marcas e registraram patentes milionárias que eternizam suas contas bancárias. A felicidade, porém, está longe de suas casas. As grandes empresas deixaram de contratar mão de obra humana e a substituíram pelas poderosas máquinas que rendem mais e não cobram hora extra. Com isso, nos deparamos com a ideia de que o funcionário possui uma “vida útil” com prazo de validade; após sua dedicação, é descartado sem nenhum valor. O desejo pelo dinheiro fala mais alto que a simpatia pela vida. O lucro não enxerga na vida uma possibilidade de se eternizar para além do consumismo e do material. Para essas ideias consumistas, a morte é assustadora, pois não irão lucrar quando estiverem sem vida (MOLTMANN, 2003, p.66).

A espiritualidade cristã, para Moltmann, resgata a vida e nos faz refletir sobre a finitude e o seu fim natural. Para Moltmann a morte não é o fim, mas uma outra maneira de continuar a existir, porém isso só é permitido por meio da fé e da esperança. Quando um empresário compreender que sua vida terrena não será eterna, passará a administrar seus negócios de maneira tranquila e descentralizadora. Não desejará acumular, pois tem a consciência de que não viverá o suficiente para esgotar seus bens, e ficará satisfeito em ter o suficiente para uma vida digna. Uma empresa que pensa além do lucro olha para seus

colaboradores não como máquinas, mas como seres humanos passíveis de erro e que precisam ser remunerados de maneira justa. O funcionário também tem sua vida transformada quando percebe que no ambiente de trabalho seus superiores e amigos estão se respeitando e juntos buscam a fraternidade. A transformação no meio industrial é possível quando os patrões percebem que a vida humana é mais que o dinheiro. Tratando de maneira respeitosa o seu colaborador, tornará mais amistosas suas relações (MOLTMANN, 2003, p.69).

A espiritualidade abre um horizonte para a vida que é transformada mesmo após a morte. Refletir sobre a morte não é uma atitude prazerosa, uma vez que ela traz consigo uma série de indagações e desdobramentos. Moltmann parte do princípio de que a vida terrena não é somente uma preparação para a eternidade. Pensar dessa maneira é negar a Criação aceitando o fatalismo, por isso devemos vitalizar nossas atitudes terrenas. Enquanto estamos vivendo, devemos aproveitar ao máximo todas as oportunidades que a vida nos oferecer, pois o Deus amante da existência age nesse mundo por ele criado. Portanto, pensar sobre a morte e em uma vida após ela não retira o sentido da vida e muito menos deve nos levar ao desespero (MOLTMANN, 2003, p.70).

A sociedade enfrenta a morte de maneira fria e desesperada, o luto não é mais respeitado e pouco entendemos sobre o seu verdadeiro significado. Há uma grande dificuldade em aceitar a morte e chorar a perda das pessoas queridas. Na agitação da modernidade o tempo para sentir a perda dos entes queridos é limitado e desnecessário. Os funerais não são mais frequentados de maneira respeitosa, muitos não querem ter o incomodo de consolarem os familiares enlutados; essa atitude significa ajudar e, por meio da presença, comprometer-se a consolar os familiares que sofrem a dor da morte. Moltmann, em sua sensibilidade espiritual, aponta para uma pastoral efetiva junto aos enlutados, pois, assim, a presença da comunidade transforma a dor e o sofrimento dos entristecidos (MOLTMANN, 2003, p.73).

Quanto mais intenso é o amor pelo ente querido que faleceu, mais profundo será o luto, porém quem abre em si um espaço para o amor deve também estar preparado para uma das situações mais desesperadoras que é a morte. Moltmann nos propõe uma espiritualidade que valoriza o amor e a vivência

das experiências que tivemos nesta vida, ou seja, a intensidade com a qual convivemos será uma forte lembrança do quanto amamos a pessoa que faleceu. O amor que cultivamos pelas pessoas não morre no falecimento dela, mas permanece vivo em nós juntamente com todas as lembranças positivas e negativas. O luto, quando respeitado e aceito, restaura o amor pela vida após a morte e essa aceitação é um caminho que transforma e resgata o ser humano; modifica a pessoa que não quer aceitar a vida finita e resgata os corações endurecidos e fechados que culpam Deus pela morte (MOLTMANN, 2003, p. 137).

A sociedade moderna e líquida padece com um narcisismo estético. A morte para esses padecentes da sociedade é o fim, pois não terão mais as belas roupas, os carros caros e o corpo esbelto como sempre desejaram. Moltmann propõe que a aceitação da morte e o luto como consequência da perda é um caminho de conversão para o ser humano intransigente e preso a si mesmo. Os velórios não são mais uma realidade na sociedade; em grandes cidades, os corpos vão para os funerais e logo são enterrados. Os rituais das exéquias, nos quais os dirigentes promovem palavras de consolo e afeto aos amigos e familiares, são cada vez mais raros, pois o tempo corrido não permite às pessoas um momento para se consolarem. Sem tempo para chorar os entes queridos e sem a presença de amigos e familiares para a consolação, cresce cada vez mais a apatia pelo próximo e aumenta o egocentrismo no qual impera o pensamento: “antes morrer o outro do que eu”. Estar com o enlutado é fazer a experiência de ouvir e sem muitas palavras, mas, com a presença, demonstrar que ainda há preocupação com o próximo (MOLTMANN, 2003, p. 139).

Quando há uma preocupação com a vida humana a morte deixa de ser uma inimiga que põe fim ao amor. Se a morte não é o fim, o que acontece com o ser humano quando termina seus dias nesse mundo? Moltmann defende que a morte não destrói a vida, mas a pessoa permanece diante de Deus em uma relação de amor. A morte é, então, uma transformação do espírito e, com ele, de toda a vida e história do ser humano: “Através da morte, o ser humano é transformado da vida aprazada para a vida imortal e da existência limitada para a existência onipresente” (MOLTMANN, 2003, p.94). Essa transformação só é possível quando aceitamos a esperança como um resgate para a vida. Quem

permanece na esperança durante a vida, na morte a encontra de maneira resgatadora e transformadora. A vida imortal perpetua o ser humano na presença do Criador, e essa imortalidade só é alcançada quando aceitamos a finitude humana (MOLTMANN, 2033, p.73).

A vida transformada diante de Deus é o desejo que o ser humano deve alimentar em si durante suas atividades neste mundo. Quem sabe conviver com o luto está se preparando para a morte e para a vida que existe além dela. A ressurreição é a grande promessa de Deus que Cristo já vivenciou. Como o Filho teve seu corpo transformado e glorificado, um dia teremos a mesma graça. Com essas afirmações, encontramos em Moltmann uma paixão por Deus e pela vida. É uma perspectiva espiritual na qual não há destruição da criação e nem lamentação, mas há muita esperança, pois, a vida terminada neste mundo é contemplada com a graça da ressurreição. Quando refletimos sobre uma outra realidade após a morte estamos demonstrando o desejo em continuar nossa história. Não se trata aqui de nenhuma doutrina espírita da reencarnação, uma vez que, na espiritualidade cristã o que Moltmann defende é que a vida após a morte encontra em Deus toda sua plenitude. As mortes brutais que interrompem a vida, os martírios e os injustiçados terão na presença do Criador, que é a fonte da vida, toda realização que não alcançaram na vida terrena (MOLTMANN, 2003, p. 137).

A vida, o luto e a morte são realidades que marcam a história do ser humano muito singularmente. Assim como a vida após a morte é transformada, o mesmo deve acontecer com o mundo e sociedade; Deus não abandonará ao acaso a sua própria criação, mas continuará dando esperança ao seu povo para que construam seu Reino neste mundo. Uma pátria no céu não pode existir se o homem não lutar pelo seu futuro no mundo. Essa é a ideia de uma escatologia cósmica que defende a redenção do mundo todo, e não somente da alma que iria para uma “Pátria Celeste”:

Os seres humanos, porém, não são candidatos a anjos, cuja pátria está nos Céus, e que se sentem como estrangeiros nessa Terra, mas seres de “carne e sangue”. O seu futuro escatológico é um futuro humano e terreno: “a ressurreição dos mortos e a vida do mundo futuro”. Segundo a compreensão cristã, o redentor não é outro senão o Criador. Ele contradiria a si mesmo se não redimisse tudo o que criou. Um dia, o Deus que criou o universo será “tudo em tudo” (1Co 15.28). Senão, por

que ele teria criado tudo? A escatologia cósmica é necessária, não por causa de algum “universalismo”, mas por causa de Deus mesmo. Não há dois deuses, um Deus criador e um Deus redentor, mas um só Deus. É por causa dele que deve ser pensada unidade de redenção e criação (MOLTMANN, 2003, p. 279).

A espiritualidade cósmica não exclui a tarefa redentora do Criador. Como seres humanos que habitam neste mundo estamos sujeitos a todas as limitações e fraquezas, o que implica em dizer que não somos “candidatos a anjos”, ou seja, seres especiais isentos de problemas e pecados. Uma espiritualidade encarnada concebe o homem como um mero telespectador da vida ou do mundo, antes, somos todos responsáveis pela vida e por ela devemos lutar e buscar a felicidade de acordo com o que acreditamos. Moltmann enfatiza que o ser humano é de “carne e osso” e quando aceitamos essa condição entendemos melhor que não há outra maneira de construir um mundo melhor se não pelo esforço humano, tendo a esperança como uma força motivadora para a espiritualidade. A espiritualidade não “cria asas” no corpo humano, mas nos concede coragem para acreditar em um mundo futuro, de forma que a educação, a segurança e a alimentação sejam um direito para todos (MOLTMANN, 2003, p. 279).

Uma espiritualidade da redenção é defendida por Moltmann, pois na escatologia cósmica Deus não poderia se contradizer deixando perecer o que ele criou. Com a remissão da criação contemplaremos nesse mundo a justiça, e todos os que perderam suas vidas de modo injusto serão lembrados não como “pobres coitados”, mas como pessoas fiéis a seus objetivos. Uma criação redimida se inicia por meio de uma espiritualidade que age em prol da redenção; de todas as maneiras, a sociedade deve unir forças para sensibilizar os egoístas de que a centralização econômica não gera felicidade, mas causa miséria e tristeza. Com a redenção, a sociedade deve perceber que o egocentrismo e a aparência corporal não são favoráveis à fraternidade, mas geram no ser humano uma apatia descontrolada (MOLTMANN, 2003, p.279).

A modernidade não é capaz de acreditar em uma espiritualidade que transforma e resgata a criação. Muitas vidas estão sendo destruídas pelos vícios nas mais diversas drogas que a todo momento assolam as famílias e destrói de maneira absurda a vitalidade nas relações. Vencer o tráfico será uma tarefa árdua, mas antes de eliminá-lo será preciso que o ser humano se desperte para o

seu valor interior. Movidos pela impulsividade e pelas emoções ilusórias de uma falsa felicidade, muitos jovens procuram no vício o valor que não sentem em suas famílias. A baixa estima valoriza o temporário. Deus, que deve ser o “tudo em tudo”, passa a ser somente uma necessidade em casos de emergência: “lembramos de Deus quando não há saída para os problemas”. A espiritualidade como qualidade do que é espiritual não pode ser vivenciada apenas em momentos de necessidades, pois isso é uma mesquinha que desintegra a esperança e leva o ser humano a aceitar migalhas em sua vida. A espiritualidade vivenciada de maneira integral alarga os horizontes da vida e elimina sentimentos depressivos, de modo que as atitudes também são revigoradas. Com uma vida espiritual na esperança redentora o homem procurará a totalidade que não lhe permita ser infeliz o tempo todo (MOLTMANN, 2003, p. 279).

5 A esperança no cuidado com o planeta: uma espiritualidade ecológica

Parece-nos muito desafiador esse item. Uma vez que, de maneira muito latente, a sociedade moderna supervaloriza o que é descartável e inclui a natureza entre os itens que podem lhe trazer lucro. Nesse capítulo, apontamos para o resgate das vítimas; a espiritualidade apresentada por Moltmann trabalha em favor da vitalidade e, de modo muito autêntico, revigora nossas atitudes a respeito da sociedade. Deus deseja nos resgatar e nos transformar, assim como toda a sua criação. Porém, encontramos uma grande dificuldade: a sociedade precisa aceitar, compreender e buscar o resgate da criação como um todo. Seria muito egoísmo pensar que a criação se resume na vida humana. Cada ser vivo neste planeta e fora dele é parte da Criação de Deus e, sendo assim, tudo está no coração do Criador para ser resgatado e transformado. Nosso esforço neste último item, será mostrar que Jürgen Moltmann inclui em sua reflexão sobre espiritualidade o cuidado com a ecologia. Mas por que Moltmann teria se atentado para a ecologia? Não bastariam somente os axiomas teológicos e as muitas teorias da criação para uma espiritualidade? A resposta é clara: “... é necessário escutar a voz do Planeta que clama por vida” (GONÇALVES, Paulo Sergio, 2006, p.6).

A vida planetária tem sofrido muitos desgastes e desequilíbrios. Terremotos, temporais, tsunamis, chuvas ácidas, efeito estufa e o aumento do buraco na camada de ozônio são alguns dos elementos que, se não forem contidos a tempo, trarão grande sofrimento aos seres vivos. O Planeta está pedindo atenção e não estamos conseguindo atendê-lo, somente explorá-lo de maneira irresponsável. A tarefa da teologia é ser contemporânea e assumir os debates em torno dessas questões planetárias, cósmicas e ecológicas. Moltmann articula essas questões de maneira profunda e nos faz refletir sobre nosso comportamento social frente à ecologia. Na modernidade é evidente o quanto os seres humanos usaram a natureza e todas as suas forças de maneira negativa e utilitarista. Florestas, bosques e pequenas áreas verdes desaparecem em grandes quantidades todos os dias e, em seus lugares, despontam enormes edifícios comerciais e residenciais. Em nome do bem-estar de alguns poderosos financeiros, mataram seres vivos que há séculos estavam vegetando e florindo a Terra (MOLTMANN, 2014, p.17).

De muitos modos a presença humana no Planeta tem sido negativa sobre a ecologia. As duas grandes guerras mundiais mostraram uma insensibilidade para com a vida; os grandes campos de refugiados e Auschwitz, juntamente com as bombas nucleares em Hiroshima e Nagasaki, revelam um triste passado no qual a vida foi menosprezada. No ano de 1986, a Europa se atemorizava com a catástrofe em Chernobyl e, ainda neste século, o nos aterrorizamos com a usina nuclear de Fukushima. Essas e tantas outras catástrofes revelam a falta de empatia do ser humano para com a ecologia; não a tratamos como parte da criação, mas como um meio pelo o qual podemos tirar proveito monetário para suprir a ganância. O desmatamento põe fim à biodiversidade e, de modo assustador, desequilibra o clima que, por sua vez, devido ao aquecimento global, faz as calotas polares derreterem; desertos crescem, ilhas desaparecem com o nível do mar sendo elevado. Uma terrível desesperança nos é apresentada com a falta de sensibilidade ecológica no mundo moderno (MOLTMANN, 2014, p. 18).

A espiritualidade não é parte de uma única concepção ou ideia. Centrada na esperança, deve levar ao combate da inércia diante das terríveis situações de morte que afligem todo o ecossistema. Descruzar os braços e buscar uma nova

maneira para compreendermos a ecologia é um avanço que a sociedade deve empreender:

Nós tomamos conhecimento disso tudo, mas não fazemos o que sabemos que devemos fazer. A maioria das pessoas fecha os olhos ou se torna como que paralisada. De fato, nada promove mais as catástrofes do que o paralisante “nada fazer”. Nós precisamos desenvolver uma nova forma de compreender a natureza. Como uma nova concepção de ser humano para que, assim, possa seguir uma nova forma de experimentar Deus em nossa cultura. Nesse sentido, uma nova teologia ecológica pode nos ajudar imensamente. (MOLTMANN, 2014, p.18)

Ao analisarmos a situação global da natureza podemos nos questionar de que maneira podemos ajudar o nosso Planeta a respirar e continuar a sobreviver. Muitos cairão no comodismo, deixando essa tarefa para as grandes indústrias, fábricas e construtoras, uma vez que os grandes poluidores e destruidores são eles. Todavia, o número de pessoas que se tornam indiferentes diante da crise ecológica também contribui com a proliferação da poluição e com a destruição da natureza. Moltmann propõe uma nova forma para compreendermos a natureza que abarca uma concepção do ser humano sobre a ecologia. De todos os modos, o ser humano incide diretamente sobre a natureza e, infelizmente, se não olharmos de maneira compassiva e carinhosa para ela acabaremos aniquilando-a. Moltmann parte do princípio de que precisamos lembrar que a Terra criada por Deus não suporta mais os maus tratos que seus irmãos companheiros estão lhe fazendo. É imperativo que cuidemos da Terra como ela sempre cuidou de nós:

Antes que nós começássemos a guardar e a cultivar a Terra; antes mesmo que adotássemos qualquer forma de domínio sobre a terra ou tivéssemos assumido qualquer corresponsabilidade em relação à criação, a Terra já cuidava de nós. Ela tem criado até os dias de hoje as condições ideais para a preservação da vida de todos os seres humanos. Na verdade, não é a Terra que nos foi confiada, mas sim nós que fomos confiados aos cuidados dela. (MOLTMANN, 2014, p.19)

Cuidar da Terra não é apenas uma maneira de externarmos nossa gratidão, mas um dever. Desde que a vida humana existe, a Terra sempre colaborou e providenciou o necessário para nossa estadia e convivência sobre ela. As muitas condições favoráveis como a terra própria para o cultivo, água potável e ar puro e limpo são uma colaboração direta do Planeta em nosso favor. Porém, de maneira triste e trapaceira, a convivência humana com a natureza não tem sido boa; os grandes rios estão secando e outros lutam para sobreviver em

meio aos muitos produtos químicos que as indústrias despejam em suas águas. A Terra sofre com a falta de cuidados básicos, como o mau tratamento da água, sem a qual a vida humana não existiria. A relação que há entre nós, humanos, e a Terra não tem sido de companheirismo ou de corresponsabilidade, mas de abuso; só interessa extrair da natureza tudo o que ela pode oferecer e, quando não há mais possibilidades, a descartamos e deixamos morrer. As matas ciliares e outras importantes árvores estão sendo extintas, não por necessidade, mas por falta de cuidado; o resultado dessa degradação está no “choro da Terra”: as muitas reações naturais que devastam cidades e muitas vidas humanas (MOLTMANN, 2014, p.19).

A nova relação que deve haver entre os seres humanos e a Terra e toda a ecologia é a de igualdade e companheirismo. Nenhum ser humano pode continuar pensando que a Terra está submetida aos desejos humanos, pois essa ideia, além de ser contrária aos princípios da Criação, é um argumento que os soberbos usam para poluir e devastar a natureza. Ao olharmos a cientificidade da evolução da criação encontramos muitos argumentos de que a Terra sempre existiu por muitos milhares de anos sem a presença humana, portanto não é o Planeta que precisa dos homens e sim eles que precisam da Terra para continuarem existindo. Quando o mundo olhar de modo mais atento para a questão da sobrevivência e não da dependência e das vantagens, teremos uma relação harmoniosa; toda a criação se respeitará. O sentimento de ingratidão para com a Terra impera nas atitudes humanas. Sem percebermos, estamos extinguindo a nossa própria vida, pois não há companheirismo que aceite extinguir um amigo. A Terra é vista somente como uma simples criatura irracional, a “natureza”, e muitos não a respeitam (MOLTAMNN, 2014, p. 19).

A falta de respeito para com a Terra e sua natureza se arrasta por longos anos. Durante o Renascimento, o homem ocupou o centro das atenções de todo o mundo de maneira que tudo deveria ser submetido à sua vontade, pouco importava se suas atitudes estavam corretas. A história irá nos lembrar que os antigos faraós escravizavam centenas de pessoas para cumprirem de modo desumano suas ordens. Grandes cidades foram construídas e seres humanos perderam suas vidas devido ao desgaste e às condições miseráveis que viviam. Na modernidade, os faraós continuam existindo e se negam uma relação

respeitosa com a natureza e com a Terra. Os faraós da sociedade líquida desmatam, poluem e constroem segundo seus desejos e forçam a Terra a se adequar às suas vontades. Não é uma relação amistosa, e sim egocêntrica; o lucro para uma pequena parcela de milionários basta para corromper as leis e destruir o meio ambiente. O centro da existência humana tem sido um poço profundo com terríveis ideais e projetos destrutivos para a vida. Moltmann nos propõe uma espiritualidade equilibrada na qual o respeito pela natureza nos conduz para uma relação nova com Deus. Uma espiritualidade com bases da vitalidade e na esperança só poderá ser possível quando toda a Criação for respeitada de maneira digna sem ter sobre ela faraós capazes de destruí-la (MOLTMANN, 2014, p. 20).

Em uma relação harmoniosa entre o homem e a Terra a espiritualidade na perspectiva moltmanniana nos propõe pensar que não somos eternos e a dignidade do ser humano está em reconhecer suas limitações. O desejo pela eternidade é algo que atormenta o homem e o leva a uma extrema vaidade que o lança para um abismo solitário. Justamente por isso, muitos acabam se deprimindo ao perceber que todo o dinheiro e poder que possuem não lhes garantem a eternidade. Ao se deparar com a finitude o homem encontra na espiritualidade da criação um apreço que lhe é particular; ao zelar por toda forma de vida no Planeta está cuidando de si também. É uma reciprocidade que somente a sensibilidade espiritual pode fazer enxergar, e Moltmann a percebe de maneira clara:

O gênero humano é aquele que, para preservação de sua vida sobre a Terra, depende da existência dos animais, das plantas, do ar e da água, da luz e dos horários do dia e da noite, do sol, da lua e das estrelas. Sem esses elementos ele não pode sobreviver. O ser humano existe sim, porque os outros seres criados também existem. Todos eles podem existir sem o ser humano, mas este não pode sem eles. É exatamente por isso que não é correto interpretar o ser humano como se ele fosse dominador divino ou como o solitário jardineiro da natureza. (MOLTMANN, 2014, p. 23)

Moltmann nos esclarece que a existência humana depende da natureza e de todos os outros seres vivos que nela há. Uma harmonia entre todos, além de necessária, é também uma maneira de demonstrar o respeito que deve haver, pois todos somos criaturas. O Planeta sobrevive e continuará sua existência sem a presença humana, mas o homem não sobreviverá ao caos que virá sobre a

Terra se continuar a explorar de maneira irresponsável. Do que valerá todo o dinheiro se não houver como gastá-lo? O que será das contas milionárias nos grandes bancos quando não houver mais comida? Como será o mundo sem água potável? Haverá vida para todos quando acabar a vegetação e a Terra responder com terríveis catástrofes? Moltmann nos propõe refletir que o homem não é o dominador da Terra e muito menos o jardineiro solitário em meio à criação. O dominador não olha com misericórdia para seus amigos, pois é egoísta e só lhe basta a sua felicidade. A natureza sofre com os dominadores que a devastam e pouco se importam com a sua existência. Esse mal corrompe de orgulho a vida e afeta o discernimento; pouco importa a natureza e o Planeta se, na verdade, esse homem só pensa nas falsas vantagens que poderá ter (MOLTMANN, 2014, p.23).

Há esperança para a Criação ameaçada? É a pergunta que Moltmann destaca como título de sua obra. A resposta é evidenciada por meio de sua sensibilidade espiritual; todos podem ser salvos pela esperança quando nos livrarmos da apatia sobre a vida e não mais permitirmos que a ganância e o poder nos dominem. O sopro divino sobre todos os seres criados é uma das demonstrações de que a salvação é para toda a criação:

De acordo com a tradição bíblica, Deus não soprou o seu Espírito vivificante somente sobre o ser humano, mas sobre todos os seres criados: Se ocultas o rosto, eles se perturbam. Se lhes corta a respiração, morrem e voltam ao seu pó. Envias o teu Espírito, eles são criados, e, assim, renovas a face da Terra (Sl 104.29,30). Daí pode-se concluir que, se a imagem de Deus no ser humano está no Espírito divino, que nele habita, então todas as demais criaturas, nas quais o Espírito divino também habita, são imagens de Deus e assim devem ser reconhecidas e respeitadas. Em todo caso, os seres humanos e a natureza estão tão intrinsecamente relacionados, que acabam por partilhar não somente das mesmas aflições, mas também da esperança comum de redenção. Os seres humanos não são libertos desta Terra, do passado e da morte, mas com esta Terra. (MOLTAMNN, 2014, p. 24-25)

A ameaça contra a vida é latente, e um dos principais motivos para esse prenúncio é o não reconhecimento do Espírito de Deus que renova todos os seres criados. O que existe é uma autossuficiência que inflama de orgulho a vida humana e faz o homem sentir-se poderoso a ponto de imaginar ser o dono do mundo. A imagem de Deus presente na criação deve despertar esperança na vida para não cairmos nas fatalidades do corpo humano sendo degradado pelos vícios e o descaso para com a biodiversidade ecológica. O egoísmo não permite uma espiritualidade plena da criação na qual contemplemos o Espírito Divino em toda

a sua obra criadora; a natureza e o ser humano estão ligados e não há como amar a Deus sem os amar. Porém, a sociedade moderna líquida sente dificuldades em perceber de modo sensível a presença do transcendente, não somente na natureza, mas até nas relações fraternas que aos poucos estão sendo extintas e substituídas pelas redes sociais virtuais (MOLTANN, 2014, p.25).

Uma sociedade frágil em suas relações reflete pouco sobre o que está à sua volta. As guerras, pestes, fome e miséria são acontecimentos que incomodam a poucos, pois a liquidez chegou às atitudes humanas de modo paralisante. Na espiritualidade cristã em perspectiva moltmanniana, a esperança não permite que a criação seja desolada e que permaneçamos com os braços cruzados; os acontecimentos devem ser refletidos de modo que brotem soluções práticas para a vida. A esperança como fundamento da espiritualidade cristã, na visão de Jürgen Moltmann, é a tomada de uma consciência aguçada para as práticas que desenvolvam a vida e potencializem o valor humano da criação; a libertação que desejamos para nós humanos é a mesma libertação para a natureza e para o Planeta, afinal, seremos redimidos e libertados com a Terra e não dela. Para Moltmann, toda forma de vida que está no Planeta será, de modo integral, redimida pelo Criador (MOLTMANN, 2014, p.25).

É estranho o fato do ser humano não ter consciência de que o Planeta é parte da criação e, por isso, o maltratar tanto, mas essa atitude está ligada à falta de sensibilidade espiritual; quando o homem se fecha em si dificilmente conseguirá enxergar outra coisa além de seus próprios interesses. Moltmann afirma que todas as pessoas são, em sua peculiaridade, uma parte da natureza:

As pessoas são, por causa da sua peculiaridade, sua distinção e sua esperança vital, uma parte da natureza. Por isso mesmo é que elas não estão no centro do mundo, mas, para continuar sobrevivendo, precisam se integrar à natureza terrena e à comunidade dos seres criados. O que de fato compete ao ser humano não é uma atitude arrogante de poder sobre a natureza ou a liberdade de fazer com esta o que bem entender. O que cabe mesmo ao gênero humano é uma atitude de "humildade cósmica" e uma respeitosa atenção em tudo o que ele faz para com a natureza. (MOLTMANN, 2014, p. 26)

Os poderosos da modernidade sentem dificuldade em se integrar como parte da criação, pois respeitar a natureza e toda a ecologia é contrariar seus interesses; as grandes empresas de cosméticos, anabolizantes e as grandes

grifes da moda pouco se importam com a ecologia; o preponderante é a venda de seus produtos, mesmo que, para isso, pessoas sejam desabrigadas e a vida colocada em risco; o número de jovens e adultos que morrem intoxicados pelos anabolizantes é assustador. A concepção de que a esperança vital não está na criação tem eclodido nas atitudes solitárias e isoladas que nos distanciam da certeza de que somos criaturas e companheiros do Criador. Há um instinto egoísta da sobrevivência. Para que uma pequena parcela de ricos continue a dominar pouco importa se a camada de ozônio irá resistir ou se as matas serão destruídas. O senso de pertença ao Planeta não pode ser apenas um simples cuidado por medo da extinção. Sem a natureza os seres humanos padecerão, por isso zecemos por ela. Essa concepção seria utilitarista, como são as ideias sobre o cuidado com o corpo de quem diz “Frequento a academia para manter uma boa aparência, uso uma determinada marca de roupa para mostrar o *status* financeiro e minha desenvoltura muscular”. Quando nos sentimos parte da criação, o cuidado para com a ecologia e toda a sua diversidade é um prazer, pois ao zelar pelos animais, plantas e todo ecossistema estamos cuidando de nós mesmos (MOLTMANN, 2014, p.26).

A criação toda necessita de cuidados. Esse fato só irá ocorrer quando retomarmos uma espiritualidade do cuidado para com tudo o que Deus criou. Na modernidade, há excesso de preocupação com o corpo, o que não é de todo negativo. Em contrapartida, a ciência moderna tem se colocado como a “mestra da Terra”, por isso muitos cientistas sem a ética necessária e profissional exploram os animais e submetem a Terra aos seus desejos tecnológicos. A natureza não tem sido considerada como nossa irmã, mas um mero instrumento da ciência que a qualquer momento pode ser tocada e explorada sem medir as trágicas consequências desses atos. “A natureza se transformou, assim, em mundo das pessoas” (MOLTMANN, 2014, p.27), essa triste transformação tomou conta das nossas atitudes, de modo que o lixo jogado na rua não nos incomoda, ou, muito menos, uma árvore que é serrada ou morta por que está incomodando a calçada das nossas residências. Um Planeta rico em diversidade aceita sobre si raças, culturas e costumes diferentes, mas nós não sabemos respeitar o Planeta. A cada dia carros, fábricas e indústrias matam o Planeta e tudo o que nele está vivendo. A esperança de dias melhores deve inspirar a espiritualidade que

desejamos para que essas dificuldades sejam resolvidas, porém ainda é acirrado em nossas atitudes o desejo pela dominação da Terra (MOLTMANN, 2014, p. 27).

A cada dia, somos surpreendidos com a superação da tecnologia e da ciência, mas a que custo essas superações estão acontecendo? A espiritualidade da esperança nos permite vislumbrar um mundo com a modernidade e suas facilidades, mas não podemos nos esquecer das sérias consequências que elas podem nos trazer. No século passado, o sistema de telefonia do mundo era uma novidade um tanto precária e de pouca acessibilidade; hoje, com o advento da *internet*, a comunicação é inclusive visual, fato que trouxe benefícios para todo o mundo. Por outro lado, a exploração desse conhecimento parece não ter limites, o lixo eletrônico cresce de modo pavoroso. O que fazer com os *tablets*, computadores, telefones e celulares velhos? Há poucos sistemas de reciclagem para esses produtos e o fim acaba sendo a Terra, que mais uma vez terá que suportar sobre si um amontoado de lixo que o ser humano descarta de modo irresponsável (Moltmann, 2014, p.29).

Como seria uma espiritualidade da esperança que defenda de modo vital toda a Criação? A teologia e a espiritualidade são negativas ao ponto de não aceitar as mudanças tecnológicas e o progresso científico? Jamais. Moltmann nos alerta para a comunhão que deve haver entre a os progressos da modernidade, mas sem perder o respeito para com a Terra:

A teologia moderna, inspirada no primeiro relato da criação, viu sempre na Terra apenas algo que o ser humano pudesse subjugar. No livro de Jesus de Sirac 40,1, a Terra é chamada de mãe de todos nós. Pode-se submeter a própria mãe? Pode-se explorá-la, destruí-la e vendê-la? A nova teologia ecológica parte do princípio de que a Terra é a nossa pátria: A humanidade é parte do universo que está em constante processo de expansão. A terra, nossa pátria, oferece ambiente vivencial para uma comunidade peculiar e variada de seres vivos [...] É, de fato, um dever sagrado a capacidade de proteger a Terra na sua pluralidade e beleza. (MOLTMANN, 2014, p.33)

Desde o início da Criação, o homem compreendeu de maneira errônea sua missão junto à natureza, devido à sua mania e soberba em subjugar-la, tornando-a meramente um objeto de exploração. A relação moderna entre os seres humanos, como já observamos no Capítulo I, é também de total descarte: namoros, amizades e o matrimônio são um espelho das relações humanas no tratamento com a Terra. O convívio entre os seres humanos está cada vez mais complexo;

os assassinatos e o terrorismo baseados no fundamentalismo religioso nos apontam para a falta eminente de uma espiritualidade que perceba a Terra como mãe e os seres vivos como irmãos. O maltrato com os animais e o extermínio de algumas raças é o exemplo do quanto a exploração tem assolado o coração humano. A solução para esses problemas não virá de maneira milagrosa, mas de forma natural; quando percebermos que somos parte do universo e a Terra nossa pátria teremos um caminho sendo iniciado; a esperança e a espiritualidade serão revitalizadoras em nossas relações, a ponto de incorporarmos em nossas atitudes o respeito mútuo para com toda a Criação. A proteção para com a Terra é o nosso próprio aconchego, e confortar o corpo contra os vícios é respeitar o Criador que sofre com o desespero pelos maus tratos das drogas (MOLTMANN, 2014, p.33).

Moltmann aborda de modo muito sensível que a Terra precisa ser salva da má conduta de seus irmãos humanos. Mas como isso será possível? Somente com atitudes e com a espiritualidade? A espiritualidade cristã na perspectiva moltmanniana é uma vitalidade imbuída de esperança – não podemos desvincular a ação da oração e ambas apontam possíveis soluções para um maior cuidado com a Terra. “Espiritualidade é uma abertura em direção ao coração” (MOLTMANN, 2014, p. 45), e essa abertura depende da vontade humana; nunca poderemos sonhar com a esperança se ela não estiver no coração do ser humano, que sem esse desejo do cuidado com a Terra fica comprometido, uma vez que a degradação do Planeta nasce da falta de amor para com aquilo que Deus criou. A experiência espiritual do cuidado com a Terra é um caminho que conduz as reflexões das próprias atitudes humanas frente à vida. Uma espiritualidade que caminha para o coração humano é também um encontro com o Espírito de Deus que, na liberdade, nos provoca a converter nossas atitudes. A Terra e toda a humanidade poderão ser salvas quando compreendermos que sendo parte da criação devemos nos cuidar de maneira recíproca; o zelo pelo Planeta e por todo seu sistema natural será devolvido a nós com uma maior qualidade de vida (MOLTMANN, p.45).

O cuidado para com a Terra não é unilateral; ao cuidarmos do Planeta estamos abrindo nossa vida interior para o Espírito Criador que cuida de todos. Falando de interioridade, Moltmann expressa seu entendimento de uma

espiritualidade que nasce no coração humano, mas não fica parado nele, sai de si para atitudes concretas:

Isto pode, entretanto, tornar-se uma espiritualidade dos sentidos se o Espírito de Deus presente na natureza da Terra for experienciado como o “Espírito cósmico”. Quando isso acontece já não se precisa mais voltar para dentro de si mesmo, mas, ao contrário sair de si e experimentar o mundo externo com todos os sentidos. O que se precisa mesmo é tomar a vida nas próprias mãos. Esse tipo de mística cósmica esteve presente na contramão da espiritualidade medieval a partir de Santo Agostinho, mas agora tem se tornado objeto de interesse para um futuro ecológico do gênero humano e da Terra. (MOLTMANN, 2014, p.45)

A experiência do “espírito cósmico” é também a humildade que o homem deve aderir para prosseguir com a vida espiritual. Sem a simplicidade a espiritualidade se torna apenas um discurso sistemático enraizado em ideias preconcebidas e não parte para a vida concreta. Na “pseudo espiritualidade” encontramos muitos discursos a favor da paz e do Planeta. Há anos muitas ONGs e outros sistemas discursam a favor da vida planetária. As palavras encontram pouca força frente ao sistema que privilegia a opinião dos bem-sucedidos, que não querem exteriorizar um maior compromisso com a sociedade. Sair de si e experimentar o mundo externo com a plenitude dos sentidos é vencer os discursos e encanar as palavras em atitudes que visam à proteção da vida que sofre com mazelas de uma sociedade moderna e interesseira. Não há esperança e espiritualidade para quem não consegue ultrapassar o egoísmo e tomar nas mãos a vida; o rio poluído é a água que não teremos para o futuro e o corpo maltratado não será capaz de lutar e vivenciar ações humanas que libertem o Planeta (MOLTMANN, 2014, p.45).

O ser humano tem padecido pela falta de tranquilidade interior e exterior; a agitação do mundo líquido o leva a se deter no barulho das efemeridades sociais. A cada dia fica claro o quanto as pessoas estão carentes de atenção, mas não conseguem ser atenciosas umas com as outras, fato que reflete diretamente no cuidado com a natureza. Se não conseguimos ouvir o próximo, como entenderemos o Planeta e seu sistema ecológico? Na espiritualidade em perspectiva moltmanniana a contemplação da vida e de toda a criação é necessária: “É verdade que nós olhamos as coisas ao nosso redor com nossos olhos; entretanto, não aprendemos a contemplar” (MOLTMANN, 2014, p.46). Percebemos com certa facilidade tudo o que está ao nosso redor, principalmente

as belas vitrines dos grandes shoppings, mas não observamos com sensibilidade as muitas máquinas de ar-condicionado que poluem e gastam energia de maneira descontrolada. O mesmo podemos afirmar em relação à vaidade: as belas roupas são observadas e notadas nos corpos delineados, mas sentir de maneira sensível a dificuldade dos mais carentes, que mal comem e mal se vestem, é uma tarefa constrangedora, pois a sensibilidade não permite somente ver os abandonados, mas nos provoca o questionamento do sistema que os colocou na miséria. A contemplação é a calma que nos leva a olhar as questões ultrajantes da vida – poluição, pobreza, crimes e a miséria – mas não ficamos paralisados na comiseração ou na compaixão. Movidos pela misericórdia, passamos à ação que deve nos libertar e libertar os que padecem:

Somente quando nos aquietamos e reservamos tempo para a contemplação é que somos capazes de perceber a beleza de uma árvore ou a essência de uma flor. Somente quando, ao contemplarmos e nos abirmos à impressão provocada por aquilo que está diante de nós, é que podemos dizer que amamos as pessoas e as coisas em si mesmas. Nós ouvimos com nossos ouvidos os sussurros do mundo externo. Ouvimos o ruído, as vozes, a música. Mas temos realmente aprendido aquela forma de escuta que nos faz esquecer de nós mesmos e nos concentrar naquilo que o outro nos diz? Tanto o cristianismo quanto o judaísmo são religiões da escuta. O Shema se inicia com estas palavras: “Ouve Israel”. Maria “ouveu” a voz do anjo e guardou essa voz em seu coração. Não existe somente um ouvir com os ouvidos; há também um “ouvir com o coração”. Trata-se de um ouvir profundo com a totalidade do corpo. E assim algo perpassa inteiramente a pessoa. (MOLTMANN, 2014, p. 46)

Aquietar parece uma palavra esquecida e vazia para a modernidade. Não conseguimos ficar parados para contemplar a natureza nem ouvir nossa própria vida, prova disso são os muitos celulares que estão “colados nas mãos” de crianças, jovens e adultos. A contemplação da natureza foi ocupada pelas páginas da internet que poluem nossas mentes com a “chuva de informação” que não sabemos discernir se verdadeiras, falsas ou relevantes. A natureza precisa ser respeitada, mas para isso acontecer deve ser percebida e contemplada. Contemplar com esperança é um elemento fundamental na espiritualidade cristã, pois nos tornamos sensíveis à beleza da Criação, e com isso a respeitamos como obra de Deus e não somente como simples paisagem que embeleza as terras. Muitos que estão absortos na agitação da modernidade não conseguem ouvir os “gemidos” e pedidos de socorro da Terra; o dia quente não é simplesmente efeito do aumento de temperatura no verão, mas é a soma de uma série de fatores que

estão causando o aquecimento global. As grandes tempestades, tornados e tsunamis, além de tragédia ou catástrofe natural, é a resposta da Terra pela submissão que lhe impusemos. Mas, para os insensíveis e “surdos espiritualmente” esses e outros fatores são simples acontecimentos da natureza (MOTLAMNN, 2014, p.46).

Contemplar e ouvir a voz da Criação é sentir-se parte dela, pois ao contemplar a natureza estamos percebendo nela toda a obra do Criador que nos irmanou em tudo que fez. O cinismo e a frieza no coração humano têm aniquilado a natureza de modo cruel; as queimadas em grandes prados e o derretimento das calotas polares são notícias diárias, assim como a morte de crianças que tentam a travessia por meio dos mares em busca de uma terra que lhes permita a liberdade. A frieza para com a natureza é a indiferença para com o próprio ser humano, porém isso ainda não foi percebido, pois continuamos insensíveis com o “grito” da Terra que clama por nossa sensibilidade. Na contemplação com os ouvidos atentos poderemos nos sensibilizar com o nosso próprio corpo e com a Terra que avisam gentilmente que precisamos descansar:

A história bíblica da criação se completa no grande sábado do Criador. Por meio de seu descanso Deus abençoa a sua criação. Nessa festa, todos os seres criados são comunitariamente vivificados e se apresentam em sua beleza. Tanto no sábado judeu quanto no domingo cristão os seres humanos e os animais devem encontrar seu momento de repouso; neles se encontram a regeneração das forças vitais. O dia livre de trabalho não é somente o período dedicado ao próprio descanso, mas também à não intervenção na natureza. Nesse dia não se deve ver a natureza pelo interesse do próprio trabalho, mas em beleza como criação de Deus. Assim, o interesse pautado meramente no valor de uso da natureza retrocede, dando lugar ao valor inerente a ela. (MOLTMANN, 2014, p. 55)

O descanso é necessário a toda Criação, pois quando paramos nossas atividades, estamos deixando a natureza descansar para que ela também seja vivificada. Nesse descanso a contemplação de tudo o que estamos conquistando com trabalho honesto pode ser desfrutado, caso contrário estaremos sobrevivendo em meio à correria e corremos o grave risco da insanidade, pois não paramos para vivificar nossas energias e com isso não damos o merecido sossego à natureza. Ao analisarmos de modo apurado, percebemos que as forças vitais da sociedade estão cada vez mais esgotadas; as pessoas parecem insatisfeitas com tudo e não há nada que possa preencher o vazio em suas vidas.

Na verdade, estamos todos esgotados e não encontramos nada que possa satisfazer o nosso ego que idolatra o ativismo e suga da natureza tudo o que pode, mas não é capaz de lhe permitir o reabastecimento. A força vital do mundo está moribunda e os homens fadados ao desequilíbrio que os torna criaturas perversas. Os assassinatos crescentes em todo o mundo nos mostram uma parte da oscilação humana para o mal. Seria reducionista de nossa parte, afirmar que todos os males da sociedade são motivados pela falta do descanso, uma vez que muitos estão amargando com o desemprego, entretanto, não podemos vender nossos olhos para a realidade de que o interesse próprio do homem tem sido ganancioso ao extremo e isso tem gerado vítimas de muitas faces. Desempregados sem descanso não contemplam a vida, pois estão esquecidos por não produzirem dinheiro ao sistema capitalista e, não sem razão, há os amargurados pela exploração, que enfrentam longos períodos de trabalho, mas não conseguem se sentir satisfeitos (MOLTMANN, 2014, p.56).

A Terra sem a intervenção humana consegue se reestabelecer e prosseguir em seu ritmo natural; já o ser humano é totalmente dependente do Planeta, por isso não consegue continuar sua vida sem explorá-la. Não haverá paz para a vida neste Planeta se não buscarmos a tranquilidade para o ar, para as terras e para as águas. Os produtos químicos jogados na terra para sua fertilização não poluem somente o que plantamos, mas tudo ao seu redor, inclusive os pequenos agricultores. A terra está condenada à infertilidade e, com isso, o homem está se condenando, pois não haverá alimento saudável e suficiente para todos. Já estamos enfrentando a triste realidade da escassez de água em países pequenos e com poucos recursos hídricos; já em países maiores, com represas e rios, a dificuldade está no uso racional da água. A poluição é somente um dos riscos que citamos constantemente, porém o desperdício da água é um “fantasma” que assola nossa realidade (MOLTMANN, 2014, p.56).

6 Espiritualidade ecológica e a falta da esperança: um eminente risco de extermínio da Criação

Tendo abordado algumas das ameaças que estão acontecendo em nosso Planeta, podemos inferir uma verdade: nosso Planeta, com toda sua diversidade,

está comprometido, pois chegamos ao ponto de criar armas para a nossa própria destruição. Bombas atômicas e químicas são realidades assustadoras e que a qualquer momento podem pôr fim a toda a Criação na Terra. A espiritualidade cristã, na visão moltmanniana, nos provoca uma séria reflexão que nos conduz a “uma cultura da vida que supere a barbárie da morte. Um amor à vida que teime ante as ameaçadoras destruições de nosso espaço vital comum” (MOLTMANN, 2014, p.57). Temos à nossa frente uma sociedade moderna-líquida, na qual a vida não é respeitada e sim encarada de maneira preconceituosa, seja pelas condições de vida e suas opções ou pela religião. As grandes guerras que hoje acontecem estão inseridas em realidades religiosas fundamentalistas. Os meios de comunicação nos entristecem todos os dias com as notícias trágicas de civis que morrem em meio ao caos da guerra; muitos permanecem em suas casas, pois estão sem esperança de que a vida vai melhorar. Outros, no entanto, arriscam suas vidas na esperança de encontrar a paz que necessitam em outros países (MOLTMANN, 2014, p. 57).

Moltmann vivenciou a triste realidade da II Guerra Mundial. Em sua concepção, a vida, já naquela triste realidade, estava perdendo seu sentido sagrado e tornava-se uma banalidade:

Hoje em dia a vida humana está realmente correndo risco. Ela não corre risco porque está ameaçada pela morte. Sempre foi assim. Ela está em perigo porque não tem sido mais amada. Albert Camus constatou depois da Segunda Grande Guerra: “Este é o mistério da Europa: a vida não é mais amada”. E isto foi verdadeiro. Recordo isso com uma lembrança sempre apavorante. Minha geração foi conduzida a uma guerra mortal e experimentou em 1945 seu fim aniquilador. Nós nos acostumamos tanto com a morte que a vida se tornou banal. Ela tinha sido feita sem sentido. Nós nos tornamos imperturbáveis por uma blindagem de indiferença que tocava a alma. Somente com o tempo e lentamente é que os sobreviventes se despertaram para a vida. (MOLTMANN, 2014, p.58)

A banalidade chegou à vida pelas tristes e duras realidades que o homem passou, muitas delas criadas por ele mesmo, outras pelo desejo de poder e pela ganância que, de modo arrogante e despótico, o fez matar sem nenhum constrangimento. A espiritualidade do cuidado enfrenta hoje barreiras criadas pela falta de amor a tudo que foi criado, pela natureza, pela humanidade e até mesmo pelos bens materiais. A vida superficial não está no fato do homem possuir carros, casas ou roupas, mas em fazer disso o meio único para se sentir amado e tentar comprar o amor dos outros. A eminente falta de amor está nas atitudes de

fechamento que o homem tem diante da vida, o acúmulo de riquezas e a sua alucinação frente ao poder. Mullah Omar, conhecido líder talibã, afirmava que os jovens que o seguiam adoravam a morte. Cegos pelo fundamentalismo, não conseguiam ver o amor pela vida dos que não comungavam os mesmos ideais religiosos. “Trata-se da ideologia terrorista que tem se alastrado contra o mundo ateu ocidental, que tem custado incontestáveis vítimas também no mundo islâmico” (MOLTMANN, 2014, p.59). Esse terrorismo que ceifa a vida está cada vez mais convencido de que pode aniquilar a vivência de outros no mundo. Os diversos atentados nos EUA e os conflitos na Síria, Líbia, Iraque e até as tristes mortes em Londres e Paris e tantas outras são a prova de que não há amor verdadeiro pela vida, e sim um estúpido e cego convencimento fundamentalista em torno da religião (MOLTMANN, 2014, p. 57).

O amor pela morte parece um absurdo social, mas é uma triste realidade afirmada sem esperança alguma pelos ataques suicidas nos quais crianças e adultos são as próprias bombas. A vida encontra um fim aniquilador quando não há diálogo. Esses meios terroristas encerram qualquer acordo de paz sem ao menos dar a chance de promover reflexão. É o desejo unilateral da morte. Não há um projeto de esperança que valorize a vida e respeite os semelhantes que divergem do fundamentalismo. A sentença para os discordantes é a morte. Os terroristas certamente trabalham com uma hipótese muito real: os armamentos químicos e atômicos. Em agosto de 1945, as bombas atômicas foram lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki. Depois deste fato, temos uma triste constatação: a vida pode ser aniquilada de modo rápido e a natureza pode ser destruída do mesmo modo. O medo das armas atômicas não passa despercebido, é uma possibilidade que o ser humano criou para mostrar seu poder de destruição, mesmo sabendo que se aniquilará juntamente com seu alvo (MOLTMANN, 2014, p. 69).

Conviver com a ideia de que a vida pode ser aniquilada é pavoroso, mas não barra da mente dos poderosos e fundamentalistas o desejo de morte. O Planeta e a humanidade sofrem a degradação lenta por meio da poluição, contra isso muitos se empenham; há tratados que os países assinam em conferências para diminuir e cessar as agressões ao Planeta. Porém, a busca pela paz e a defesa da natureza deve ser um processo construído com esperança. Após o

mundo vivenciar os horrores de duas grandes guerras, totalitarismo e fundamentalismos religiosos, é necessária uma espiritualidade da esperança que toque de modo profundo a todo o mundo. Ao passo que caminhamos, o pessimismo impregna nossas vidas de modo desalentador. Necessita-se uma profunda revisão da vida e, com ela, a conversão do pensamento utilitarista que incide de modo negativo sobre a natureza. O estilo da vida humana deve ser remodelado; não podemos mais estar sobre a Terra sem nos atentarmos para as armadilhas que a humanidade está criando, muitas delas letais e todas injustas. O reducionismo humano atinge não somente a sua vida, mas tudo o que ele domina, como a natureza, que padece pela falta de amor. Enquanto não nos despertamos para a esperança, a natureza continuará a ser destruída e, com ela, o ser humano (MOLTMANN, 2014, p. 70).

CONCLUSÃO

Este trabalho apresenta a espiritualidade cristã na perspectiva de Jürgen Moltmann. A espiritualidade em perspectiva moltmanniana é vitalizadora, por isso apresentamos uma análise da sociedade segundo o sociólogo Zygmunt Bauman, autor que sinaliza as desesperanças e fragilidades de uma sociedade por ele denominada “líquida”. No primeiro capítulo, apresentamos a sociedade moderna e o seu padecimento com a falta da esperança; o consumismo, a vida vazia de sentido, a perda dos valores essenciais para uma convivência fraterna, a confusão entre liberdade e libertinagem, marcas que impactam a vida e a tornam líquida.

A solidez parece estar se liquefazendo; tudo o que a sociedade defendia como parâmetro para uma vida segura começa a se tornar líquido e “escorre de nossas mãos” A liberdade tão almejada pelo ser humano não é vivenciada com parcimônia; os assassinatos e latrocínios sinalizam ao mundo que a vida livre é um risco para quem não sabe respeitar o próximo. A libertinagem é a prática mais abusiva de uma sociedade que está líquida e não consegue conter o caos que a domina; as pichações em prédios públicos e privados, os assaltos nas ruas e a depredação do patrimônio alheio demonstram que os limites estão sendo transpostos.

Os limites não podem ser algemas que prendem nossas ações, nem podem silenciar nossa denúncia quando constatamos algo irregular na convivência social. Mas, a sociedade em geral está carente de um senso crítico que construa alternativas e aponte saídas para a liquidez que está corroendo os valores primordiais de uma vida saudável. Intelectuais de muitas áreas apontam para um enfraquecimento das reflexões sobre a vida e suas atitudes; as “críticas desdentadas” são uma realidade que invade os pensamentos. Pensar sobre a existência e as tragédias que nos atormentam é um trabalho penoso. Na realidade, refletir sobre a vida exige aceitar os erros pessoais que cometemos na sociedade e que acarretam problemas para o próximo. Muitos poderosos da sociedade líquida não admitem que estão matando inocentes; o político corrupto rouba recursos da saúde e da educação, empresários milionários sustentam

facções criminosas para garantir o poder e com essas atitudes a vida social está sucumbindo a um drama que penaliza pobres e inocentes.

Os tempos líquidos estão “encantando” a sociedade. A felicidade é uma promessa da liquidez, mas ela tem seu preço. Nesta sociedade, não importa a que modo, todos devemos ser felizes. Com esse encantamento, o egoísmo tem sido o ponto forte das atitudes humana; não há sensatez e nem altruísmo. Pouco importa a fome do outro ou a falta de estruturas básicas, como moradia e saúde. O ser individualista pensa: O que vale é a minha felicidade; portanto, o próximo é um competidor que ameaça a minha felicidade, partilhar e ajudar alguém não faz parte do sistema social líquido. Como a vida poderá ser plena se não há em nossa convivência o respeito mútuo que não permite a desigualdade de uma maneira tão absurda como vivenciamos? A felicidade é um direito para todos e não pode haver em sua busca rivais que se destroem deixando de lado o bem comum.

Ainda no primeiro capítulo, levantamos a séria questão sobre os meios de comunicação da atualidade. TVs, rádios, *internet*, os celulares. Embora seja louvável o avanço da tecnologia, ela não pode substituir os relacionamentos humanos. A “boa conversa” entre amigos é ocupada pelos viciantes aplicativos de entrosamentos; ter amigos virtuais espalhados pelo mundo é a constatação de que a liquidez atingiu as relações – até mesmo as relações amorosas, disponíveis hoje pelo namoro virtual que pouco assegura confiança aos parceiros, mas lhes dá a sensação de consumir a moda do mundo moderno. Ao caminharmos pelas ruas e avenidas nos surpreendemos com o número de pessoas de todas as idades presas aos seus celulares. Para elas, o mundo “gira em torno das pequenas polegadas de seus aparelhos”. Não há um diálogo de amigos ou a preocupação com quem está ao redor; se há um mendigo na rua, ele passará despercebido, pois os olhos estão fitos nas redes sociais.

As TVs, embora sejam uma conquista para a nossa comunicação, colocam em evidência o “retrato” de uma sociedade perdida e alucinada pelo consumismo. Os comerciais a todo momento invadem nossos olhares e os programas educativos perdem espaço para os produtos que precisam ser vendidos; nessa venda, o corpo é exposto e o erotismo alucina os telespectadores. A pornografia televisa alcançou o descaramento ao expor em horário nobre programas que exibem bonitas modelos e homens com o corpo trabalhado pelas altas academias

musculares. Na verdade, a TV não consegue manter-se educando ou informando seus telespectadores, pois um canal aberto ou particular destina grande parte de seu tempo para as propagandas que mantêm o seu custo operacional e o lucro. São comerciais sobre cosméticos, roupas e grandes marcas de produtos alimentícios. A chuva de informação televisiva polui nossa mente e, por vezes, ficamos perdidos com as informações desencontradas e confusas, algumas infelizmente patrocinadas por interesses escusos.

O rádio alcançou muita potência nos dias atuais; as famosas AM e FM são de alcances ilimitados, pois a *internet* as leva a qualquer parte do Planeta. A música sempre foi a “paixão dos ouvidos”, porém encontramos um “lixo musical” no qual o senso comum não canta as belas rimas e poesias. Observa-se uma desqualificação da mulher e a exaltação de um machismo aterrorizante. Muitas canções populares ainda resgatam o bom humor das pessoas e contam histórias belíssimas que levam a uma boa reflexão sobre a vida, no entanto muitas emissoras de rádios, movidas pela ambição de uma alta audiência, pouco selecionam suas músicas e acabam “infectando” nossos ouvidos com letras perniciosas. A característica das rádios na modernidade líquida não é somente de falha em conteúdo de informação, mas da deturpação musical e poluição sonora, com mentiras e tendências de acordo com as ideologias de seus proprietários.

As anomias da sociedade líquida revelam as fraquezas humanas ocasionadas pela falta de esperança. Por não acreditar em relações duradouras é que a audiência das novelas degradantes da família crescem. Sem esperança as belas canções são esquecidas e o rádio se potencializa com as músicas pornográficas que incentivam uma sexualidade desenfreada. O consumismo acaba sendo o sintoma de uma sociedade líquida adoecida por não ter esperança em dias melhores, onde o comprar substitui uma vida atuante e reflexiva. Ainda no desespero, muitos seres humanos estão deixando de lado a intelectualidade e se travestem de uma sabedoria provisória; até que alguém questione, estabeleça-se alguma “suprema verdade”. Sem a esperança não conseguiremos liquidar a apatia pela vida que é tão atuante nessa sociedade líquida que trata o ser humano como uma máquina de produção que não pode falhar jamais.

O trabalho deve ser para a dignificação do homem e seu sustento, no entanto a cada dia nos deparamos com o desemprego na sociedade líquida, fato que assombra muitas famílias. Essa assombração persiste por muitos motivos,

principalmente a falta de profissionalização e a substituição da mão de obra humana pelas máquinas tecnológicas. O mundo em sua liquidez não preza pelo bem-estar das pessoas, e nesse ritmo os grandes empresários patrocinam as máquinas que lhes custam muito pouco. O descarte do trabalhador é uma realidade que assusta, mas está a cada dia ganhando mais força, pois o que tem importado não é o ser humano e suas necessidades, mas o baixo custo e o grande lucro para as empresas.

Por fim, no primeiro capítulo lançamos uma das preocupações mais presentes da sociedade moderna líquida: o consumismo. Comprar, gastar e consumir, aos poucos, foi se tornando “sinônimo” para uma sociedade realizada e feliz. O crescente número dos *shoppings* que oferecem em suas vitrines produtos que fascinam seus compradores aponta para um consumismo delirante; comprar e gastar para não amar, ou consumir para conquistar. Muitas relações afetuosas são alimentadas por interesses; mulheres se apaixonam por homens que podem sustentar seu luxo e homens tendem a ser aproveitadores de mulheres que os sustentem. Não é uma relação harmoniosa centrada no amor e na ajuda mútua, mas em um jogo de interesses no qual o consumismo os leva a uma felicidade provisória, até que o dinheiro se acabe.

Após evidenciarmos as desesperanças da sociedade moderna líquida, no segundo capítulo abordamos o que é a espiritualidade cristã. Partindo de uma compreensão que resgata o valor da Palavra e a centralidade da espiritualidade cristã, que é Jesus, concluímos que o maior conteúdo para uma vivência espiritual é a vida. Em Jesus encontramos o exemplo de uma espiritualidade voltada para o próximo e um amor que nutre a convivência que, nos dias atuais, está líquida. Com a paz do Ressuscitado encontramos uma espiritualidade que busca a vitória dos conflitos sem perder a noção de que o Reino já está presente e sua edificação é uma conquista que depende da atuação dos cristãos. Quem deseja praticar a espiritualidade cristã, mas não se desdobra nas atitudes de Jesus está perdendo tempo; não há como vivenciá-la sem estar atento aos mandamentos do Senhor que devem ser cumpridos nesse mundo.

Com o segundo capítulo, iniciamos a defesa do nosso objetivo que é evidenciar o quanto a espiritualidade cristã, na perspectiva moltmannina, responde aos vazios dos tempos líquidos. Na perspectiva moltmanniana, inferimos a esperança como um elemento fundamental da espiritualidade. A vida,

apesar da liquidez, não pode perder a esperança e a vitalidade. Por isso, Moltmann ressalta a necessidade em vivermos em conformidade com o Espírito, mas em sintonia total com as necessidades humanas. Se é necessária vitalidade é porque estamos sem vida em muitas de nossas atitudes. A vitalidade é uma esperança que deve nos fazer vivenciar com intensidade uma espiritualidade encarnada na realidade em que estamos. Não vivenciar as realidades humanas é colocar em pauta uma experiência “espiritualizante” que não gera conversão e muito menos compromisso com uma vida atuante.

Ao relatarmos a vida de Jürgen Moltmann estamos abordando que sua experiência de vida é um exemplo de esperança de um ser humano que vivencia a espiritualidade cristã. Sua sensibilidade humana o fez buscar as respostas para questões difíceis de sua época, como o que seria do mundo após as atrocidades da II Guerra Mundial. A sua melhor resposta foi a esperança com a qual reconstruiu sua vida pautando-a em uma vivência atuante junto à teologia e às questões sociais que a impactam. De modo algum Moltmann vivenciou ou defendeu uma espiritualidade que não questionasse o mundo moderno líquido. O consumismo pode querer anestesiá-lo o ser humano frente a seus conflitos, mas não os resolverá. Por isso, a espiritualidade na perspectiva de Jürgen Moltmann não somente questiona a modernidade como lhe aponta caminhos para que suas relações se vitalizem; é necessário superar o consumismo egoísta e olhar para o próximo com piedade e compaixão. Agindo de maneira concreta na sociedade a espiritualidade deixa de sobrevoar superficialmente os problemas e os abraça a fim de os solucionar.

No terceiro capítulo encontramos as perspectivas da espiritualidade moltmanniana nos aspectos sociais em que o resgate da vida humana é preponderante e no cuidado para com o Planeta que nos acolhe. Moltmann enfatiza uma espiritualidade que não pode estar estagnada em si, mas busca uma ação concreta em favor das vítimas que sofrem pelas desesperanças nos tempos líquidos. O egoísmo tem sido um forte inimigo da espiritualidade; pensar no bem comum não tem sido uma prática, o que tem se desdobrado em terríveis atitudes desumanas. A fome, as guerras e o preconceito crescem na medida em que não permitimos que a esperança conduza nossas atitudes para o bem.

Moltmann apresenta-nos a espiritualidade da cruz que não está parada na morte, mas segue no exemplo de Jesus e seus seguidores. A crucificação de

Jesus foi a consequência de sua vida doada em resgate dos pobres e vítimas de seu tempo; a opressão política e religiosa sufocava a vida de modo que a lei era maior que a vida. A cruz não é a derrota de Jesus e seus ideais e ensinamentos, ao contrário, ela é o sinal concreto e visível de todos os batalhadores que, unidos em nome da fé, ousaram combater todo um sistema de morte vigente. A ressurreição de Jesus é a prova de que a cruz não foi o final, mas o início de uma longa história de lutas e conquistas que, também para os dias de hoje, são a esperança vitalizante que a sociedade precisa para ser justa e igualitária.

Ao afirmarmos que a esperança é a vitalidade que a sociedade líquida necessita, estamos na perspectiva moltmanniana de uma espiritualidade que não se tranquiliza enquanto as vítimas não forem justificadas e resgatadas. O sentido da vida que está se perdendo encontra na espiritualidade cristã uma motivação a se reerguer; ao doar-se aos pequenos e pobres a vida deixa de ser uma existência egoísta e paralisante para se abrir à caridade que cuida e zela pelo próximo. Enquanto muitos estão desesperados pelo mundo líquido, a espiritualidade cristã na perspectiva moltmanniana nos convida a preencher a vida de uma esperança concreta. Não devemos cerrar os ouvidos nem amarrar nossas atitudes diante dos sofredores, mas enquanto permitimos a ação do Espírito jamais dormiremos tranquilos ao sabermos da morte dos inocentes ou da fome dos pequenos.

Com a espiritualidade cristã na perspectiva moltmanniana o homem muda seu olhar para o próximo; não o vê como um competidor, mas como seu amigo e companheiro. A liquidez dissolveu as relações e as reduziu a interesses mesquinhos, mas a vivência da espiritualidade cristã vitaliza todos os relacionamentos, pois uma sociedade paralisada em suas amizades não conseguirá de modo algum resgatar os sofredores e ampliar o sentido da vida. O tempo para se relacionar de modo autêntico deve ser respeitado; o tempo com família e amigos não deve ser vendido como “hora extra” para dar lucro às grandes empresas, pois mundo industrializado parece cobrar a todo tempo uma postura de vida fechada para o lucro e não aberta para a felicidade. O tempo parece estar nos sufocando e, com isso, perdemos as relações e a vitalidade das amizades. Estamos sendo “mecanizados” pelos horários do capitalismo e perdendo o tempo essencial para vivermos.

O trabalho tão necessário para o homem deve ser realmente um meio para sua sobrevivência e não um ambiente de disputas desonestas. Com um trabalho justo, o ser humano pode manter sua dignidade e fortalecer sua convivência familiar; não viverá somente para o trabalho, mas em seus dias de descanso aproveitará para conviver com a família e amigos. Na modernidade, as grandes empresas não prezam por uma boa amizade ou coleguismo, a máquina tem substituído a mão de obra humana, e esse fato é um alerta: está faltando humanidade nos grandes empresários, pois estão visando o lucro, mas não terão vendas, pois sem empregos não há como comprar. O mesmo se desenvolve com os relacionamentos; as amizades acabam sendo minadas pela falta de convivência, pois as muitas horas de trabalho não permitem o lazer e o contato com as pessoas que amamos. A espiritualidade cristã que Moltmann defende é aquela que com sabedoria e discernimento oferece ao homem o equilíbrio para uma vida preenchida de sentido em tudo o que está realizando.

O terceiro capítulo finaliza com a sensibilidade de Jürgen Moltmann para um cuidado atento para com o Planeta e todo seu sistema ecológico. Dessa sensibilidade do teólogo, podemos intuir sua perspectiva de espiritualidade. A criação deve ser tomada por um cuidado esperançoso que deve ouvir os apelos da natureza. O homem com sua sede pelo poder e cego pela ganância perdeu o cuidado e a sensibilidade com a natureza; grandes florestas estão desaparecendo, rios estão sendo poluídos e o ar está cada vez mais pesado para nossa respiração. Essas atrocidades contra o Planeta são a marca da desesperança líquida de uma sociedade que não se sente a parte da criação. Muitos exploram a Terra para sobreviver, mas fazem de modo cuidadoso e necessário; outros agredem a Terra para proveito próprio e pouco se importam com as consequências.

Ao expor sua preocupação com o Planeta e toda a ecologia, Moltmann propõe que olhemos para a Terra e nos sintamos parte dela, e não seus donos submentendo-a de modo tirano a desejos capitalistas e egocêntricos. Em perspectiva moltmanniana a espiritualidade abarca toda a vida criada por Deus e que por Ele será salva; não seremos salvos deste mundo, mas salvos com ele. A salvação que não ocorre somente ao “findar dos tempos”, quando não houver mais nenhum sistema ecológico para os animais sobreviverem (inclusive os racionais). Por isso, se faz urgente um olhar cuidadoso para com a natureza, para

que ela não pereça com nossa brutalidade. As duas Guerras Mundiais deixaram em evidência a insensibilidade humana para com a criação; as bombas atômicas são uma triste realidade que, junto às armas químicas, podem acabar com todo o Planeta e destruir toda a criação. A espiritualidade cristã na perspectiva moltmannina sugere que apaziguemos nossa vida e revitalizemos nossas relações com a natureza, pois ela não é um apêndice da criação. Ela é parte vital de tudo o que Deus fez, por isso merece nosso cuidado e respeito.

Ao concluir esse trabalho estamos cientes de que a pesquisa feita lança muitas questões que aqui não foram refletidas; porém abrimos um espaço para que na Ciências da Religião pudéssemos abordar as questões do mundo contemporâneo pela mediação de várias ciências; filosofia, sociologia e a teologia. Essa interdisciplinaridade é a grande contribuição que trazemos para a Ciências da Religião; abordar com diferentes autores um tema pertinente para o mundo: Espiritualidade em uma sociedade líquida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANCILLI, Ermano. *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós – moderna*. São Paulo, SP: Paulus, 1997.
- _____. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro, RJ: 1998
- _____. *O Mal-estar da pós modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. *A sociedade individualizada*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. *Amor Líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- _____. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- _____. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- _____. *Vida para consumo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- _____. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- _____. *A arte da vida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- _____. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- _____. *A cultura no mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BELLOSO, J. M. R. Esperança. In: *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999.
- BERNABÉ, C. Reino de Deus. In: *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999.
- BERNARD, Charles André. *Introdução à Teologia Espiritual*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BINGEMER, Maria Clara. *O Mistério e o Mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.
- _____. *Narrativas Místicas*. São Paulo: 2016.
- BLOCH, ERNST. *O princípio Esperança*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- BULTMANN, Rudolf; ALTMANN, Walter. *Crer e compreender: artigos selecionados*. São Leopoldo: Sinodal, 1987.
- CATÃO, Francisco. *Espiritualidade Cristã*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- COELHO, Antonio Macieira. *Salazar, o fim e a morte: história de uma mistificação*. Lisboa: D. Quixote, 1995.
- GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida*. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann. São Leopoldo: Unisinos, 2006.
- _____. *Questões Contemporâneas de Teologia*. São Paulo: Paulus, 2010.

- _____. *Ontologia Hermenêutica e Teologia*. Aparecida: Editora Santuário, 2011.
- HOBSBAWM, E. J. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KUZMA, C. Da esperança à teologia da esperança: uma reflexão sobre o caminhar da esperança cristã em Jürgen Moltmann. *Caminhando*. São Bernardo do Campo, v. 13, n. 22, 2008.
- _____. *O futuro de Deus na Missão da esperança*. São Paulo: Paulinas, 2014.
- MOLTMANN, J. *Deus na criação: doutrina ecológica da criação*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- _____. *A Fonte da Vida. O Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. *A Vinda de Deus. Escatologia cristã*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- _____. *O Espírito da Vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- _____. *Teologia da Esperança*. São Paulo: Loyola, 2005.
- _____. *Ciência e sabedoria: um diálogo entre ciência natural e teologia*. São Paulo: Loyola, 2007.
- _____. *No fim, o início: breve tratado sobre a esperança*. São Paulo, SP: Loyola, 2007.
- _____. *O Caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*. São Paulo: Academia Cristã, 2009.
- _____. *O Espírito da Vida: Uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- _____. *O Deus Crucificado*. Santo André: Academia cristã, 2011.
- _____. *Trindade e o Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- _____. *A ética da Esperança*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- _____. *A Igreja no poder do Espírito*. Santo André: Academia Cristã, 2013.
- MOLTMANN, J. e BOFF, Leonardo. *Há esperança para a criação ameaçada?* Petrópolis: Vozes, 2014.
- MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus 1984.
- MONDIN, Battista. *Os grandes teólogos do século vinte*. São Paulo: Paulus, 2003.
- MONDONI, Danilo. *História e teologia da espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 2014.
- MUNSTER, A. *Ernst Bloch: Filosofia da práxis e utopia concreta*. São Paulo: Unesp, 1993.

NETTO, José Paulo. *O Que é Stalinismo*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1981.

Papa Bento XVI, Carta Apostólica *Spes Salvi*. São Paulo: Paulinas, 2006.

Papa Paulo VI, Constituição Apostólica *Gaudium Et Spes*. São Paulo: Paulinas, 2007.

POZZEBON, Paulo Moacir Godoy. *Mínima Metodológica*. Campinas: Alínea, 2004.